

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

HOMENAGEM
À MEMÓRIA
DE EUGÉNIO
DE CASTRO

VOLUME 109.º

COIMBRA MCMXLVII

INSTITUTO DE COIMBRA

DIRECÇÃO

ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO . . .	<i>Presidente</i>
ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL .	<i>Secretário</i>
GUMERSINDO SARMENTO DA COSTA LÔBO	»
JOSÉ PINTO LOUREIRO	»
MAXIMINO DE MORAIS CORREIA . . .	»
AMADEU FERRAZ DE CARVALHO . . .	<i>Tesoureiro</i>
DIOGO PACHECO DE AMORIM	<i>Presid. da 1.^a classe</i>
JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS	» » 2. ^a »
MANUEL LOPES DE ALMEIDA	» » 3. ^a »

COMISSÃO DE REDACÇÃO

AMADEU FERRAZ DE CARVALHO — ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO (U. C.), *Presidente* — ANTÓNIO AUGUSTO MENDES CORREIA (U. P.) — ANTÓNIO BAIÃO (D. A. N. T. T.), ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL (A. U. C.), *Secretário Geral* — Coronel BELISÁRIO PIMENTA — Almirante CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO — DIOGO PACHECO DE AMORIM (U. C.) — DOMINGOS FÉZAS VITAL (U. L.) — ELÍSIO DE MOURA (U. C.) — JOÃO GUALBERTO DE BARROS E CUNHA (U. C.) — JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS (U. C.) — JOSÉ MARIA DE QUEIROZ VELOSO (U. L.) — JOSÉ PINTO LOUREIRO (E. I. C. B., D. B. M. C.).

DIRECTOR DA BIBLIOTECA

Coronel BELISÁRIO PIMENTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Bairro de Sousa Pinto (Edifício de S. Bento) — Coimbra

O INSTITUTO

VOLUME 109.º

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

HOMENAGEM
À MEMÓRIA
DE EUGÉNIO
DE CASTRO

VOLUME 109.º

COIMBRA MCMXLVII

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente

Prof. ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO, da U. C.

Secretário Geral

ANTÓNIO GOMES DA ROCHA MADAHIL, do A. U. C.

Vogais

AMADEU FERRAZ DE CARVALHO.

Prof. ANTÓNIO AUGUSTO MENDES CORREIA, da U. P.

ANTÓNIO BAIÃO, D. A. N. T. T.

Almirante CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO.

Prof. DIOGO PACHECO DE AMORIM, da U. C.

Prof. DOMINGOS FÉZAS VITAL, da U. L.

Prof. ELÍSIO DE MOURA, da U. C.

Prof. JOÃO GUALBERTO DE BARROS E CUNHA, da U. C.

Prof. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS, da U. C.

Prof. JOSÉ MARIA DE QUEIROZ VELOSO, da U. L.

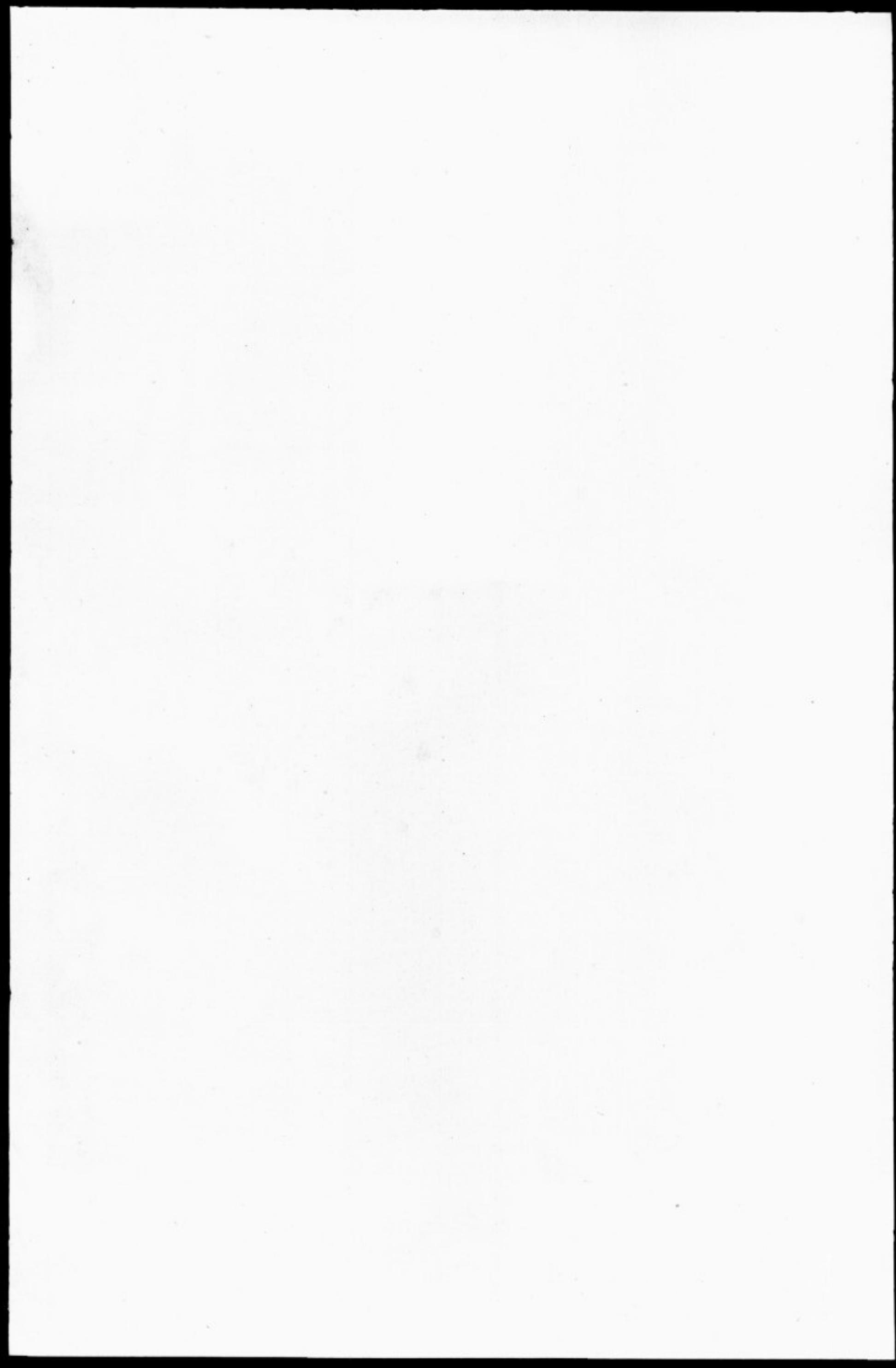
JOSÉ PINTO LOUREIRO, da E. I. C. B., D. B. M. C.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

BAIRRO DE SOUSA PINTO (Edifício de S. Bento)

COIMBRA





31 DE JANEIRO DE 1946

SESSÃO DE HOMENAGEM
A MEMÓRIA DE EUGÉNIO DE CASTRO

O Doutor Eugénio de Castro foi um sócio dedicado e generoso do Instituto de Coimbra. O eminente poeta por muitos anos pertenceu à comissão de redacção da revista, em cujos volumes se encontram dispersas numerosas joias, com liberalidade destacadas da sua obra literária.

Também muitas vezes honrou o Instituto concedendo brilhante colaboração a sessões que devem recordar-se como manifestações de elevada actividade cultural neste meio universitário.

Para um desses notáveis serões literários ofereceu Eugénio de Castro a primeira leitura do seu — *Rei Galaor*. Para um auditório extasiado, a beleza do poema foi realçada pelos sublimes dotes do autor como leitor.

Por muitos anos este homem eminente, nosso orgulho como portugueses, porque a sua obra nos exalta entre o mundo culto, modestamente se dedicou ao ensino elementar da língua francesa na Escola Brotero e em colégios particulares.

Só em 1914 foi prestada a homenagem oficial devida aos seus méritos: abriu-lhe as portas a Universidade de Coimbra, sendo convidado para entrar no corpo docente da Faculdade de Letras.

Na minha vida de professor desvaneceme a honra de tomar então parte nas reuniões do conselho da Faculdade de Letras e assim ter dado o meu voto para um convite a que deve associar-se o do malgrado professor Carlos de Mesquita, alto espírito, tão cedo arrebatado pela morte.

Homens que, como este, deixam obras de eterna beleza são sempre lembrados e sempre amados.

*

O «Instituto de Coimbra» inicia por esta sessão as homenagens à memória de Eugénio de Castro. Em seguimento dela virá a publicação de um volume da sua revista, que, pelo valor dos colaboradores, desejamos se eleve à altura exigida pela grandeza do Poeta.

Há quase meio século — completam-se os cinquenta anos no próximo dia 2 de Fevereiro — realizou-se no «Instituto de Coimbra» uma sessão memorável na qual Eugénio de Castro pronunciou a sua conferência sobre João de Deus, depois publicada na revista «Arte» de que eram directores Eugénio de Castro e Silva Gaio.

Um grande Poeta analisava com a maior elevação e com profundo sentimento a obra de outro tão amado.

Essa conferência começava assim: «De todas as homenagens ultimamente rendidas à memória de João de Deus, a do «Instituto de Coimbra» sendo a mais modesta, é, no meu entender, a mais significativa, a que mais lisongearia o coração do Poeta, se os mortos soubessem o que se passa na vida.

Para os espíritos claros e experimentados, a verdadeira glorificação dum génio não consiste em lhe consagrarmos aparatosos cortejos, nem tão pouco em o saudarmos com torrentes de elequência vã; consiste, sim, no profundo estudo e na conscienciosa explicação das suas obras. Um capítulo de crítica subtil vale por todas as apoteoses».

Em obediência ao seu conselho, sobre o Poeta muito nos vêm dizer portadores de altos espíritos, um, seu contemporâneo, outro da geração actual.

O «Instituto de Coimbra» desejava ter hoje aqui dois ilustres companheiros de Eugénio de Castro, na fase das lutas ardentes em defesa e difusão de novos ideais.

Pedimos a colaboração de D. João de Castro e de Júlio Brandão. Em nome da Direcção do Instituto dirigi ao primeiro a mensagem seguinte:

«Passou o aniversário da morte de Eugénio de Castro. O «Instituto de Coimbra», sempre generosamente acarinhado

pelo Poeta, deseja, no princípio do novo ano lectivo, realizar uma sessão de homenagem à sua memória, com a elevação imposta pelo seu nome glorioso.

Aos seus irmãos nas letras, os que com ele combateram na fase brilhante da juventude, nos dirigimos. E assim, em nome da velha instituição coimbrã, venho pedir a colaboração de V. Ex.^a, associando o seu nome ilustre ao de outro companheiro de Eugénio de Castro, Júlio Brandão».

Infelizmente D. João de Castro não pôde aceder ao nosso convite. Inpediu-o o seu estado de saúde.

O «Instituto de Coimbra», em termos idênticos se dirigiu a Júlio Brandão.

Também por precário estado de saúde, não pôde vir, mas colabora nesta sessão. O nosso comum amigo, Dr. Aarão de Lacerda, vai dar-nos a honra de ler o que para ela escreveu o Poeta.

Na conferência sobre João de Deus, dizia Eugénio de Castro: «Arte é a criação voluntária da Beleza. Para ser um grande artista é necessário um grande espírito».

Um grande Poeta deve ser analisado por um espírito superior e também um grande artista.

O «Instituto de Coimbra» teve a felicidade de ver o seu pedido para um estudo sobre Eugénio de Castro, aceite pelo Prof. Vitorino Nemésio. O grande romancista, o poeta brilhante, o crítico ilustre, vem dar a esta sessão o alto valor que desejávamos.

Das mais gratas recordações de Eugénio de Castro conservam os seus amigos a da perfeição da sua palavra, encantando sempre, quer na simples conversão, (e era um conversador incedível), quer na recitação primorosa dos seus versos.

O Doutor Paulo Quintela vai também deliciar-nos com a leitura de alguns poemas de Eugénio de Castro. Quem melhor o poderia fazer?

Para terminar esta sessão, o Orfeão Académico tem a generosidade de cantar dois números. O seu ilustre director

— Raposo Marques — brinda-nos com a primeira audição de uma peça brilhante seguida por um canto com letra de Eugénio de Castro.

A todos os colaboradores do *Instituto* neste serão que tanto abrilhantaram, ao grande pintor de Coimbra — Fausto Gonçalves, que deu a estas pobres salas aspecto acolhedor, os nossos bem sentidos agradecimentos.

ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO

PERFIL DE EUGÉNIO DE CASTRO

O Instituto de Coimbra quis que me coubesse a honra de desenhar o perfil de Eugénio de Castro nesta sessão de homenagem ao grande poeta português, glória de Coimbra e da sua pequena academia. Pequena pela modéstia dos seus recursos materiais, pela sua discreta configuração de arcádia de pastores comedidos e dispersos, pela voluntária renúncia às galas de espanto: mas algumas vezes grande pelo alcance dos trabalhos realizados na penumbra propícia à erudição e mãe das claridades do juízo.

Adivinho no gesto, para além do convite formal, a fidalga generosidade do Senhor Prof. Doutor Anselmo Ferraz de Carvalho, que viu no seu antigo e efémero discípulo de uma Geografia Física que me recusou, por indigno de Urânia e de Cíbele, os seus arcanos, o vago e de algum modo mimoso menino de Polínia, talvez capaz de dar conta do recado de um dos maiores alunos que Apolo, deus de pastores, industriou na Lusitânia, já que tão má conta deu da paralaxe e de outros não menos angulares e astrais mistérios de Febo...

Da minha merecida expulsão do tempo das ciências telúricas não guardo, porém, só a vergonha de réprobo: mas a autêntica impressão de um professor exemplar, sábio e benévolo, que a vizinhança e uma certa convivência coimbrã me foram mostrando aliar o rigor e a profundidade científica ao respeito e à intimidade das coisas espirituais.

Sem dúvida que ao generoso impulso do ilustre Presidente do Instituto de Coimbra aderiram os doutos confrades que com S. Ex.^a partilham as responsabilidades de direcção da quase secular

academia. Por isso, a minha gratidão, saldada esta velha dívida pessoal, a nenhum distingue, nem a VV. Ex.^{as} todos, que me honram ouvindo-me, exclui. Aqui estou pois, perplexo senão leviano, disposto a cumprir o alto encargo. A levandade é fácil de perceber: porque escrevi estas palavras tarde, arrastado na malha inextricável do tempo de relógio, da profissão de professor e dos mil e um outros cercos de pesca à disponibilidade de um português 1946, mais proletário de prole que operário de obra. E Eugénio de Castro, exemplar e prolífico proletário no sentido unamuniano que aqui dei à palavra, também foi duplamente operário, homem de salário e de artefacto, suando o seu pão no ensino das humanidades, mas deixando-o pago nos vagares e escrúpulos da obra-prima. Ele não merecia pois que um seu antigo aprendiz, mais da oficina de ritmos que da cátedra de letras francesas, lhe viesse aqui sopesar a vasta e bela obra com o ânimo leve dos topa-a-tudo, — levianos esbanjadores, forçados ou não, do sério tempo.

Perplexo estou também por esta irresistível invasão do ritmo do «elogio histórico» com que foi surpreendida, não sei porque Musa, a minha prosa, que habitualmente bate a outro pulso. O discurso queria-se aqui fluente e natural como linfa que margina outra linfa, — o pobre fio de água que acompanha um pouco o rio já grosso e seguro da foz. Narrativo? A biografia é realmente um dos métodos de abordagem destes rios humanos que são poetas. Crítico? A crítica é na verdade a ciência mais geral da criação literária. Mas... crítico? no dia de hoje... aqui... na presença de uma sombra ilustre e cara, que todos nós convocamos e que, como viva, em nós se adensa?... Analítico? de quem quase que acabou de entrar no reino da última síntese, daquela que já não deixa jogar à tese e à antítese com quem incorporou no seu segredo e a quem deu algo do *mysterium tremendum* das pessoas olímpicas...?

Se de um e outro modo eu aqui usar, isso virá mais da natureza das coisas, que são um homem e uma obra, do que do meu mero propósito de deixar fluir em meandros de sincera e como que hierática lisonja o córrego das minhas palavras ao longo do rio das dele. Poesia atrai poesia. E as palavras poéticas têm

esta vantagem consigo: que, pobres ou ricos, vêm já tocadas de ordem e pesadas de sentido, como o rebanho que se espalha e vai, de montante a jusante, acusando as margens quase encantadas do rio poderoso e visível.

Há mais de vinte anos, na idade alvoroçada em que os vaticínios têm preço, Eugénio de Castro apresentou-me em Coimbra a um público luzido como este, prometendo-lhe da minha parte «os mais belos e succulentos frutos». Perdôe-se-me o excesso de memória... Um moço não esquece a voz que generosamente lhe prometeu uma árvore e uma sação. São quase promessas de amor confianças de poesia. A minha ambição seria pois trazer bucòlicamente aqui, à memória de Eugénio de Castro, para ao menos uma vez fazer o dito certo, um dos tais «belos e succulentos frutos», coisa que ele estimasse e ponderasse com um fino e guloso sorriso, — casta maçã mental, mancenilha esotérica, simples medronho que adormece o silvano e atesta as florestas primitivas.

Este homem olímpico, de feições feias mas tocadas no olhar e num leve meneio precioso pela Beleza que, como um anjo, o acompanhava, traça no âmbito de Coimbra um itinerário invariável, que se incorpora à cidade e a acrescenta ano a ano. A sua marcha grave, como que feita de jambos e de espondeus, é uma das medidas do tempo escolar e do tempo futrica. É o fio das horas poéticas, e o seu corpo composto e um pouco espesso o quadrante do invariável.

No seu passo não há pressa; no seu rosto e nos seus gestos não se descobre frenesim. A sua pessoa afivelou de uma vez para sempre a máscara da dignidade civil e da compostura urbana, de onde a custo se poderá tirar uma nota de preocupação ou de amargura. A melancolia vela constantemente o seu olhar um pouco esbugalhado mas cheio de sensual doçura, que uma ironia, ao mesmo tempo voluptuosa e transcendente, policia e sublinha.

Uma voz velada e quente rompe de quando em quando o aparato corporal desta expressão. Mas o artista e o intelectual estão recatados; não se acusam. O vizinho anónimo escusa de sublinhar a conversa quando lhe dá bons dias. O jovem literato alvoroçado perde o seu tempo se lima a frase com que tímidamente se lhe acerca. Vai ali apenas uma pessoa qualificada, que preza o seu perfil social e aguarda discretamente a homenagem civil que lhe é devida. Prestado o tributo transiente (de que está desterrada a esperança ou a gula de uma subserviência qualquer), toda aquela dignidade compacta se abriu, deu a sua sóbria e perfeita flor de cortesia — e passou.

O círculo do itinerário é forçoso e preciso como a circunvalação dum forte. A sentinela que o faz tem de vigiar o recinto da fortaleza; cuidar dos víveres dos sitiados; ver o horizonte como está de nuvens e de promessas de assédio. Não há pois vagar para esbanjamentos de alma e de tempo.

No castelo há uma torre do melhor marfim que em Portugal se trabalhou; mas o castelão não está lá fechado dia e noite. A torre levanta-se quase invisivelmente numa casa ampla mas modesta, ao mesmo tempo residência fidalga e lar aconchegado e burguês, — que o tempo não vai para feudalidades, e o castelão aceitou com humana nobreza o estipêndio de puro guardador de um outrora.

As gentes são às vezes fracas e mesquinhas de entendimento: Não andam a par das linguagens que fizeram a sua época e dificilmente servem para tratos e trocas no tempo da algarada. Por isso aquele homem metucioso e solene, que lá vai tão distante e metido no seu protocolo um pouco rígido, pode parecer muitas vezes o simples portador do dicionário arcaico dos nefelibatas e do prontuário do armeiro-mor.

Basta, porém, um encontro que caiba na sua rota e a não transtorne com impertinência, para que a singular e insólita encomenda, de que o homem eminente parece encarregado nas estalas da Universidade e nos melhores lugares da rua, se transforme numa mensagem de mortal como outra qualquer: uma compra nas lojas da Baixa, alguma rara volta pelas livrarias ou farmá-

cias, um curto passeio ou visita a um amigo, dos poucos que cedo lhe restam de um número restrito de afeições.

Mas se a intimidade de Eugénio de Castro era difícil, a sua humanidade era fácil, a sua bonomia um presente interior quase esbanjado. Uma irreprimível identificação com o feitio provincial, e até com o fundo popular da sua cidade de Coimbra, humanizava a tendência aristocrática dos seus hábitos e o gosto cosmopolita da sua mais querida convivência. E assim, se as dedicatórias dos seus livros estão cheias de nomes principescos, a par de alguns nomes familiares, a história do seu trato não se fará sem um inquérito em que terão de depor archeiros, barbeiros, serventas de república, pequenos empregados que guardam na sua saudade e no seu orgulho um sorriso do prócere, um gesto do fidalgo, uma boa palavra e um bom sentimento do vizinho poeta e lente.

A passagem de Eugénio de Castro pelas ruas de Coimbra, nos seus tempos de modesto professor da Escola Brotero e ainda na sua fase de lente e de decano universitário, tinha o valor hierocrónico que os biógrafos de Kant assinalam aos inalteráveis e periódicos movimentos do filósofo na cidade da Prússia Oriental. Não é que Coimbra não possuísse, no seu capital humano, outros valores de cunho. Havia professores veneráveis e carregados de serviços. Júlio Henriques, entre outros, era o símbolo da vigilância científica na constância de uma instituição austera-mente europeia. Daniel de Matos, como antes dele João Jacinto, foi o expoente do fervor clínico que da enfermaria escolar se estende eficaz e caridosamente à cidade. Um Manuel da Silva Gaio significava o ardor perpétuamente juvenil da vida espiritual resignada a um meio pequeno; Quim Martins a boémia e a dissipação, disfarçando num fauno do Choupal os cuidados de um deus etnónimo pelo recinto sacral do seu povo adoptivo. Quase todos eles, tanto como Eugénio de Castro, eram fontes de autenticidade e de irradiação espiritual, credores de respeito e de gratidão civil, figuras que decoram e honram uma terra. Mas Eugénio de Castro, além de trabalhar num domínio mais propício à notoriedade de grande voga, soube inserir a significação

local da sua obra numa zona de alcance nacional, inscrevendo este, por seu turno, num sistema europeu de comunicação.

A sua obra poética, moderna em formas e temas, não é certamente a única universalizável do seu tempo. Outras houve talvez mais propriamente inspiradas, algumas com mais fundo de espírito e com igual ou mais radical substância portuguesa e humana. Mas Eugénio de Castro tinha, além de um talento sortilégio, de tipo europeu, um sentido exacto do momento histórico das formas e o gosto inato do convívio civilizado pela literatura, considerada não apenas como um tesouro escondido de saberes e invenções, mas como um sistema activo de relações e de trocas humanas.

Nesse aspecto, Portugal e a Universidade de Coimbra devem-lhe uma coisa que frequentemente se desnatura, mas que é autêntica e viva, e que se chama *prestígio*: o ascendente daquele que encaneceu e produziu ao largo a prova dos seus méritos; a ordem senatorial da civilidade científica ou literária.

No estilo de vida de Eugénio de Castro, no seu comportamento público, enfim na sua urbanidade — que é quanto podemos ter de mais imediato no vivente, réplica constante dada à nossa interpelação sobre aquilo de que é portador, — reflectia-se essa dupla dignidade de porte: um revestimento interno de significações e de valores, e uma investidura solene, exterior, do reconhecimento deles. Nas fronteiras do monge íntimo com o hábito da sua Ordem se desenrolava o drama da solidão radical de Eugénio de Castro. Nele, sim, que o hábito fazia o monge, tanto como o monge o hábito. Grande escritor português e talvez por isso sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa e do Instituto de Coimbra; escritor internacional e, por isso, membro correspondente da Real Academia Espanhola, da Real Academia de Belas-Artes de São Fernando, da Real Academia Galega e da Academia Brasileira de Letras; nobre de linhagem e, assim, fidalgo cavaleiro da Casa Real por sucessão; cidadão prestante e, por isso, Comendador da antiga, nobilíssima e esclarecida Ordem de S. Tiago, do mérito científico, literário e artístico, e Cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo; arauto das letras portuguesas e, por isso, Comendador da

Ordem de Afonso XIII de Espanha, Oficial da Legião de Honra de França e Cavaleiro da Ordem de Santo Olavo da Noruega; emissário da Universidade de Coimbra e, por isso, Doutor *honoris causa* das Universidades de Estrasburgo e de Lyon... — tudo isso Eugénio de Castro, genealogista da própria árvore, averbava calma e desenfasiadamente nos seus costados, com o mesmo escrúpulo e seriedade com que não enjeitava os seus mais modestos títulos de professor da Escola Industrial e Comercial de Brotero e de diplomado pelo antigo Curso Superior de Letras de Lisboa.

Era esta, com alguns cata-sóis e alguns quadros e móveis de estima, a *mise en scène* da comédia social. E, agora, o drama?...

Eugénio de Castro, homem discreto e orgulhoso, servo do pundonor e dos deveres de família, teve sempre o cuidado de guiar as efemérides da sua vida de modo a não dar pasto à curiosidade dos biógrafos. A pedra de escândalo, maior ou menor, de que cada homem é necessariamente portador, em vez de a arremessar esplêndidamente à multidão, preferiu lapidá-la em silêncio, fechá-la no cofre da sua delicada reserva, como uma jóia fria de reflexos mordentes e saudosos. Não insinua nada sobre as facetas dessa íntima pedra de pecado, nem mesmo em nome da ávida e feroz curiosidade que assedia os grandes artistas mortos e dá preço a toda a espécie de moeda de que se proveram para a larga viagem da vida. Seria a esmeralda paradoxal de «os que amam sem esperança», os de coração incansável, únicos amantes verdadeiros, pois que os confiados, como diz o conhecido soneto do poeta, «amam metade» apenas? O sangrento rubim da volúpia e do conseguimento, pedra de toque daqueles seus versos do *Interlúdio*: «Ante a posse os desejos esmorecem: / Do amor na amarga pugna, / Fui como os doentes que tudo apetezem / E a quem tudo repugna»? O topázio da ambição, talismã dos tesouros que voaram e sardónico riso da decepção que não falhou? Não faltam pedras preciosas no adreço estilístico do poeta para que qualquer amador da linguagem das jóias e das flores se entretenha com uma tão arbitraria como estéril tentativa de correspondências de vida a obra e de obra a vida.

Na *Belkiss*, por exemplo, Nastosenen, mostrando à Rainha de Sabá o tesouro do seu palácio, diz de uma âmbulazinha: «Este frasco tem água da fonte Asbadea, que torna hidróticos os perjuros...» E dos frutos que servem comumente aos poetas eróticos de símbolos de seios femininos («É o jardineiro que morde / Frutas verdes no jardim...»), diz o seguinte: «São limões colhidos à beira do lago Asphaltite: parecem de ouro e estão cheios de cinza...» Belkiss torna-lhe: «Ah! bem sei... Zofesamim fala muito desses limões: diz que são como as mulheres vaidosas...»

Depois, Nastosenen abre uns cofres: «São de marfim: comprei-os a um pastor do Ganges... O mais pequeno contém antimónio para pintar os olhos, e o maior está cheio de *henné* para tingir as unhas...» Um monte de áureos conglomerados brilha nas mãos de Nastosenen: «Lincúrnios... São cristalizações de urina de lince e atraem o cobre, o ferro, as folhas secas e as palhas...» «Vê esta esmeralda!... tem quatro côvados...» Seria a do «amor sem esperança», «*smaragdus giganteus*» do amoroso fiel e resignado? Ou então, símbolo do amador sorridente e epicúreo, esta *calais* para a qual Nastosenen chama a atenção de Belkiss: «Vê como o seu verde é moderado e é doce...»

Mas Belkiss está farta de jóias: «Tenho os olhos cansados, Nastosenen, e cegos de tanto brilho...» Assim o poeta, tardívago e serenado à janela da sua casa da Alta, vendo o mesquinho obelisco de uma generosa devoção ao príncipe dos poetas de amor, fatigado de jóias de museu e de jóias retóricas, sorria às gemas efémeras do poente coimbrão. Ou então, ele mesmo em ocaso de solicitações e de fama, às portas da morte, quase removido por utilidade pública para a quinta paterna do Sidral, reconstituiria com as mesmas gemas solares o longínquo tesouro dos seus ritmos e o deslumbrante sortido da sua joalheria verbal. Agora, porém, o sol de Coimbra não acendia janelas da Alta no Colégio de S. Pedro, nem as corroidas barbas de El-Rei D. Dinis no nicho da Porta-Férrea. Agora, estavam dourados até longe os olivais do Mondego. Uma última barra de ouro coroava a primeira linha de chorões, antes que os eucaliptos

do lado de lá da ponte transtornassem a ilusão de Coimbra intacta ao poeta que ia morrer. E parecia que a terra de Eugénio de Castro, — «toda ternura de verdor corrente», como lhe chamava o seu amigo Unamuno, — pagava ao criador de *Constança* a sua fidelidade lírica: o ter-lhe gravado, nesse grande pergaminho poético, dos maiores da literatura portuguesa, a imagem casta e a feminina e doce emanção nos espectros de duas princesas: Constança, a «ave», e Inês, o «fruto»:

Do meio-dia pela calma ardente,
Exalta-se o zunido das cigarras
Nos choupos do Mondego, que parece,
Todo sêco, uma estrada de gigantes;
Só na margem d'além um veio corre
Tão invisivelmente, que, se acaso,
Um barco por lá passa, dir-se-ia
Que vai singrando no areal adusto.

E, alguns versos adiante, quando a «travessa Inês» despe Constança para se banharem juntas e antes que «traíçoeiro abro-lho / num dos seus pés de jaspe» se lhe crave:

De quando em quando,
As rôlas cantam... Entre as folhas verdes,
Ao ruivo sol, Coimbra resplandece,
Toda de puro, de brunido argento.

Perto do Sidral, à hora em que Lavínia, Fúlvia, Dulce e outras iam ceder a vez e o lugar à Parca na lembrança do poeta, ficava o busto do seu companheiro e émulo António Nobre, mais amado dos deuses, que o levaram jovem para terras elísias, onde nem já os Doutores da Igreja dão aulas, onde não há sessões solenes de Academia nem doutoramentos *honoris causa*, cuidados domésticos, mortes constantes de entes queridos, congregações de Faculdade, acidentes de viagem, dispersão de filhos, mudanças de casa... — enfim uma vida longa e laboriosa, que por momentos pôde dar a impressão de implantar-se no fausto e

na fortuna, de ser o vasto e fácil campo de ouro da cigarra de prata, mas que afinal foi carreada, migalha a migalha, por uma das prósidas formigas dos duros invernos deste mundo.

Ali, na alpendurada do Sidral, de onde Eugénio de Castro deve ter dito adeus à sua Coimbra natal e mortal, está indicado o caminho da gratidão, aliás já escolhido pela cidade, e cujo marco será naturalmente um busto na Ínsua dos Bentos, que acrescente ao gesto acolhedor e natural do rio o sorriso sensual e melancólico de quem não precisou dizer «Mondego! Mondego!» na sua obra para que se sinta que ele é a sua mais íntima veia.

A poesia de Eugénio de Castro está dada numa arte tão acentuada e absorvente que muitas vezes esconde o seu mais íntimo fluir. A obsessão da *poesia pura* cegou-nos um pouco para todo o material poético que se adiante demasiado sobre o carisma lírico, — o anelo, a efusão abstracta de toda a plasticidade, o vago verbal onde o mistério celebra as suas núpcias com a imaginação tensa, exorbitada da representação, enfim sobre o dado e primário poético que se diz mais inspirado ou infuso do que expresso. É natural. Eugénio de Castro não só era temperamentalmente um homem de sentidos, como, da experiência simbolista (se acaso essa mesma não foi antecedida de uma escolaridade clássica dos temas e da técnica do verso), só atingiu o que já estava pressuposto no Parnaso, e, a mais, um certo aparato simbológico, um reportório de temas e um figurino de modismos. Por isso, a fase por ele mesmo crismada de «nefelibata» e representada principalmente pelos *Oaristos* e pelas *Horas*, apesar de ser a que o lançou e ficou reivindicando o seu lugar de relevo na voga, está longe de ser a que lhe dá pleno direito ao grande lugar que ocupa na poesia portuguesa.

Num poema consagrado «Ao Divino João de Deus», logo em 1895, a uns cinco anos de distância da batalha e do escândalo simbolistas, Eugénio de Castro mostra-se confessadamente convertido à ortodoxia lírica encarnada pelo velho harmonioso.

Mais!: fá-lo já num estilo de ode, levemente arcadizante, que recua, até pelo menos a Castilho, o pretendido e real influxo do lírico petrarquista do *Campo de Flores*:

Duma poética tarde na doçura,
Maviosa flauta ouvi, tão viva e branda,
Que o eco dela inda em minh'alma dura.

...

Águas e plantas, tudo te escutava,
E até o meu rebanho, mais travesso
Do que um rancho de títiros, parava!

...

A ti, Sol dos arcádicos pastores,
É pois que eu devo o cubiçado tino
Com que em música torno o riso e as dores.

Vão já longe as «epifanias» e os «licornes», o rubro «mineral» dos poentes, o «auroral», o «vesperal», o «lilial», o «flavo», o «aprilino». É certo que alguns desses instrumentos de qualificação, de ritmo e de rima servirão de onde em onde no arsenal do gramático poeta, em quem toda a aquisição eurrítmica, semântica ou mórfica é considerada pelo seu valor de variedade, e ecléticamente guardada para uma precisão oportuna. Mas o eclectismo, se de momento significa uma perturbação trazida pelo sistema simbolista (logo que aprendido, abandonado), vai-se pouco a pouco desagregando, até dar definitivo lugar, na maturidade literária embora no começo de um certo declínio da inspiração, ao classicismo castilhiano da última fase do escritor.

Uma obra-prima como *Constança*, — o instante mais alto da inspiração e da arte de Eugénio de Castro, — consegue-a ele num estilo que é um milagre de equilíbrio e de média entre todas as expressões poéticas da prática da língua portuguesa vigente em 1900. Aí são possíveis, no meio de uma trama verbal a que a narrativa não rouba o ímpeto poético e a aérea graça, versos do melhor arcadismo romantizado — que é tanto de Horácio como do primeiro Garrett — : «Cheiroso estema de esmaia-das rosas»; «Das murchas rosas o bem triste encanto»; «Da febre que o minara as rosas últimas»; «O som das flautas pas-

torais unia-se / Ao balar infantil dos cordeirinhos». Mas são igualmente possíveis grandes versos líricos puros, como: «Cheios de amor dorido os olhos negros»; «Vendo-te assim tão triste e tão fechado»; «O palor e a magreza dos fantasmas»; «Vagos reflexos dos vergéis divinos»; «a nossa alma / Só tem aroma quando a angústia a queima»; «O crepúsculo, outono desse dia», etc. Finalmente versos que pressupõem algo da experiência moderna: «O brônzeo, duro gesto do Destino»; «A fim de que ela, lá no fundo, achasse / O rubim do remorso, única gema»... ou: a alma de Constança, «lavrada / Pelo bom lavrador, que é o Sofrimento».

A modernidade depurou-se; o esoterismo, mais ou menos délfico, deu lugar a uma comunhão bastante mais cristã para com o leitor na linguagem e mistérios da poesia; a proparoxítonia de vocabulários de herbário e joalheria reduziu-se à justa proporção da latinidade nossa mãe; enfim, os paramentos e os tesouros deslumbrantes foram arrecadados. No duelo depois travado entre o poeta lírico de lento surto e o poeta dramático e narrador não houve talvez vencido nem vencedor. Um certo prosaísmo inato no artista e o talvez excessivo saber do bom retórico tomaram muitas vezes o caminho à inspiração e à espontaneidade. Mas quanto detalhe saboroso! quanta destreza e bucolismo! quanta ironia outoniva, ao mesmo tempo pesada e melancólica, em que a poesia parece prisioneira de um dragão verbal que ainda tem lume na língua!

Mas eu não me propus falar criticamente da poesia de Eugénio de Castro como invenção e arte. Interessa-me agora muito mais uma coisa em que pouco se repara: a sua concepção da vida e do mundo; o limbo de tristeza e de desencanto que aflora a longa procissão dos seus livros.

No Preâmbulo da 2.^a edição do *Interlúnio*, datado de 1911, escreve o poeta: «Se bem que o meu conceito da vida continue a ser fundamentalmente pessimista, o estudo, a experiência e a

meditação foram-no temperando e adoçando com uma forte dose de resignação calma e quase sorridente, e deixaram-me alcançar a melancólica serenidade em que vivo, e que, nitidamente afirmada nos meus últimos livros, singularmente contrasta com os desvairamentos deste». Quase à distância de vinte anos, o *Interlúnio* parecia-lhe «um sombrio erbário de flores azia-gas»; o seu «áspero niilismo» chocava-o rudemente. Não o escrevera Eugénio de Castro à sombra da mancenilha de Schopenhauer, citado em francês numa epígrafe? — «Aujourd'hui est mauvais, et chaque jour sera plus mauvais — jusqu' à ce que le pire arrive»?

Quando eu nasci, tocava a fogo
 Na minha freguesia,
 E um meu vizinho, que perdera ao jogo,
 Golpeava as veias, quando eu nascia...

Este pessimismo é tanto mais autêntico, quanto Eugénio de Castro, burguês de comportamento num aristocratismo expressivo e castiço, não se sente nem é poeta saturniano. A sua boémia juvenil passou na tangente das loucuras de Gomes Leal, tomou com Fialho o «chocolate de S. Domingos», e logo um bilhete de ida e volta Coimbra-Paris, em que a metade do regresso foi talvez mais ciosamente conservada no bolso que a do começo da viagem.

Mas há no *Interlúnio* negrumes ainda maiores que os dos «Presságios». Lembrem-se do poema *A uma Mãe*:

Piedosa mãe: porque acarinhas
 Teu filho com tanto alvoroço?
 Não lhe beijes as mãos tenrinhas,
 Antes lhe torças o pescoço!

Não lhe dês leite, ó iludida,
 Tem piedade da sua sorte:
 Não lhe dês leite, o leite é vida,
 E a vida é noite, luto e morte.

A *Podridão* baudelairiana é, mais adiante, cantada assim:

Com teus negríssimos cabelos,
Sujos, pastosos, soltos plos ombros,
Lanças o joio dos assombros,
Semeadora de Pesadelos!

Mas isto ainda pode parecer pessimismo deliberado, com a função de um tema estimulante de fortes efeitos expressivos. O *Interlúdio* é repassado de uma preocupação negra a que a consciência estética da virtuosidade da dor e do terror não é alheia. Muitas vezes, porém, o tom dos versos e as suas próprias fórmulas denunciam sinceridade, entranhamento desse modo de experiência e do lado moral de que é tomada. O desejo de obter, como Catarina de Ataíde, «O perfume de quanto ambicionamos, / Sem o travo de quanto possuímos» é bem vivo. Aquelas *Casas Abandonadas* cheiram realmente a abandono: «A poeira sucedeu aos tapetes, e tudo / Exala um ar de desconforto envergonhado». Enfim, o poeta amadureceu tanto ou tão pouco no desencanto, que já se autobiografa como *Alma Penada*:

Nos deleitosos prados
Do prateado Mondego,
Pastoreando em sossego
Minha inocência e meus gados,
Algum dia fui pastor,
E andei atrás de um rebanho
Numa ignorância de dor
Que agora, por meu mal, não tenho.

E é forte desta prova que se dá ele próprio como exemplo
Ao Prateado Mondego:

Põe em mim os teus olhos de berilo,
Rio onde, ingénuo e moço, me mirei:
Como tu, na ambição busquei um flavo asilo,
E vê o que lucrei...

Mas já um começo de resignação sorridente se inscreve na máscara baudelairiana do pintor de pesadelos. A avena do futuro

bucolista aparece por detrás da «cítara constelada» deste Nerval, sobre cujo mundo se levanta «o sol negro da melancolia». «Cortei um cajado / Numa sebe em flor, / E vim para o montado, / Onde sou pastor». «Ninguém tenha dó / Deste foragido: / Vivendo tão só, / Vivo divertido».

Se o *Interlúdio* é um simples «erbário de flores aziagas», no dizer do próprio autor, já *Belkiss*, *Sagramor*, *O Rei Galaor*, *O Anel de Polícrates*, *O Filho Pródigo* são, cada um a seu modo e em seu grau, obras de pessimismo, construções poemáticas quase todas de larga travação métrica e de meditado fundo. *Belkiss* é o drama da paixão cega, voluptuosamente oriental, que parece nascer de um filtro e movimenta a vítima no sentido do amado por uma espécie de tropismo sensorial ajudado pela vontade conjurada com os elementos. A breve narrativa extraída do *Liber Regum Tertius* sobre a Rainha de Sabá, de Axum e do Himiar diz o seguinte: «E tendo entrado em Jerusalém com grande comitiva e rica equipagem, com camelos carregados de aromas, e de pedras preciosas, compareceu diante do rei Salomão... «*locuta est quae habebat in corde suo*»: — e «falou-lhe de tudo o que tinha no seu coração»...

Destas linhas fez Eugénio de Castro o poema da trágica decepção. Lá dizia o soneto *Amores do Interlúdio*: «Ante a posse os desejos esmorecem»... *Belkiss* é a presa do desejo de amor, cega e dócil. Mas, a par da sua cegueira e da sua docilidade, vigia nela o duplo sentido do mistério, que presente a ebriedade e a amargura. Zofesamim, «velho sábio» e preceptor, é a sua consciência viva. Filha-se-lhe como o cão à orelha. Enquanto a Rainha de Sabá, seguindo melancolicamente o voo das íbis, se deixa penetrar pelo filtro que as auras e a fama lhe trazem de Salomão, Zofesamim explica-se: «Quero dizer que és mais desgraçada que as escravas que andam pelos caminhos, apanhando os excrementos dos camelos...» «Tens a alma cheia de víboras...» Ou então, parecendo transigir com metade da obstinação de *Belkiss* — como quem, para evitar o pir, fecha os olhos ao mau — disserta: «A realidade é mais amarga que o heléboro. É doce o desejar...» «Sonha... sonha... e não despertes... Não há acordar tão amargo como o que apaga um sonho doce...»

Cansada de reprimendas, Belkiss defende-se com o exemplo dos jovens de Sabá: «Não vês como Egla e Horsiaft bebem os ares um pelo outro, e há tanto tempo?» E, exacerbando o desejo recalcado na antecipação do grande dia, couraça-se de uma quase intelectual castidade: «A minha pureza será mais alta e mais dura que os obeliscos...» «Zofesamim deu-me folhas de cniza, que chamam a castidade... Esfreguei-me com elas e fiquei sossegada...»

Ah! Mas o ervanário mágico não dá receitas para tudo... Depois da folha de cniza, inapetente e sedativa, virá o trágico anacâmpsero. Entre ambos a floresta derramará ainda mais castas de sortilégio, e a selva dos apetites ainda maior variedade de armadilhas. Zofesamim bem que grita: «Não vás à floresta, Belkiss, não vás à floresta...» Mas Belkiss, como sonâmbula, teima e vai. É outra *selva selvaggia, ed àspra e forte...* Mas talvez mais enredada e pútrida que a dantesca. Debalde Belkiss aprendeu a regular-se pelo aspecto do obelisco, modelo da sua castidade e quadrante dos seus vagares: «Aquele obelisco é o relógio da minha alma... Pela sua sombra sei quando se aproximam as grandes melancolias...» E, dentro do bosque, exclama: «Estou cercada de cousas mortas». «Cheguei a conhecer as horas pela minha sombra, que, às mesmas horas, se alongava nos mesmos sítios».

Uma Doida percorre o âmbito selvático e denuncia-o como logradouro da sensualidade e da loucura: «Está tudo cheio de reis doidos e furiosos! Só de olharem para mim, estou toda queimada!»

À sombra do radical pessimismo de Zofesamim e das suas largas costas de sábio céptico, Eugénio de Castro parece deixar infiltrar no poema uma leve ironia cultural. «Mas o deus Adon Adonim morre todos os anos?» — pergunta-lhe a Rainha. E Zofesamim responde: «Morre todos os anos, quando o sol pára no solstício de estio, e ressuscita à entrada do solstício de inverno...» E sempre: «Não te fies na ventura... Só a desgraça é forte!»

Nastosenen, o comandante da frota de missão, desempenha no poema um papel atenuado de mensageiro. É uma espécie de

Mercúrio feito capitão de longo curso e guarda do tesouro. É ele que, falando dos povos estranhos, — «vários climas e céus experimentados» — traz a Belkiss notícias vivas de Salomão. Contactou com agentes esquisitas e felizes: «Os ástomos vivem ao ar livre, em bosques aromáticos»... «Os mais activos cultivam jardins de sonho... Alguns desses jardins são todos compostos de flores alvas, de lírios, açucenas, jasmims, tuberosas e rosas brancas: nas ruas desses vergeis brancos passeiam apenas as virgens, os poetas, os místicos e os sonhadores, todos vestidos de roupagens, que parecem brumas, e tangendo cítaras de sons pálidos...»

«Bem te dizia que não fosses à floresta...» — continua a gritar Zofesamim. «Foste... E tão desgraçada que dormiste sobre um travesseiro de anacâmpseros»... «Reconsidera, Belkiss, não vás a Jerusalém...»

Mas «o Destino é a vontade embuçada dos deuses», e os deuses queriam a Rainha de Sabá nos braços do rei sapiente. O pobre Zofesamim, desconcertado nos seus hábitos, turbado na sua paz, geme qual cordeiro imolado: «Há quase um mês que vivemos em sobressaltos, perdidos em florestas onde não entra o sol, rodeados de ameaças, seguidos por fantasmas que gemem, não encontrando, para nos pentearmos, senão lagos de águas infelizes, no fundo dos quais parecemos mortos... Já não sabemos o que é um dia claro... O destino traz-nos por caminhos cheios de tristeza, preparando-nos assim para as tristezas maiores que vão chegar...»

Nas belas palavras do velho ecoa a epígrafe schopenhaueriana de *Interlúnio*: «O dia de hoje é mau, cada dia futuro será um pouco mais mau, até que chegue o pior.» E Zofesamim, reincidindo: «Remédio para a tristeza só conheço um: uma tristeza maior...»

Só Belkiss, embora mentalmente convertida à doutrina do velho, resiste: «Terás razão, terás, Zofesamim, mas devias calar-te... Devemos enganar os moribundos, devemos convencê-los de que vão melhorar...»

Então, para cúmulo de desgraça, Horsiatf, mordomo-mor de Belkiss, vem anunciar que «não foi possível acender foguei-

ras... Os troncos e as folhas não querem arder...» Um Caminhante, interrogado, responde: «Venho de Tanais... Trabalhava lá num canal e adoeci... Venho morrer à minha terra...» É esta nota pobre e simples, quebrando o denso hieratismo do poema próximo do desfecho, repercute em todo ele humanizando-o agora de uma humanidade deste mundo, e como que cristianizando o álgido e túrpido drama oriental.

Finalmente, a Rainha de Sabá entra triunfante em Jerusalém, «em cima de um elefante branco», «aparamentada como um ídolo», «o rosto velado por um véu amarelo, da Bacteriana». Ahizar, o mordomo-mor de Salomão, diz que «para guardar o ouro trazido por Belkiss foi necessário desocupar duas tulhas que estavam cheias de trigo».

Zofesamim pressente que tudo se vai consumir: «Por onde eles passarem, até as ervas ficarão secas!...» Ahizar conta que «Salomão e Belkiss estavam debaixo de uma noqueira quando lhes apareceu uma cobra...» Adão e Eva reconhecem-se nos seus reais descendentes. Mas para que teria Noé dado asilo na Arca a semelhante ovovivíparo?...

Ah! Bem diz Zofesamim: «A luxúria é uma ladra inábil». «Corações doidos! Corações miseráveis!» «Pois não vedes que só caem das altas montanhas os que lá subiram? Miseráveis cegos!» E, mais sàbiamente que Salomão, conclui: «Estrangulemos, pois, os nossos desejos e viveremos quietos...»

«Desgrenhada e pálida, os olhos cheios de lágrimas, Belkiss sai dos aposentos, onde passou a noite, trazendo na mão a lâmpada apagada» e exclamando: «Oh! Oh! As açucenas estão cheias de sangue!» — as açucenas do tapete que sorateiramente a levava da sua câmara à do rei.

Desse trágico abraço resta uma rainha agonizante e uma criança precoce, que será rei e salmista. Zofesamim: «Há plantas que não medram nos climas frios e almas que não são para este mundo. A alma de Belkiss era dessas...» «Tudo nos diz que Amon faz governar este mundo por uma rainha: a Desgraça!» A voz de Belkiss: «Chorai... a princesa... comida... p'la hiena...» Horsiatf: «Amon teve dó dela... Conservou-lhe o filho até à morte...» «*Explicit Belkiss*».

Se *Belkiss* é o drama do desespero sensual e da paixão frustrada, *Sagramor* é o poema da suprema ambição que leva à suma experiência, mãe da amargura e do desencanto. Um «pastorinho de olhos cândidos tange inocentemente a sua flauta», cortada «de uma cana seca». Pérfida Rainha encanta-se dela e quer levá-lo. Sagramor só conhece a mãe e o dono do rebanho que apascenta. Não os quer deixar por nada. «Minha mãe mora acolá, no alto daquele monte». É uma pobre entrevada.

Mas a estrela do pastorinho já brilha noutros céus; o primeiro saber do amor instila-se na alma do pródigo, que assim fala a Cecília:

O amor, ó pobre amiga, enfermo caprichoso,
Só ama o que não tem e o que se foi ligeiro:
Só o primeiro beijo é suave e capitoso,
Todos os outros são fantasmas do primeiro!

O amor, cadente estrela ou relâmpago escasso,
Com dois dotes nasceu, doçura e brevidade:
É o primeiro beijo, é o primeiro abraço,
É o primeiro olhar: tudo mais é saudade!

O coro das amadas de Sagramor engrossa na sua alma e sufraga já grandes desilusões. Cecília, Fúlvia, Marta e Violante pedem-lhe misericórdia:

Por alma dos nosos beijos,
Por alma do nosso amor,
Dá-nos brasa, frio amante,
Dá-nos mirra, Sagramor!

Já Baudelaire socorre o poeta com o seu sorriso sacerdotal e sardónico através desta epígrafe:

Nous avons vu des astres
Et des flots; nous avons vu des sables aussi;
Et, malgré bien des chocs et d'imprévus désastres,
Nous nous sommes souvent ennuyés, comme ici.

Os exemplos ilustres não faltam e são dos mais convincentes: A nobre Safo chora seu amor num jardim: Ama Faonte, que a não quer, e não ouve Alceu, que a deseja: — «corações desencontrados»! Num penhasco do Egeu, Safo suspira aos ventos:

Debalde empreendo longas viagens
Maravilhosas:
Já não me encantam céus nem paisagens,
O Tédio encombria todas as cousas.

O imprevisto não se renova,
Pobre desejo!
Nem sequer uma sensação nova!
Julgo ter visto tudo o que vejo!

Há na minha alma certa paisagem
Bem dolorida,
Onde as angústias vão em romagem:
É a paisagem da minha vida.

Essa paisagem que me desgosta
E mete dó,
Teimosamente, está sobreposta
Nas mais paisagens por onde vou...

Sagramor atingiu assim o fundo do próprio desengano. Já não são as paisagens que o tingem de alegre ou de triste, o alteram de estado, regulam enfim a sombra e a luz da sua vida: mas ela própria, a vida, que verte sobre as coisas o mesmo desconsolo radical. Discípulo de Ovídio, Eugénio de Castro serve-se da metamorfose para tentar a cura dos seus doentes de amor. Mas o Tritão humanizado não ganhou paz nas águas:

Ai dos que querem agarrar no céu
A Ursa-Maior e o Sete-Estrelo!
Aos Jasões nunca mais Medea apareceu,
E o Dragão fulvo guarda o apetecido Velo!

Levado pela ambição, do amor sofrendo o açoite,
As costas bordejei, onde, em torres de lendas,
Moram filhas de reis, de olhos cheios de noite,
Mimosas como rendas...

Mas elas não vinham! O meu amor firme
Debalde gemia: princesas geladas,
Formosas mas cruas, gostavam de ouvir-me
De ouvidos abertos, mas de almas fechadas!

Perdido para o amor, talvez a glória salve o pastorinho pródigo. Mas ali vem Vigny, que diz: «J'ai cru longtemps en elle; mais, réfléchissant, que l'auteur du Lacoön est inconnu, j'en ai vu la vanité».

Então Sofia conta aquela tocante história de uma «erva de folhas lastimosas», «erva mais triste do que as tardes num enterro»:

Os amantes a rir, como a semear sequins,
Vendo o alegre canteiro, iam colher
Túlipas, rosas, jasmims
E rosas que eram bocas de mulher.
Mas a erva malfadada,
Triste até quando o sol, de ouro a vestia,
A erva desgraçada,
Ninguém a colhia...

Feliz planta, afinal!

Ah! como é doce ter a cara feia,
Quando a alma é bonita!
Feliz de quem é belo,
Embora seja o único a sabê-lo!

Despegada do chão, viu-se que a erva tinha as raízinhas de ouro.

Sagramor aprende a lição e resigna-se. É uma espécie de Zófesamim sem mitra nem real pupila, mais moderado de linguagem, mais ocidental nos pensamentos. Verifica a universalidade quase como quem repara, pela precedência da invisibilidade do cavername sobre a dos mastros e das velas na desaparecimento de um navio, que o horizonte é apenas a linha de máximo alcance de uma vista parada e prisioneira num mundo esférico e indiferente. «A aranha do desengano / Põe-se a tecer nos corações»; as dores dos homens são as suas «rosas de todo o ano».

Sagramor sente-se «enfastiado do amor, da glória, das viagens». Sua alma pastoril e pagã deixa-se assaltar por um fosco momento de ateísmo, e exclama: «Religiões, palácios no ar, véus de incerteza, / Torres de fumo, torres de ilusão! / Só tu não mentes, só tu és clara, ó natureza! / Ó natureza, és tu a minha religião!»

Mas passa um Caminhante e acorda Sagramor do efémero delírio pagão: «Que olhos cansados de chorar e olhar poentes! / Nas frentes virginais, que ouro baço e tristonho!» A natureza, afinal, é «o inferno das lamas», lodaçal que atasca os sentidos como os anacâmpseros da floresta envenenaram o sono de Belkiss. E o pastor recobra o sentido de Deus e da oração: «Senhor! Encaminhai meu coração de poeta. / Tirai dele, Senhor, tudo o que seja ruim...»

Mas a conversão não é firme. A «flor do mal» de Baudelaire, de mãos dadas com a metamorfose ovidiana, com o materialismo, com o pan-psiquismo, com a sereia literária dos efeitos e das «correspondências», sobrepõe o processo estético da fábula à coerência dos sentimentos do herói pastoril e eclético. Sagramor absorve-se em si próprio e exclama: «Que mistério! Em nossa alma há um grande nevoeiro, onde ela própria se perde... / Quem sabe lá? Talvez eu já fosse um salgueiro, / E tu um lago verde...»

Então, sumido na íntima bruma, convoca as doces recordações, e compõe de presságios novas «flores» tão «aziagas» como as do «erbário» do *Interlúdio*:

Onde estais, onde estais, doces dias azuis?
Chove cinza em minha alma, e os seus balcões absortos
Olham sobre extensíssimos pauis
Todos coalhados de cisnes mortos...

Tudo está paralítico e suspenso...
O que estará pra acontecer agora?
Andam fantasmas sob o nevoeiro denso,
E os sinos chamam, uns plos outros, de hora em hora.

Assim o tema do desencanto vai alternando com os motivos sumptuários da arte de Eugénio de Castro e com os precoces

afloramentos do terreno bucólico subjacente na sua obra, e que acabará por ser a superfície florida e tranquila da sua paisagem de velho, — o horto horaciano do poeta que «desce a encosta» arrimado a uma bengala cortada das varas de Castilho, na Castanheira do Vouga, na Carregosa ou no Sidral. Ainda é o bastão de comando da poesia artística em Portugal; ainda se lhe vê o lavrado castão de prata, atributo académico e simbolista. Mas, no fundo, é um cajado de pastor, uma vergôntea neo-clássica, que leva, enlaçadas de espinhos, rosinhas de Anacreonte...

Enquanto o grande e faustoso artista hospedou o poeta moderno, a sua arte foi a morada magnífica do desengano, paredes meias com o anterior «palácio encantado da Ilusão». «Os que se beijam com ansiedade / Adormecem ao pé do Amor / / E acordam junto da Saudade» da bela fabuleta lírica. Ali está Hermafrodita, — «brumoso ser». «Crepúsculo do sexo! o Sol e a Lua amena». A sua morte desprende as mãos crispadas do moço e da moça em luta. Mas a libertação não dura mais que um momento: «Chovia... E procurando uma guarida calma, / / Que os livrasse da chuva, uma torre ou uma gruta, / Viram minha alma aberta, entraram na minha alma, / E na minha alma estão continuando a luta!»

A ninfa Clóris, de cujos lábios «um perpétuo gemido» «confrange a primavera», declara morto o Amor. Um Anjo queixa-se-lhe de que o seu Deus, como o dela, «foi cuspidado e exilado plos mortais». Noivaram. E «dessa união nasceu uma pálida filha, / que é hoje a amante virgem dos poetas»... Nem natureza, pois, nem a bem dizer religião: Sonho e poesia apenas.

A Nereide de Harlém, exumada, pelo arqueólogo, das *Raridades da Natureza* de Aucourt e Padilha, e metida numa redoma pelo filho de um judeu rico e caprichoso, «muda e pálida qual roseira desmaiando / dum sombrio hospital na cerca pesarosa», «passa os dias cismando / e ouvindo o que lhe diz um búzio cor-de-rosa». Em vão os carrilhões de Harlém «clamam nas lácteas brumas». Em vão Moisés, desesperado de amor, a apunhala. A «nereide infeliz» morre, esvaída, a ouvir o búzio. Sonho e poesia...

Mas a reclusão nem sempre tem urna de vidro e marulho timpânico. Só as embalsamadas preservam sua castidade e doçura. Debalde Zofesamim quis fazer da Rainha de Sabá uma espécie de menina do colégio das Ursulinas... O Rei Galaor encerrou a filha dos seus amores com Gudula numa torre fechada por duas chaves de prata que trazia no cinturão. «Cada alma é uma onda, e a vida é um mar de pranto! «A Desgraça dorme, mas cedo desperta». Apesar da dobrada vigilância, um dia, um moço desconhecido surpreende Galaor dormente, rouba-lhe as chaves da torre e rapta a princesinha. Era filho do Rei. — Horror! Incesto!

Talvez se perceba agora melhor por que motivo este grande fabricante de amargos em urnas cristalinas, que foi Eugénio de Castro, acabaria por cansar-se da sua esplêndida nigromância e da sua feérica alquimia, aposentando-se quase humildemente, — ele, o jardineiro das flores do Orgulho! — na condição artificial de um florista de «Cravos de Papel». De alguns moluscos saboreados em andadas de écloga piscatória fez uma «Cai-xinha das Cem Conchas». Da «Candeia Velha» e sumptuosa como uma lucerna guardou apenas algumas chamas.

Para lá de tudo isto fica um passado esplêndido, a mesa de um banquete com Catulle Mendès à cabeceira, silvas douradas e académicas, arminhos e murças doutorais, Santo-Olavo da Noruega, umas dúzias de cartas do divino Mallarmé e do arcan-gélico Rilke com seu licorne afilado, — e a casta silindra branca de sentimento ou ser que para nós é *árreton*...

Para cá de tudo isto — a cadeira à janela coimbrã de um valetudinário melancólico, que viu tudo, pesou e mediu até ao derradeiro grão o módio de trigo que lhe coube «depois da ceifa», escolheu com metafórica e jóbica paciência as inevitáveis ervilhacas, e se deixou ceifar ele mesmo por Quem tudo recolhe e apura para sempre.

VITORINO NEMÉSIO

EUGÉNIO DE CASTRO VISTO POR UM FILISTINO

A começar no excelente prefácio que em 1902 Manuel Gaio escreveu para as *Poesias Escolhidas*, têm-se ocupado de Eugénio de Castro e da sua obra numerosos escritores de alta reputação, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Como não tenho nem posso ter a pretensão de ser crítico, psicólogo ou historiador literário, a que título vem pois estas ligeiras notas biográficas e o que é que elas irão contribuir para melhor se poder compreender e apreciar a vasta e notável obra do admirável artista?

É verdade que sempre tive apaixonado interesse por coisas literárias, mas nunca passei dum simples leitor. No culto da beleza encontrei o mais seguro refúgio para o que a vida tem de áspero e de mesquinho e ao calmo, longo e discreto convívio com autores predilectos devo algumas das melhores horas da minha vida; a leitura de certos livros tem sido para mim a verdadeira *fors clavigera* dum mundo feliz e perfeito, país de sonho muito embora, mas onde se encontram os *tesouros de Reis*, tão subtil e penetrantemente evocados por Marcel Proust na sua tradução de *Sesame and Lilies*.

Na minha admiração, porém, pela obra dos grandes Poetas, há um misto de timidez e de respeito, pois desde longínquas leituras de Carlyle e de Emerson, fortaleceu-se-me no espírito a convicção de que eram tipos superiores de humanidade, portadores duma divina mensagem, cujo sentido misterioso e profundo, profanos, como eu, se darão já por muito felizes em simplesmente entrever.

Este alto conceito da poesia é para mim, por assim dizer, inibitório e veda-me o acesso a regiões vedadas pelas naturais

limitações do meu espírito. Deus me livre portanto de falar de Eugénio de Castro no puro campo da estética e da crítica literária: seria louca ousadia.

Mas convivi longos anos com o poeta, tive a ventura de merecer a sua simpatia e a sua amizade, muitas coisas vi e muitas mais lhe ouvi dizer da própria vida; das longas conversas que com ele tive, de cenas que presenciei guardo na minha memória recordações preciosas. Fixar tudo isto por escrito é para mim um prazer inefável.

Frioleiras, ninharias, futilidades, dirão muitos espíritos superiores: alguns deles pelo menos poderão destas pequenas notas tirar conclusões sobre os reflexos do espírito e da obra dum grande poeta em criaturas da minha categoria; outros, porém, lê-los-ão talvez com a curiosidade simpática com que os stendahlianos puros tanto apreciam as minúcias que por vezes se encontram nas *Soirées du Stendahl-Club* ou em obras tais como as que P. Arbelet e A. Paupe escreveram sobre a mocidade e a vida literária do seu ídolo.

O que vou narrar é, na sua humildade, a contribuição que posso prestar à memória do Poeta e decerto estes pequenos factos, certos aspectos da sua vida exterior, em nada macularão o que há de mais alto e requintado na vida e obra deste imarcescível criador de Beleza.

Na sua personalidade complexa há, com efeito, um Eugénio de Castro *exotérico*, bem terra à terra, que, forçado pela vida quotidiana que o destino lhe impôs a descer do seu alto terraço ladrilhado do cipolino e de ágata, não era cá em baixo, como um naufrago lançado numa ilha deserta, a olhar com sobrançaria e a desprezar com altivo desdém os bárbaros com que tinha de se pôr em contacto. Extremamente lhano, sociável, dum trato primoroso, aceitava a sua condição com alegre coragem e imperturbável serenidade; afastava-se, é claro, das criaturas grosseiras, mas até aos indiferentes atraía com sua calma, despreocupada e ridente bonomia.

Embora não fosse pródigo na escolha de amigos, aos que tinham a ventura de entrar no círculo estreito da sua intimidade, era desde logo bem patente a pureza dos seus sentimentos afecti-

vos, os seus tesouros da dedicação, sendo de notar o cuidado com que para muitos velava a sua superioridade, que aliás naturalmente se impunha.

As minhas relações pessoais com Eugénio de Castro datam de 1903, ano em que fui colocado como professor na Escola Brotero. Mas muito antes disso, desde que comecei a ler versos, senti uma verdadeira paixão pela sua obra; a esse culto literário associei, como é compreensível, justificado interesse pela vida do autor e daí por diante nada do que lhe dizia respeito me era indiferente.

Andava eu no liceu em Coimbra, quando Eugénio de Castro, recém-chegado de Paris, publicou os *Oaristos* e pouco tempo depois as *Horas*.

A mim e a outros rapazes meus amigos encheu-nos de entusiasmo a novidade, o ineditismo, a verdadeira beleza dos seus versos, mas devo confessar que a esta nossa ingénua admiração não era estranho o prestígio que advinha da sua longa permanência no estrangeiro, prestígio aumentado ainda pela sua distinção natural, pelo esmero e até certo ponto exotismo da sua toilette. Para a academia, nesse tempo, o Jardim Botânico era a parada das elegâncias coimbrãs — famílias de lentes, meninas da alta e gente de fora que lá tinha estudantes. À meia tarde, quando era maior a concorrência, Eugénio de Castro nunca faltava e dava na vista com a sua sobrecasaca muito cintada, cartola de abas quase direitas e um camafeu no grande plastron.

Saíra de Coimbra adolescente, com uma reputação literária de menino prodígio, não frequentara a Universidade, não era, como toda a gente, *bacharel formado*, circunstância que para muitos não deixava de ser notada a seu favor.

É esta a minha primeira impressão de Eugénio de Castro. As razões que o levaram, concluídos os preparatórios, a deixar a casa paterna e ir para Lisboa e tudo o que depois lhe foi sucedendo, ele m'ó foi contando depois em numerosas e pormenorizadas conversas, das quais, no que me auxiliar a minha memória, em parte procurarei dar um pálido esboço.

Como sucedia com a Faculdade de Filosofia em Coimbra, o Curso Superior de Letras tinha então uma diminuta frequência

e era considerado quase como um curso de luxo seguido apenas por gente rica, futuros sucessores do patriato que necessitavam dum curso superior, rapazes que pretendiam seguir a carreira diplomática e por um ou outro estudante de verdade que antevia no futuro o professorado ou qualquer colocação nas secretarias de Estado, nas bibliotecas ou nos arquivos. Esse curso tirou-o Eugénio de Castro com nímia facilidade e apesar de ter tido por mestres alguns homens notáveis, como Teófilo, Pinheiro Chagas, Consiglieri Pedroso, Jaime Moniz, etc. não se afadigou muito no estudo das respectivas cadeiras. Como ele próprio confessa, esses mestres não lhe ensinaram nada, a cultura do seu espírito granjeou-a autodidacticamente na ânsia sempre insatisfeita de saber.

Simultaneamente com as suas obrigações escolares, nunca deixou de versejar, colaborou em vários jornais e revistas literárias, nomeadamente na *Ilustração Portuguesa*, dirigida por Casimiro Dantas, onde publicou diversos contos em prosa e numerosas poesias. Das suas amizades no mundo literário, desse tempo, não falando de João de Deus e de Teófilo Braga, lembrava-me sempre, com enternecida saudade, quanto devia e quanto era grato à memória de Casimiro Dantas, pelo seu feitio simpaticamente acolhedor, pelos constantes estímulos, generosos conselhos e lisongeiros vaticínios sobre o seu futuro literário, tão animadores e tão gratos a quem começa.

Acompanhava-o uma vez por outra um rapazinho encantador dos seus oito ou nove anos, a pele duma brancura láctea, cabelos ondedados, olhos pretos muito vivos. Ao vê-lo com seu colar de renda, gibão de veludo preto, lembrava-lhe, numa tonalidade diferente, o «*Blue boy*» de Gainsborough. Essa criança, será desnecessário dizê-lo, é hoje o eminente escritor Júlio Dantas.

Findo o curso, pensou Eugénio de Castro entrar na diplomacia, mas em vez de conseguir o seu ingresso pela via consular, como Eça, Feijó e Alberto de Oliveira, obteve a sua colocação como adido na legação de Viena, uma das cortes mais faustuosas da Europa e onde a vida dum diplomata era dispendiosíssima.

Antes da promoção a secretários, os adidos nada ganhavam e o Dr. Luís da Costa, pai extremosíssimo, capaz de todos os

sacrifícios pelo futuro dos filhos, mas previdente e económico, viu quanto lhe seria onerosa essa fase inicial da sua carreira.

Dissuadiu portanto o filho de a seguir, pelo menos em tais condições e achou preferível proporcionar-lhe um longo estágio em França, duplamente proveitoso tanto para a sua cultura e planos literários, como de preparação para qualquer situação futura, para a qual se considerasse imprescindível o completo domínio da língua francesa.

A colónia portuguesa em Bordéus era nessa época numerosa e rica e entre ela contava o Dr. Luís da Costa verdadeiros amigos, a alguns dos quais recomendou o filho. Este partiu pois para França, com escala por essa cidade, onde, tanto à ida como à volta, se demorou mais tempo do que propriamente em Paris.

Era o ano da célebre exposição universal e ao mesmo tempo da grande renovação literária, que em poesia terminaria pelo triunfo do Simbolismo. Cheio de entusiasmo pela obra dos novos poetas, ia ansioso de ser iniciado nos meios literários ainda nesse tempo mais ou menos revolucionários pelas suas inovações audaciosas, iniciação que em breve plenamente conseguiu.

À sua chegada e durante todo o tempo que lá permaneceu, o seu grande amigo e companheiro foi o pintor Carlos Reis. Com ele viveu uma vida alegre de estudante, frequentando assiduamente os museus, as academias, e os locais consagrados da *Butte* e do *Boule-Miche*, mas para o introduzir nos meios puramente literários muito ficou devendo, segundo me confessou, a Mariano Pina e a Xavier de Carvalho, sobre tudo a este último que, sendo no fundo um jornalista, tinha também veleidades de poeta. Tempos depois, por sinal por ocasião da celeuma levantada pelos *Oaristos*, veio declarar ser ele o verdadeiro precursor, entre nós, do *decadismo*, como provava, entre outras produções um seu soneto dedicado a Fialho — *A nevrose do Gás* — que a *Ilustração* de M. Pina publicou e que começava pelos seguintes versos:

*Mas por fim na luz forte e áspera do gás
Encontro finalmente alívio às minhas mágoas,
A sua luz consola e é leve como as águas
— Um misto de setins, oiro fosco e lilaz...*

Relacionou-o Xavier de Carvalho com muitos homens de letras; não tardou muito porém que, mercê simplesmente do seu encanto pessoal e irradiante simpatia, contraísse verdadeiras amizades, que se firmaram e perduraram, com os poetas que mais desejava conhecer e aos quais se sentia ligado por íntimas afinidades espirituais. Com eles se reunia em cafés como o *Vachette* e como o *Procope*, frequentava as redacções das revistas novas que então pululavam, não faltando inclusivamente a actos em que tomava parte a élite intelectual da sua simpatia, como o enterro de Villiers de l'Isle-Adam, a que assistiu.

Todas as suas tendências e vagas aspirações afinaram-se, segundo ele próprio diz, nas margens do Sena e dessa viagem reveladora voltou a Portugal, trazendo na sua bagagem uma colheita de novidades que viria revolucionar por completo o nosso apático meio literário, abrindo uma nova senda ventilada e luminosa à poesia portuguesa.

À volta de Paris passou outra vez por Bordeus, onde se demorou. Aqui conheceu uma galante rapariga, caixeira numa loja de modas. Gostaram a valer um do outro, e, trocados os primeiros beijos, ateou-se neles tão ardente fogo que, passado pouco tempo, resolveram viver em doce e íntimo conúbio. Quantas vezes, muitos anos depois, ele me lembrava com saudade esse tempo de Bordeus, repetindo os versos de Verlaine:

Ah! les oaristys! Les premières maîtresses...!

E acrescentava, a sorrir: — Se ao lado sentimental, se pudessem juntar coisas utilitárias, esse terno idílio teve para mim duas vantagens — como a minha ambição era familiarizar-me com as subtilezas do doce falar de França, que lições ideais eu não recebia nos longos e constantes diálogos com a minha companheira; esta, por outro lado, em breve o reconheci, como muitas francesas, era óptima *ménagère* e passei até a viver mais econòmicamente.

Por esta altura surgiu em Bordeus, de volta da Exposição, um rapaz de Coimbra das relações e até amigo de Eugénio de Castro, C. P., homem rico, simultâneamente industrial e *sport-*

man. Como muito *portuguesinho valente*, ufanava-se de ser um conquistador irresistível, à busca de aventuras em todas as terras por onde passava, mas, coitado!, nunca passava de amores venais.

Algumas vezes esteve com Eugénio de Castro e, invejoso da sua boa fortuna, nas suas impressões de viagem aos amigos de Coimbra, com um exagero desmedido, descrevia a vida que aquele seu amigo levava em Bordeus. Quem conhece Coimbra está a ver que todos aqueles dizeres de C. P. em breve chegaram aos ouvidos do Dr. Luís da Costa. Este, desgostosíssimo, escreveu imediatamente ao filho, exprobrando a sua vida desregrada e lamentando que assim correspondesse aos sacrifícios que para ele representava a sua estada no estrangeiro.

A devoção por seu pai, o seu respeito filial, a consciência de nunca lhe ter causado o menor desgosto, tão profundamente o abalaram que resolveu *in continenti* voltar para Coimbra.

Com a alegria do regresso do filho tão amado, o bom pai tudo esqueceu, mas Eugénio de Castro, sabendo donde partira a delação, jurou vingar-se, o que levou a efeito mais depressa do que contava.

Pouco depois da sua chegada, foi passar uns dias ao Buçaco. À volta, ao apear-se na Pampilhosa, avistou C. P., correu ao seu encontro e numa fúria que lhe redobrava as forças, tão impetuosamente lhe aplicou uma saraivada de socos que o adversário, homem de músculo, adestrado na prática de vários *sports* teria ficado *knock-out*, se com a sua enérgica intervenção os não apartasse o Dr. Pedro, íntimo do Dr. Luís da Costa e que, vindo da sua casa de Lagares da Beira, acompanhara Eugénio de Castro de Luso à Pampilhosa.

O ano lectivo que se seguiu ao da chegada de Eugénio de Castro a Coimbra foi duma excepcional efervescência literária. A lusa Atenas era então um viveiro de poetas — Alberto de Oliveira, António Nobre, Toy, Alberto Osório, Camilo Pessanha, Francisco Bastos, Pinto da Rocha, Sanches da Gama, João de Meneses, para só falar dos mais conhecidos. Apareceram três revistas de vida efémera, como é costume — *Bohemia Nova*, *Os Insubmissos* e *Nem cá nem lá*, que humoristicamente debicava nas duas primeiras. Houve polémicas literárias, dissídios,

até cenas de pugilato. Eugénio de Castro, que não era estudante, mantinha-se um pouco ao lado de toda esta agitação, mas fraternizava com muitos dos seus confrades e prestou a sua colaboração aos *Insubmissos*, onde publicou a sua poesia dos *Oaristos — Noite de Fogo*, muito comentada pelas outras revistas.

Como não podia, porém, entregar-se exclusivamente ao culto das Musas e necessitava tomar um rumo na vida, seu pai entretanto tratou de lhe conseguir emprego.

Com a sua larga iniciativa, Emídio Navarro, então ministro das Obras Públicas, dando notável impulso ao ensino técnico, criou várias escolas e remodelou outras: em Coimbra transformou uma pequena escola de desenho, já existente, na Escola Brotero, para a qual contratou vários professores estrangeiros e alargou o quadro das disciplinas lá professadas, criando entre outras cadeiras a de língua francesa. Graças à sua influência no partido progressista, de que era um dos chefes em Coimbra, o Dr. Luís da Costa fàcilmente conseguiu que o filho fosse nomeado para essa disciplina, em cuja regência se manteve de 3 de Outubro de 89 até 8 de igual mês de 91, em que ela foi suprimida.

Os deveres profissionais em nada tolheram o seu labor literário, antes pelo contrário o seu tempo foi inteiramente absorvido, entre aquelas duas datas, pela coordenação e redacção definitiva dos *Oaristos* e das *Horas*, obras que marcam o ponto crucial da sua evolução poética.

Lembro ainda hoje com emoção o pasmo, a surpresa, o caloroso entusiasmo com que grande parte dos rapazes do meu tempo leram essas duas obras audaciosas e revolucionárias que, com as suas novas formas, a sua nova técnica, as suas intrínsecas belezas, eram como que janelas rasgadas, por onde entravam lufadas de ar fresco, rajadas de aromas vernais que embriagavam. Mas não posso também esquecer, que de princípio, perante a incompreensão do grande público, prevaleceram as apreciações desfavoráveis, os comentários facetos de certa imprensa e a crítica hostil de alguns intelectuais misoneístas. A chalaça nacional delirou com paródias no género das de *Yvaristus* e de

Cantagalo e o termo *nefelibata*, que teve grande aceitação, começou a ser empregado num sentido pejorativo.

Passou todo este arruído; à parte certos exageros e extravagâncias admissíveis e por vezes até necessárias em todos os movimentos de renovação artística, o que havia de ineditismo, de originalidade, de verdadeira beleza nos *Oaristos* e nas *Horas* veio finalmente a ser reconhecido e a impor-se. Como o próprio autor declara, veio fortalecê-lo o apoio espontâneo dos melhores espíritos da nossa terra, como João de Deus, Ramalho, Fialho e de tantos outros, que, vendo a oportunidade e os propósitos honestos que justificavam a sua obra, calorosamente aplaudiram a audácia do seu esforço. Foi indiscutível o triunfo alcançado pelo aparecimento destes dois livros, — com a clara consciência do seu valor e da missão que lhe impunha a sua atitude de ousado inovador, começaram a tomar alma e corpo no seu espírito novas obras concebidas no mesmo ideal de Beleza.

Deu-se a coincidência de nesta altura ser suprimido o seu lugar em Coimbra, em consequência das economias impostas pela grave crise de 91 e porventura pela ausência no poder do partido do Dr. Luís da Costa.

Vendo-se sem emprego e convencendo o pai de que Lisboa era o meio mais adequado para obter uma nova e condigna colocação e ao mesmo tempo para realizar os seus ambiciosos planos literários, para lá partiu.

Não foram, porém, só estes os motivos que o levaram a abandonar Coimbra — era novo, o gosto da sociabilidade e do convívio mundano, o seu culto pelo dandismo, a perspectiva de ir viver num meio mais requintadamente elegante explicam por seu lado em grande parte esta sua resolução.

Afirma Manuel Gaió que a influência do meio de Lisboa sobre Eugénio de Castro, embora curta, foi nociva, mas indirectamente veio a ser salutar, pois lhe despertou por fim, uma repugnância salvadora pelo divertido apodrecimento de que estivera quase a ser vencido. O próprio Eugénio de Castro, ao confessar que de todas as terras portuguesas, é Coimbra a mais propícia para os doces e nobres recolhimentos de espírito, tinha dito antes

que do culto das musas o afastara um pouco a vida dissipada e fútil da capital portuguesa.

Não estou de acordo; sem dúvida, a vida lisboeta nos meios que Eugénio de Castro frequentou, tem aspectos frívolos e fúteis, mas, apesar disso, longe de lhe ser prejudicial, pelo seu efeito estimulante e vivificador, altamente contribuiu para uma palpação mais intensa, para um sentimento mais humano, para a vibração de novas cordas na sua futura obra literária.

«*On peut tout acquérir dans la solitude, hormis du caractère*», diz Stendhal; de igual forma para o artista a solidão só é útil depois de ter vivido intensa e plenamente a vida. Se continuasse em Coimbra, no isolamento da sua torre de marfim, na monotonia da sua vida, na repetição dos mesmos motivos, não se estiolaria por certo, mas grandemente devia diminuir e enfraquecer a força da sua sensibilidade e da sua imaginação, o seu poder criador, até a sua riqueza de expressão verbal.

Fixou-se pois em Lisboa, e aí começou uma nova fase da sua vida. Nos seus primeiros tempos viveu em casas de hóspedes, como a da D. Augusta, a esplêndida D. Augusta do *Mandarim*, ou a da D. Paulina Soriana, na travessa da Palha.

Costumava-nos contar em Coimbra, com infinita graça, mil e uma histórias dessas casas e dos seus frequentadores. Depois, quando se estreitaram as suas relações com Columbano, passou a ocupar uns aposentos modestos, mas mais acomodados ao seu gosto e à sua vida, numa dependência do então atelier do pintor, ao pátio do Martel.

O seu amigo de infância Baltasar Cabral, que foi o seu constante e dilecto companheiro em Lisboa, em breve o introduziu no vasto círculo das suas relações mundanas e com ele começou a aparecer em toda a parte e a frequentar assiduamente a sociedade. Mas não se vá julgar que se confinou na vida frívola dum rapaz elegante — acima de tudo era um poeta, um homem de letras, dominado por mais altas preocupações e isso o levou a escolher e a preferir o convívio e as amizades que mais se harmonizavam com as predilecções do seu espírito. Recebido sempre com a mais viva simpatia na nobre e tão acolhedora casa de Santo Amaro, à intimidade do Conde de Sabugosa bem

depressa juntou a de outros gentis espíritos e vultos eminentes como Bernardo Pindela (o futuro Conde Arnoso), Ramalho Ortigão, António Cândido, Oliveira Martins e Eduardo Burnay, cujo convívio era uma verdadeira escola de cortesia, onde insensivelmente cultivava o espírito e aprimorava o gosto.

Fora deste círculo restrito de alta cultura e de fina elegância espiritual, intimamente ligado à vida lisboeta, pouco a pouco foi entrando na categoria que em Lisboa se convencionou denominar da gente conhecida. Era recebido nos meios mais diversos desde as casas da velha nobreza, dos salões mais elegantemente frequentados pelas três aristocracias e pelo mundo diplomático até às redacções de jornais, cafés e outros centros predilectos da boémia literária.

Contava-me a este propósito como vira gisar algumas cenas do *Burro do Sr. Alcaide*. Amigo de D. João da Câmara, acompanhava-o a uma casa de iscas na rua de Santo Antão, aonde ele ia ter com os seus colaboradores. Gervásio Lobato, o pantagruélico Gervásio, ao mesmo tempo que saboreava os costumes pitéus, ia escrevendo as suas risonhas facécias e enquanto Ciríaco trauteava a música que se tornou tão popular, D. João, sobre o mármore da mesa, ia compondo para a opereta versos delicados que comunicava a Eugénio de Castro:

*«Meu tormento é meu consolo,
Olhai que duro tormento
— Inventar e ter no invento
Junto ao bálsamo o punhal.
Tive um desejo do louco,
Vede se é digno de chasco
Pedir piedade ao carrasco,
Beijar-lhe a mão virginal...*

Apesar da vida um tanto dispersiva que levava, Eugénio de Castro não abandonou nem podia abandonar os seus trabalhos literários e muito menos o trato das Musas. Em várias revistas iam aparecendo poesias, que veio a incluir na *Sylva* e colaborava em vários jornais, nas *Novidades* e sobretudo no

Jornal do Comércio. No *Diário Popular*, de que então era secretário o seu amigo Mariano Pina, publicou três interessantes artigos em que expõe sobre poesia, sobre pintura e sobre teatro o ideal estético que então o dominava.

Intitulam-se — *Cosmopolitas e nacionalistas, Pintura moderna, O Teatro moderno*; neste último, sinal de que já trazia na mente a *Belkiss*, sugere o plano duma mímica em que a Rainha de Sábá visita Salomão no bíblico palácio de Jerusalém.

Foi, porém, ao *António Maria* que Eugénio de Castro prestou a sua mais assídua e variada colaboração. Este semanário deve a sua glória e a sua popularidade ao lápis de Rafael Bordalo, mas tinha uma brilhante tradição literária que vinha do tempo em que nele escreveram Guilherme de Azevedo e Ramalho Ortigão; seguiu-se depois em prosa e verso uma fase de humorismo trivial e grosseiro, como a da colaboração de Pan Tarantula: Eugénio de Castro, como era de esperar, deu-lhe uma feição fina, elegante, sorridente, que se nota até nos anúncios em verso: «*Bela florista a do Chiado...*»

Tudo isto afinal é *res minima* na obra de Eugénio de Castro; o que há a considerar nesta época de Lisboa e assinala um ponto brilhante na sua ascensional carreira de poeta é a *Sylva*, um dos seus mais belos livros, em cujas admiráveis poesias, apar de novidades encantadoras, se fundem e harmoniosamente se combinam as múltiplas qualidades reveladas nas obras anteriores. Tal livro não podia deixar de ser editado pelo então livreiro da moda, Manuel Gomes, do Chiado, que para lhe dar um cunho de maior elegância o mandou imprimir em Corbeil, na famosa tipografia de Ed. Creté, com um belo retrato do autor em heliogravura.

Estava então em plena mocidade, era um rapaz fino, elegante, espirituoso, com o prestígio já alcançado pelas suas obras poéticas; parece que aventuras galantes, ligações amorosas, o amor enfim, com todo o seu cortejo de complicações sentimentais, deviam ocupar lugar dominante na sua vida. Ocupava-o, sim, nos seus versos; não na sua vida real. Por um excesso de egotismo era insusceptível do amor-paixão. O verdadeiro amor traz sempre consigo uma abdicação, uma submissão mais ou menos

completa, uma perda de auto-domínio a que era incapaz de sujeitar-se. Podia ser o sedutor; nunca era o seduzido. Para Eugénio de Castro o sonho do amor era o verdadeiro amor; atingida a fase da cristalização, a sua imaginação poética elevava-o a regiões inacessíveis a muitas que lhe provocavam esse estado de alma. Por isso, neste capítulo, nunca ultrapassou o domínio da pura galantaria. Nada mais verdadeiro do que os seus versos da *Sylva: Judith, Dulce, Lavínia e outras*:

*Todas elas, todas! eu quisera amar,
Todas elas, todas! eu quisera ter!
Amá-las de fugida,
Amá-las de partida,
Prendendo-as sem me prender...
Quisera amá-las
Como o rio as flor's da margem debruçadas
Vê-las, beijá-las, abraçá-las
.....
E abalando, como o rio para o mar,
Pr'a nunca mais as ver...*

Em 1894 abandonou Lisboa e fixou-se definitivamente em Coimbra. Por esta tendência, infelizmente tão vulgar em certos dos nossos meios, regalavam-se em Coimbra de architectar hipóteses deprimentes sobre o regresso à sua terra. Promessas de casamento mal cumpridas, o corte de relações com Bordalo Pinheiro e sobretudo com Manuel Gustavo, a ponto tal que podia originar um duelo, eis como explicavam esta súbita e inesperada hégira. O *medo*, que hipótese absurda! E que estranha ideia da honra e de carácter de Manuel Gustavo! Um esgrimista da sua classe nunca seria capaz de se bater em duelo com um adversário que sabia nunca ter passado por uma sala de armas.

O motivo foi outro e bem outro e muitas vezes m'ó referiu o próprio Eugénio de Castro.

As exigências do meio em que vivia colocavam-no num crescendo de transes aflitivos. A este respeito contava-me várias histórias.

Em certa ocasião, um casamento para que não podia deixar de dar uma prenda veio encontrá-lo *aux abois*. Foi ter com o seu amigo Paulo Plantier, então o mais afamado floricultor de Lisboa e este tirou-o de dificuldades. Com o gosto mais requintado, compôs-lhe um soberbo «*de cravos nupcial ramo virgineo*» que, na corbeille dos noivos atraiu mais os olhares e a admiração dos convidados do que as jóias de preço vindas do Leitão e de outros joalheiros.

De outra vez, passou-se o caso em Sintra. As senhoras que lá veraneavam, promoveram uma venda de caridade na quinta do Saldanha.

Toda a gente lá ia passar as tardes e numa dessas tardes, conversando despreocupadamente com o conde de Figueiró, aproximou-se a Rainha com um açafate de *bluets*.

— Ó Eugénio de Castro, você fica-me com um raminho.

Trazia no bolso um tostão e na carteira uma nota de vinte mil reis (não se esqueça o que nesse tempo valiam vinte mil reis). Não havia que hesitar: resolutamente tira a nota da carteira e no outro dia de manhã pediu ao Baltasar Cabral que lhe emprestasse dinheiro para a passagem para Lisboa, onde foi pôr no prego a corrente e o relógio.

Anos depois contou as suas angústias à Rainha que se riu muito.

A impossibilidade de frequentar clubes elegantes, de ir a festas mundanas, de aceitar convites cada vez mais frequentes que recebia como poeta da moda, tudo isto era uma tortura e a sua situação tornara-se positivamente insustentável. Tal foi o verdadeiro motivo que o forçou a regressar quanto antes à sua pacata Coimbra.

Aqui teve de aceitar corajosamente a vida que se lhe impunha.

Tomou sobre os seus ombros a árdua tarefa de ensinar rapazes no Colégio do Maximiano, a Mont'Arroio, onde em breve ganhou fama de excelente professor: mas mal se libertava desses trabalhos forçados, o que lhe dominava a vida e inteiramente o absorvia era a preparação das suas novas obras.

Foi este um dos períodos mais intensos da sua vida literária. Desde a volta de Lisboa e depois da publicação da *Sylva*, sucessivamente foram aparecendo em curtos intervalos até à publicação da *Constança* em 1900, nada menos que nove obras de natureza variada e complexa, mas em todas as quais se fundem e se equivalem as suas nobres e altas qualidades de artista.

Manuel Gaio, que durante uns anos tinha andado erradio por Tomar e por Lisboa, voltara para as margens do prateado Mondego e para a sua tão amada Coimbra, onde foi colocado como secretário da Universidade. Com ele fundou em 1895 a notável revista *Arte*, da qual até Junho do ano seguinte se publicaram apenas oito números, cada um dos quais com rica e original colaboração portuguesa e estrangeira.

Na sua vida efémera, foi altamente valiosa a acção desta revista, pelo movimento de curiosidade e de simpatia que suscitou pela nossa literatura nos meios mais cultos do estrangeiro.

E não pouco ela contribuiu para que a obra poética de Eugénio de Castro recebesse lá fora uma justa consagração, do que foi prova bem significativa o banquete promovido em Paris a 15 de Junho de 1906 por L. P. de Brinn-Gaubast, seu tradutor e seu amigo, ao qual assistiram nomes dos mais representativos da literatura francesa da época.

Durante os primeiros anos da sua estada em Coimbra, a partir de 1894, a sua existência quase inteiramente absorvida pelo seu labor literário ainda se repartia por outras tarefas mais ou menos compatíveis com esse labor: a convite do editor da *Arte*, Augusto de Oliveira, dirigiu a publicação da *Biblioteca Internacional* de que se publicaram vários volumes, para o primeiro dos quais, *Poesias*, de João de Deus, escreveu uma carta em verso; leu poesias suas em várias festas académicas, como o *Rei Galaor* na dos estudantes premiados de 1895; em 2 de Fevereiro de 1896 realizou no Instituto de Coimbra uma conferência à memória de João de Deus e não se dedignava nesta sociedade reger um curso de francês, para operários, curso integrado num vasto e generoso plano de instrução popular, promovido pelo então seu presidente Dr. Bernardino Machado.

Ainda não tinha atingido por esta época os seus trinta anos, era um rapaz e gostava de fazer vida de rapaz. Nas horas que lhe sobravam das suas ocupações professorais e dos seus trabalhos literários, preferia convivências moças à de austeros personagens, que a vida fez doutos e graves, tão vulgares ainda então em Coimbra.

Carlos de Mesquita, que concluía o seu curso de direito e que Eugénio de Castro muito admirava, tornara-se seu íntimo. Como insular, relacionou-o com os seus conterrâneos. Quem andou por Coimbra não deixou de notar que os ilheus se destacam na massa estudantil; mesmo aqueles em cujas veias não corre o sangue dos primitivos e nobres povoadores, são em geral rapazes de fino trato, bem educados, alguns deles cultos, viajados, com quem dá gosto conviver. Era pois com Carlos de Mesquita, com açoreanos, com madeirenses, com Henrique de Vasconcelos, que por ser caboverdeano entrava na categoria dos insulares, que Eugénio de Castro predominantemente acamaradava. A estes juntava-se um ou outro continental, camarada nas letras, jovem poeta, ou algum rapaz que se tornara conhecido pela sua graça e pelo seu espírito, como o Fernandes da Piada. Com eles passava horas folgadas e alegres e frequentemente, por tardes amenas, os acompanhava em animadas e ruidosas estúrdias. Era de ver a alegria com que em tipoias do Porfírio ou do Polaco, abalavam para sítios tão frequentados para estas rapaziadas nos arredores de Coimbra, como Ceira, as Torres, Tentúgal, às vezes mais longe, para o Buçaco, quase sempre acompanhados por França Amado, que desde a publicação da *Belkiss* era o editor preferido de Eugénio de Castro e ficara seu grande amigo. Era ele, por sinal, quem se encarregava dos foguetes, pois, sem eles, Eugénio de Castro não considerava a festa completa.

À volta, depois de ter atirado os últimos foguetes, que no ar estoiravam alegremente, de certo não passava pelo espírito do França que o Poeta, em que sempre moraram paredes meias a realidade e o sonho, abandonava à pressa os companheiros, pois já lhe tardava ir, muito longe dali, ver dançar a linda Salomé, lasciva e nua, diante de Herodes, ou então ouvir a história maravilhosa, contada por Padilha, do peixe mulher, ou mulher mari-

nha, que foi levada a Harlem, as confidências angustiadas de Sagramor e a voz de Sibyla, emparedada numa alta torre pelo Rei Galaor...

Por estes anos, no fim do verão, gostava de ir passar uma temporada em Luso no pacato hotel da Carolina (hoje Lusitano), onde tinha bons companheiros e a mesa era simples, mas excelente. Num desses veraneios, caiu-lhe no agrado uma moça sádia e desenxovalhada, no seu género um tipo perfeito de beleza rústica, que todas as manhãs vinha de Santo António do Cântaro vender leite aos hotéis de Luso. Vieram à fala, a rapariga não se mostrou esquiva e poucos dias depois já com ela se entendia maravilhosamente. Nas frescas manhãs de Setembro, levantava-se cedo, deitava pelas costas o seu varino e, como um capricornipede egipian, lá subia para a mata em busca da sua dríade. Para esta o fãuno não passava dum bom e generoso senhor da cidade, a quem se entregava dócil e complacente e nos mais íntimos recessos da floresta seguiam-se longos colóquios de sensual plenitude. Pacificados os sentidos, voltava bem disposto ao hotel, e, entre o almoço e o jantar, nas horas calmas da sesta, nunca a inspiração lhe brotou mais espontânea, nunca tão ligeira lhe correu a pena sobre o papel.

Acabavam as férias, voltava a Coimbra e era então que costumava pôr-se em contacto com França Amado para a impressão dos seus livros. Conhecia-o desde longa data e mesmo antes de ser o seu editor preferido, se lhe afeiçoara. Lembrava-se de o ver modesto caixeiro, depois *fac-totum* do Orcel, compadre do Dr. Chaves, editor da sua Revista e agora, aí o tendes, *livreiro-editor França Amado*, com casa nas Lapas, adega e tulha em Castelo Viegas, casas na cidade, numerosos amigos, a quem metia os tampos dentro com abraços e esmagava os dedos com os apertos da sua mão tão grossa que nunca encontrou nos luveiros luvas que lhe servissem — o *cavaleiro das mãos irresistíveis*, como mais tarde diria Quim Martins.

E contava-me: Para as edições dos seus livros, arma-se de paciência, marca a entrevista definitiva — de noite é claro — põe

definitivamente o preço e demais condições. França recalitra, protesta, lamenta-se e no fim de quatro horas está por tudo o que lhe propõe. Outras vezes foge de o encontrar. Chega a sair de Coimbra para tratar com ele em cartas.

Dinheiro, tarde lho pede, tanto o aflige o horror das intermináveis entrevistas. E assim continuaram a entender-se em negócios, até que França próspero, trespassou a livraria à empresa «Lumen».

Como esteta e como bibliófilo, Eugénio de Castro ligava a maior importância ao aspecto gráfico dos seus livros e era este um dos pontos mais debatidos com os editores. É evidente essa preocupação já nas primeiras edições dos *Oaristos* e das *Horas*; das suas primeiras edições a que mais lhe agradava era a da *Belkiss*, com pequenas gravuras sobre desenhos de A. Gonçalves e à qual as rubricas vermelhas davam um belo ar; para a *Nereide de Harlem* deu-lhe Battistini desenhos de rara elegância, mas nunca concordou com o formato nem com a profusão de cata-sois. Às edições que se seguiram impôs um carácter mais sóbrio, mas sempre com certo cunho de distinção; quando uma vez por outra se tratava com editores ocasionais, punha de parte essas preocupações. Pelas gralhas então tinha verdadeiro horror; nunca perdoou a M. Gomes não ter substituído por uma nova folha a do primeiro verso da *Circe* — *Mse m ravam rosas* com uma errata em papel vegetal intercalado no texto. Para o autor, como bibliófilo, foi edição que ficou inteiramente desvalorizada.

Em 1898, ia a entrar nos trinta, sentiu que lhe convinha mudar o teor da sua vida.

A grande amizade e dedicação que o Bispo Conde D. Manuel de Bastos Pina tinha pelo Dr. Luís da Costa transmitiu-se ao filho. Este fazia-lhe amiudadas visitas e passava longas temporadas na sua casa de Carregosa. Foi aqui que ele ficou conhecendo sua sobrinha com quem veio a casar nesse ano, excelente Senhora, espelho de todas as virtudes domésticas, que lhe deu um lar de vida tranquila e doce, onde no mais venturoso ambiente de afectos familiares, decorreu a fase mais feliz e mais gloriosa da sua existência.

Em anos sucessivos, como outras tantas bênçãos do céu, nasceram seis filhos, contando um que morreu de tenra idade. Os restantes, dois filhos e três filhas que na meninice e na juventude enchiam de risos e de alegria a casa paterna, com o andar do tempo, na plenitude da vida, pelos dons de que a natureza os dotou e pela cultura de espírito, devida em grande parte à primorosa educação que receberam, eram para seus pais motivo de consolação e de orgulho.

Na verdade raro se encontra pai mais vigilante e mais cuidadoso pela educação dos filhos do que foi Eugénio de Castro, sendo plenamente justificada a legenda que adoptou para o seu *ex-libris* — *Libri et liberi sub oculis semper*.

Dois anos depois do seu casamento, publica o formosíssimo poema *Constança*, no dizer de Unamuno — *lo más português, y, portanto, lo más humano, lo más universal* — *que es talvez lo contrario de lo cosmopolita* — *de toda la poesia de Castro*. É unânime a crítica em reconhecer nesta obra o começo duma nova fase na evolução poética do autor; observa porém Manuel Gaio que é um erro considerá-la resultante duma imprevista e radical transformação moral, não se trata duma sobreposição de personalidades; simplesmente se completa — integrando num total de superioridade tudo quanto nele só *esperava* o momento de revelar-se. Ainda assim é certo que *Constança* e outros livros que se seguiram exprimem um estado de espírito bem diferente do que anima as suas criações anteriores, como *Interlunio*, *Belkiss* e *Sagramor*.

Passou a fase de pessimismo, não místico nem visceral, como diz ainda Manuel Gaio, mas dum esteta, e que encontra a sua mais alta expressão no *Interlunio*; todas as suas obras, embora de diversa índole, acusam sentimentos morais mais largos, de profunda e humana emoção. Nota-se ao mesmo tempo em todas elas a tendência para a simplicidade, duma límpida beleza clássica. O próprio autor, confessando na sua auto-biografia ter-se tornado um conservador pacífico, amante da ordem e do equilíbrio, é o primeiro a reconhecer que, a partir de certa altura, a sua poesia ganhou em profundidade e se tornara mais natural e

humana. Estabelecendo uma hierarquia de valores para as suas criações anteriores, chega até, numa forte dose de exagero, a considerar em 1907 as *Horas* como *uma velha blague*.

O Amado Ferraz de
 Carvalho oferece esta
 velha blague
 a seu
 amigo e amigo
 Eugenio Castro

H. VI. 1907

Castro.

(Dedicatória num exemplar das *Horas* oferecido por E. de Castro ao autor em substituição dum outro, que este tinha perdido)

Estou convencido de que, além doutras razões, grandemente contribuiu para o novo carácter que, a partir de 900, assumiu a sua obra poética, a paz, o sossego, a felicidade, a vida remançosa, regrada e tranquila que passou a ter no aconchego do lar.

Já Teófilo Braga, numa carta que lhe escreveu por ocasião do seu casamento, notando que este sucesso capital da sua vida, havia de exercer benéfico influxo na sua constituição de artista, acrescenta: «É na vida doméstica que existe o foco de energia

moral que se reflete no homem público; é daí que vem a serenidade para as altas contemplações artísticas e filosóficas; é aí que se encontra alento para todas as batalhas da nossa existência. Seja muito feliz, e entreteça a união conjugal com um pouco de arte, e creia que a existência se converterá em um poema».

*
* *
*

Quando fui nomeado em 1903 para a Escola Brotero, esta, sob a direcção do Mestre Gonçalves, tinha vida calma e sossegada e a frequência relativamente diminuta dos primeiros tempos.

Passou depois por numerosas vicissitudes, sucederam-se diferentes directores, mas desde esse ano até 1930, isto é, durante vinte e sete anos, nela tive Eugénio de Castro por colega e constante companheiro nos trabalhos escolares. Eramos professores de disciplinas afins, ele de francês, eu da língua pátria, os cursos eram os mesmos, aulas quase às mesmas horas, fazíamos juntos o serviço de exames, de forma que, pode dizer-se, durante o tempo útil nesses vinte e sete anos lectivos, raro era o dia em que não nos encontrávamos.

Depois da sua reintegração na Escola, no ano do seu casamento, mesmo depois da nomeação para a Universidade até 1930, em que sentiu não poder acumular os dois cargos, a vida de Eugénio de Castro era duma regularidade isométrica.

Consagrava as manhãs e parte do dia aos seus trabalhos literários e às leccionações no Colégio de Maximiano e só à noite, depois de jantar, tinha uma ou duas horas de serviço na Escola.

Dos professores estrangeiros da fase inicial, restavam apenas Ch. Lepierre e Battistini, que no ano da minha nomeação, com grande mágoa de Eugénio de Castro, que muito o prezava, saiu para Lisboa. Aos restantes, apesar das diferenças de idade, de tendências, de credos políticos e religiosos, unia-os a todos, dentro da escola, a mais leal e franca camaradagem. Muita gente tinha Gonçalves como criatura irritante, rebarbativa, de áspera e acutangula dicacidade. Dentro da escola, para os colegas, era

dum trato afabilíssimo, e em questões de serviço, entre ele, como director, e o corpo docente, nunca surgiu a mais ligeira sombra de conflito. Detestava tudo o que tinha o ar burocrático; para tirar à secretaria e ao seu gabinete o aspecto duma repartição pública vulgar, encheu as paredes dalguns bons quadros que hoje se encontram no Museu Machado de Castro e, no mobiliário do seu gabinete, além da preciosa cadeira de coiro, onde habitualmente se sentava, havia alguns belos móveis do século XVIII, hoje também no Museu. Nos intervalos e depois das aulas, reuniam-se ele e os professores em animada tertúlia, que por vezes se prolongava, pois havia um terreno neutro, amplo campo para conversas em que todos se entendiam à maravilha. Eugénio de Castro era um conversador de excepcional encanto, por vezes irónico e malicioso, mas dando a tudo o que contava a graça que lhe era peculiar. Às vezes vinha assistir a estas conversas o empregado da secretaria, o sr. Fonseca, por quem Eugénio de Castro tinha uma feição especial. No seu passado este homem tinha tido uma vida farta e regalada, como administrador dos bens em Coimbra da opulenta casa da Baía. Partilhada esta casa pelos inúmeros herdeiros dos últimos condes, o pobre Fonseca ficou numa situação aflitiva, valendo-lhe alguns amigos que lhe conseguiram esse modesto lugar na secretaria da Escola. Mas vivia mal e, com a sua bondade, Eugénio de Castro favorecia-o de diversos modos. Como a sua paixão era a gastronomia, sabia a maneira de o tornar certos dias do ano o homem mais feliz do mundo:

— Sr. Fonseca, avise-me da chegada das melhores lampreias e esmere-se em arranjar uma ceia à altura dos meus convivas. Era um alegrão para o Fonseca, cujas receitas culinárias tinham fama em Coimbra e bem apreciadas eram por esses convivas, que costumavam ser, além do anfitrião, o Dr. Luciano, Ângelo da Fonseca e Manuel Gaio. Noutros casos era o Fonseca que recorria a Eugénio de Castro:

— Ó Sr. Eugénio, o senhor que escreve tão bem, valha-me nesta aflicção; tenho aqui a norma dum ofício para o ministério, feita pelo Sr. Gonçalves, coisa muito séria; como hei-de meter entre *Tenho a honra de...* e *Deus guarde a V. Ex.^a*, tantos

pontos de admiração e tantas reticências? Escreva-me isto doutra maneira; o Sr. Gonçalves não leva a mal.

E não levava; lia a nova redacção dulcificada, cuja proveniência não ignorava e, a sorrir, punha a sua assinatura, evitando perventura um novo conflito com a *obra pública*, como ele costumava dizer.

Assim, suavemente e em trabalho atenuado, ia correndo o ano lectivo. Chegavam os exames, Eugénio de Castro não reprovava ninguém. Não quer isto dizer que ele deixasse de estabelecer uma selecção rigorosa; por bons modos afastava os mais fracos, mas para os que julgava habilitados, o exame não passava de mera formalidade.

As suas altas qualidades de professor evidenciavam-se nesses exames. Eram um verdadeiro milagre os resultados que conseguia no fim de dois escassos anos de ensino. O interrogatório era sempre em francês; algumas vezes Lepierre dizia:

— Ó Eugénio, você fala francês melhor do que eu; quando interroga os alunos e comenta o texto, parece que está no Conservatório a prestar provas de declamação e de *pur accent*.

Quando chegava a sua vez de interrogar, Lepierre que era químico e não engraçava com o ensino das línguas, exclamava:

— Estes interrogatórios são secantes!

— Vá, Lepierre, vá dessedentar-se à *fons vitae*.

Aludia Eugénio de Castro a uma originalidade da escola, que nunca se viu por certo em instituições similares. Durante os exames, havia serviço permanente de bufete; era tradição que já vinha do tempo dos mestres alemães, mas estes contentavam-se com uma garrafas de cerveja e sanduiches variadas. Com o andar dos anos, este simpático costume foi-se complicando. Cotizavam-se os professores; o Sr. Fonseca desde o Ladeira, de Celas, até às Alturas escolhia as especialidades da terra em doçaria, ele próprio se encarregava das sanduiches e croquetes, tarefa que lhe dava mais cuidado do que a organização das listas dos exames e escrita dos respectivos termos; mas o mais generoso contribuinte desta festa era o Dr. Francisco Pessoa que colocava ao centro da mesa um grande vaso de vidro com sua torneira, dos que se costumam usar nos filtros e que

ele fazia encher do seu Chablis, do *incomparável Chablis*, como ele dizia, produzido na sua quinta para os lados da Sioga. Era esta a *fons vitae* que Eugénio de Castro recomendava a Lepierre, *fons vitae* que secou com a saída para Lisboa do Dr. Pessoa e com ele lá se foi também tão risonha e simpática tradição.

Nestes exames, muitos anos depois, já Lepierre estava em Lisboa, fui testemunha da pasmosa facilidade com que Eugénio de Castro compunha versos. Trazia ele entre mãos o *Cavaleiro das Mãos Irresistíveis*. Enquanto eu e o outro colega iam tomando conta das provas escritas, a parte mais demorada dos exames, Eugénio de Castro, na sua excelente caligrafia, tão fina e tão elegante, alinhava com ligeiras emendas, com uma ou outra entrelinha, dezenas e dezenas de decassílabos, que, findos os exames, nos dava o grande prazer de ouvir, puros, suaves, duma euritmia perfeita, numa forma tão acabada que podiam ir de lá directamente para a tipografia. Não sei se nalgum desses versos que lhe ouvimos vinha a cacofonia registada em 1927 pelo Sr. Alfredo Pimenta no seu *Tratado de Versificação* e que eu comuniquei ao autor.

— É terrível esse homem! Nada lhe escapa... Paciência, agora já não tem remédio.

E assim sucedeu, porque na edição de 1931 lá aparece.

Mas voltemos atrás, aos meus primeiros anos da Escola Brotero. À noite, findas as aulas, saíam quase todos os professores num só grupo, à frente Mestre Gonçalves, com a sua figura esguia e o seu traje invariável tão característico. À entrada da Calçada separávamo-nos. Gonçalves e Lepierre iam para a Drogaria Rodrigues da Silva, centro de arqueólogos e de republicanos pre-históricos, onde nunca faltavam o Cónego Prudêncio e Quim Martins, com as suas *blagues*. O Dr. Sidónio subia à rua da Ilha, para a sua partida habitual de bridge ou de bluff. Depois de passar pelo Lusitano, onde, em companhia de Ângelo da Fonseca, tomava um ou dois copos de cerveja, Eugénio de Castro dirigia-se invariavelmente à Havanesa, então do Adriano do Estanco, que a essas horas era um clube mais frequentado que o clube das lentes da rua da Ilha. Acabou, e é pena, esse e outros pontos de reunião, porque em Coimbra a gente de

certa ordem era mais dada e mais sociável do que a de hoje. Havia bancos reservados para os Drs. José Bruno, Teixeira Bastos e para o cavaleiro D. João de Melo e eram infalíveis os três viajantes Dr. Luciano, Henrique de Figueiredo e Barbosa, este engenheiro com o curso de minas de Freiberg, inseparáveis companheiros de longas e demoradas viagens nesses tempos docemente pacíficos, em que, sem se sonhar ainda com aviões, era uma delícia viajar sem peias por todos os países da Europa, quando não até ao Egipto e à Palestina. As conversas amortecidas animavam-se com a chegada de Eugénio de Castro que todos escutavam com delícia. Nunca lhe faltavam companheiros para voltar a casa ao sair da Havanesa, o que por via de regra fazia ao dar o sinal da partida o Dr. Luciano. Este era também um conversador admirável; lembra-me sempre a nitidez e precisão com que emitia as suas opiniões, sempre com um comentário arguto a propósito de tudo e às vezes mordaz quando se tratava de coisas que não lhe agradavam. Em geral eu, Manuel Gaio e o juiz aposentado Dr. Mirabeau fazíamos parte do grupo. Deixávamos o Dr. Luciano, que vivia a S. Cristóvão e depois nos Palácios Confusos, à Sé-Velha ou à Estrela, e nas noites de luar, desse luar de Coimbra duma beleza incomparável, Eugénio de Castro fazia-nos dar uma grande volta e subíamos lentamente pela Couraça.

Conheci-lhe três casas diferentes, no Arco do Bispo, na rua do Norte e finalmente a casa paterna na rua do Cosme.

Foi viver para a primeira depois do seu casamento. Era uma dependência do Paço do Bispo, mandada construir por D. Francisco de Lemos para estabelecer fácil comunicação com a Sé. Era fria e um pouco desconfortável; nos soalheiros dias de inverno, Eugénio de Castro, para escrever, instalava-se num desvão debaixo do telhado com uma ampla janela para o largo do Salvador. Com os seus punhos de renda escrevia numa mansarda — nunca obras tão belas tiveram berço mais humilde.

Por o Bispo Conde ter abandonado o Paço depois da proclamação da República, Eugénio de Castro foi viver para uma velha casa da rua do Norte que para ele tinha uma grande vantagem — não se via da rua. Dava-lhe acesso um largo pátio

muito discreto circundado pelos três corpos do edificio. Era uma casa dum interior irregularíssimo, com muitos recantos, muitos desvãos, mas a que Eugénio de Castro achava graça; e com os seus móveis, os seus quadros, os seus objectos de arte tinha conseguido dar-lhe um ar atraente e simpático.

Finalmente a última, onde contava passar o resto da vida, veio a occupá-la depois da morte de seu pai. Eugénio de Castro detestava as casas novas, em bairros novos, a casa paterna tinha um ar velhote que lhe agradava e, com as obras a que mandou proceder, ampliou-a, tornou-a muito confortável, ao mesmo tempo que enlevadamente juntava de ano para ano belas coisas ao precioso recheio que já anteriormente possuía.

*

* *

Ligam-se estas recordações, na maior parte, aos primeiros anos em que tive por colega Eugénio de Castro. Seguiram-se anos duma tremenda agitação política em que se deram factos que para ele deviam ser dolorosíssimos, como o regicídio, a queda do regime, o exílio da família real, por quem era tão dedicado, mas através de tudo, nas piores crises, mantinha uma serenidade imperturbável. Assim, quando foi do regicídio, lembrou-me a frase de B. d'Aurevilly, por que sabia eu ser tão dilecto — *«rien n'est plus beau, après tout, que la force humaine écrasée par la stupidité du destin!»*

A sua vida exterior manteve-se inalterável; acompanhava-o, como dantes, à saída da escola até aos pontos de reunião habituais, dava com ele largos passeios a que agora se juntavam novos companheiros, como Jacinto de Bettencourt, ligado pelo seu casamento à família de Manuel Gaio, Brito e Faro, companheiro dos *dissipados* tempos de Lisboa, antigo official de cavalaria, obrigado a reformar-se por uma das inúmeras revoltas desse tempo.

Nalguns desses passeios ou em demoradas visitas que costumava fazer-lhe, sabendo das minhas predilecções literárias e das minhas leituras habituais, interrogava-me sobre essas leituras e desejava saber as minhas impressões; emprestava-me às vezes

livros que lhe ofereciam, antes de ter tido tempo de os ler — *La Mort* de Maeterlinck foi um desses. Como eu era leitor assíduo do *Mercure de France*, encarregava-me de lhe comunicar o assunto das crónicas de Remy de Gourmont que ele apreciava imenso. Confessou-me um dia que de Stendahl apenas tinha lido *De l'Amour*, parte de *Le Rouge et le Noir* e *La Chartreuse*, que Carlos de Mesquita lhe declarara em tempos considerar o melhor romance de todos os que até aí lera. Levei-lhe a *Vie de Henri Brulard* e *Journal d'Italie*; ficou encantado — «que deliciosa a vida apaixonada de Stendahl em 1811 em Milão; *visse, scrisse, amô*, aqui está para mim a vida ideal, a vida tal como desejaria vivê-la!»

Depois da criação da Faculdade de Letras, exultou com a vinda de Carlos de Mesquita para Coimbra; a sua permanência em Viseu como professor do liceu, considerava-a Eugénio de Castro um verdadeiro exílio, criava-se-lhe finalmente uma situação que as suas altas qualidades justificavam e impunham.

Eram amigos de há muito e à sua afectuosa amizade juntava o maior apreço pela sua cultura e capacidade crítica. Neste ponto até, julgava-o muito superior a Moniz Barreto.

Passaram logo a viver na mais íntima camaradagem intelectual, numa constante permuta de ideias, de impressões, de sentimentos. Comunicava-lhe os seus planos literários, discutia com ele e não poucas vezes acabava por seguir os seus conselhos, reconhecendo a sua superior intuição estética e penetrante visão crítica. Com Manuel Gaio tornou-se o seu constante e inseparável companheiro nas horas que lhe deixavam vagas as suas ocupações; visitavam-se a miúdo e gostavam de dar longos passeios, em que por vezes me era gratíssimo acompanhá-los. Num desses passeios, subindo pela estrada de Lisboa, fomos sentar num banco de pedra, a meio encosta, sobre um valeiro ao fundo do qual se vêem as árvores da Fonte dos Amores. No decorrer da conversa, — lembra-me como se fosse hoje — Eugénio de Castro disse a Carlos de Mesquita que nessa manhã, no *Portugal antigo e moderno*, tinha lido a lenda de S. Macário, que achou lindíssima e tencionava aproveitar parte dela para uma poesia. «Macário era um santo moço anacoreta que raro descia ao povoado.

Veio uma vez pedir brasas, mas tão alheado andava das coisas deste mundo que nem sequer lhe lembrou como devia levá-las e, absorto nas suas visões, estendeu as mãos. Insistia; a mulher a quem as pediu não teve remédio senão dar-lhas e — caso nunca visto! — levou-as plácida e, sem a pele das mãos ficar queimada.

Repetiu-se a maravilha. Ora um dia que o santo levava nas palmas a mancheia de brasas viu uma donzela de deslumbrante beleza. Olhou-a complacente e de súbito as suas mãos ficaram horrorosamente queimadas».

Da lenda, eis ao que limitava o que queria pôr em verso; Carlos de Mesquita instou para que não deixasse de o fazer.

Trago esta recordação para exemplificar o tempo e a distância que, em certas obras de Eugénio de Castro medeia entre a sua concepção original e o desenvolvimento que depois lhe vem a dar na sua realização definitiva. Isto devia ter-se passado em 1912 ou 1913; quatro anos depois — já Carlos de Mesquita tinha morrido — fala-me novamente dessa lenda e, sabendo que eu tinha parentes e amigos em Lafões, encarregou-me de averiguar o que dela subsistia na tradição local. Dirigi-me ao abade de Carvalhais, Padre José da Rocha Reis e Vasconcelos, que me informou ser tal lenda completamente ignorada por ele e pelo povo daqueles sítios; como era porém mais amante da caça do que leitor de agiológios e conhecedor de tradições locais, dizia-me conhecer palmo a palmo a Serra de S. Macário, ter lá abatido águias a tiros certos de zagalotes e referia-se a barrancos e precipícios que por lá havia — a estrada da serpe e a porta do Inferno. Eugénio de Castro achou aproveitáveis as últimas informações do padre, sobretudo a das águias fazerem seus ninhos no píncaro da serra. Mas só no fim de 1921 concluiu esse admirável poema que dedica à memória de seu pai, como a primeira obra que escreveu depois da sua morte. Vejam agora os seus leitores o tempo decorrido e o desenvolvimento que deu à ideia poética que surgiu no seu espírito cerca de oito anos antes.

Em Outubro de 1914 foi-lhe dada finalmente no professorado mais alta e condigna situação, perfeitamente justificada pelo seu grande valor e renome literário.

Em virtude duma disposição do Estatuto Universitário que dispensa de quaisquer provas para a sua admissão vultos eminentes ou pessoas de reconhecida competência para o ensino, foi nomeado, sem concurso, professor extraordinário da Faculdade de Letras e em Junho de 1916 professor ordinário, catedrático, dessa Faculdade, na velha e nobre Universidade de Coimbra.

Encarregado da regência da cadeira de língua e literatura francesa, para que os seus especiais conhecimentos e comprovada competência naturalmente o indicavam, houve-se desde logo no desempenho dessa missão com tal proficiência e brilhantismo que de todos, mestres e alunos, mereceu os maiores louvores e admiração.

Daí por diante a sua vida académica foi uma série ininterrupta de triunfos e de homenagens, que causaram infinito júbilo a todos os seus velhos amigos e admiradores.

Dispensó-me de lhes fazer especial referência; nesta fase radiosa da sua carreira, uma larga publicidade se apoderou justificadamente da sua vida e da sua obra, nada de novo e desconhecido iriam acrescentar estas minhas notas e ligeiras impressões, que perderiam até o carácter de intimidade que sempre me esforcei por lhes manter.

Nesta evocação pretendia arquivar apenas recordações agradáveis; há porém tristes sucessos a que não posso deixar de referir-me.

Logo no ano em que o nomearam catedrático e recebeu o alto grau de doutor na sua Faculdade, sofreu o profundo golpe de morte de seu grande amigo Carlos de Mesquita. *

Nos meses que se seguiram e ainda muito tempo depois, quando me encontrava com Eugénio de Castro e com Manuel Gaio e conversávamos, vinham constantemente à tona recordações do pobre morto.

Em Dezembro desse ano, andava Eugénio de Castro a preparar o artigo publicado na *Revista de Universidade* sobre C. de Mesquita, fixei e ainda conservo com precisão na minha memória um diálogo entre os dois amigos.

Manuel Gaio notava a dificuldade de escrever qualquer coisa sobre aquele ilustre desconhecido, tão obscuro, de espírito tão complexo, que raros apreciavam.

É justamente, dizia Eugénio de Castro, a ideia dominante que quero aproveitar para o meu artigo — a desproporção notável entre a pequena obra realizada e a grande obra virtual dum espírito tão original e tão culto. Diziam os Goncourt que verdadeiramente a nossa obra era a que queríamos escrever e em Carlos de Mesquita a comprovação das suas qualidades está na severidade excepcional que usava para consigo. A sua introspecção, o seu poder de análise, que possuía no mais alto grau, levavam-no a desdenhar e a achar mesquinhas as próprias criações, que não se corporizavam, que não tomavam forma, estranguladas nas terríveis provas a que as submetia. Obscuramente, realizou também uma obra benemérita. Que novos mundos de beleza não revelou a pobres cegos que levava pela mão e a que conseguia mostrar a radiante claridade dos céus entrevistos! É uma feição pouco conhecida, mas das não menos apreciáveis deste criador de beleza...

Era nestes termos que costumava referir-se a esse amigo, tão prematuramente roubado ao seu affecto, em intermináveis conversas com o outro seu grande amigo Manuel Gaio.

A minha amizade e o meu convívio com Eugénio de Castro andaram sempre indissolúvelmente ligados ao meu convívio e à minha amizade por Manuel Gaio. A morte deste, dez anos antes da de Eugénio de Castro, foi um dos maiores desgostos por que passei em Coimbra.

Que saudade imensa! E que vácuo deixou na minha existência a perda desses dois amigos tão queridos! A Manuel Gaio ligavam-me além disso laços de parentesco, embora remoto, pois um dos seus avós maternos, o Dr. Francisco Manuel de Campos, tinha casado em Tondela com uma neta do meu sexto avô, o capitão Vicente Rodrigues do Vale, ascendência que ele tanto prezava que em muitas das suas edições figuram as três espadas em roquete, timbre dos Vales. A Eugénio de Castro, também a partir de 1919, ano do falecimento do Dr. Luís da Costa, em contraste com a sua glória e com os seus triunfos, ensombraram a vida pesados lutos de família que lhe encheram de espinhos o coração — a perda de seus pais, de seu irmão Luís, a sua viuvez e a morte tão cruel e prematura de sua filha mais velha. *É le ciel*

en creux das vidas mais felizes, como do Reino do Mal dizia B. d'Aurevilly.

Nos últimos tempos da sua vida sofreu outro profundo abalo ao saber que a sua casa ia ser demolida para as obras da cidade universitária.

Quem conhece a alma das coisas e a vida que comunicamos a tudo quanto nos rodeia compreende num relance quanto seria doloroso para o Poeta o abandono dos seus recantos familiares, dum ambiente tão cheio de si mesmo, que durante longos anos tanto soubera afeiçoar ao seu modo de ser, aos seus gostos, ao seu espírito, onde apar das grandes alegrias do lar, perpassava ainda melancolicamente a sombra dos entes queridos que ali viveram e que a morte exilou. Tudo isto lhe alanceava o espírito, vendo que com a demolição da casa, grande parte da sua alma ficava sepultada sob as ruínas.

Em 1944, num dos primeiros dias de Janeiro, como de costume, fui visitar Eugénio de Castro e desejar-lhe boas entradas de ano. Na casa tudo conservava ainda o seu aspecto habitual, mas em breve se dava conta que a vida lá durante o dia era constantemente perturbada pelo ruído das demolições dos prédios vizinhos e sobretudo pela poeira, por uma poeira insuportável que mesmo pelas janelas calafetadas invadia tudo, cobrindo com uma camada espessa os móveis, os livros, os tapetes, os objectos de arte colocados sobre as mesas. Com uma melancolia resignada, Eugénio de Castro fingia não dar por isso. Levou-me para um gabinete interior muito aconchegado e aí, sentados à braseira, com os pés e joelhos resguardados sob a cortina da camilha, passei duas boas horas a ouvir-lhe ler as primeiras vinte e três laudas das suas *Memórias*.

Aligeirava as suas preocupações escrevendo-as *currente calamo* e a essa tarefa consagrava ele então a maior parte do tempo. Começavam pela cópia do seu assento de baptismo, falava dos seus padrinhos e dos presentes que lhe deram, lembrava a casa onde nascera na Calçada, minúsculos incidentes da sua infância, a impressão que lhe causou a primeira defunta que vira, uma sua velha tia, e os seus amores por uma linda menina com quem passeava num carrinho de mão pela estrada da Beira...

Noutras visitas que daí em diante lhe fiz, a casa, que se ia desguarnecendo de móveis, tornara-se quase inabitável, mas obstinava-se em não a abandonar.

Certo dia, já em pleno verão, senhoras da família convidaram-no a meter-se num carro a ver se concordava com o arranjo dos aposentos que na casa do Penedo lhe destinavam.

Era uma pequena traição: já estava tudo disposto para o receber e não o deixaram voltar. A 18 de Julho fui vê-lo já definitivamente instalado e mal diria eu que era a minha última visita. Demorei-me, quis mostrar-me a casa que eu já conhecia do tempo do seu irmão Luís.

Este, celibatário, construíra-a para sua exclusiva habitação, mas apesar de ulteriores acrescentos, era de tão exíguas dimensões que mal lá caberia uma pequena parte do recheio da casa anterior; dos livros, nem falar.

Era preciso fazer grandes obras; transformá-la por completo.

Com dificuldade o acompanhei através de várias saletas, por entre cristais, louças, quadros apeados espalhados pelo chão, à espera ainda de colocação definitiva.

Levou-me a uma janela:

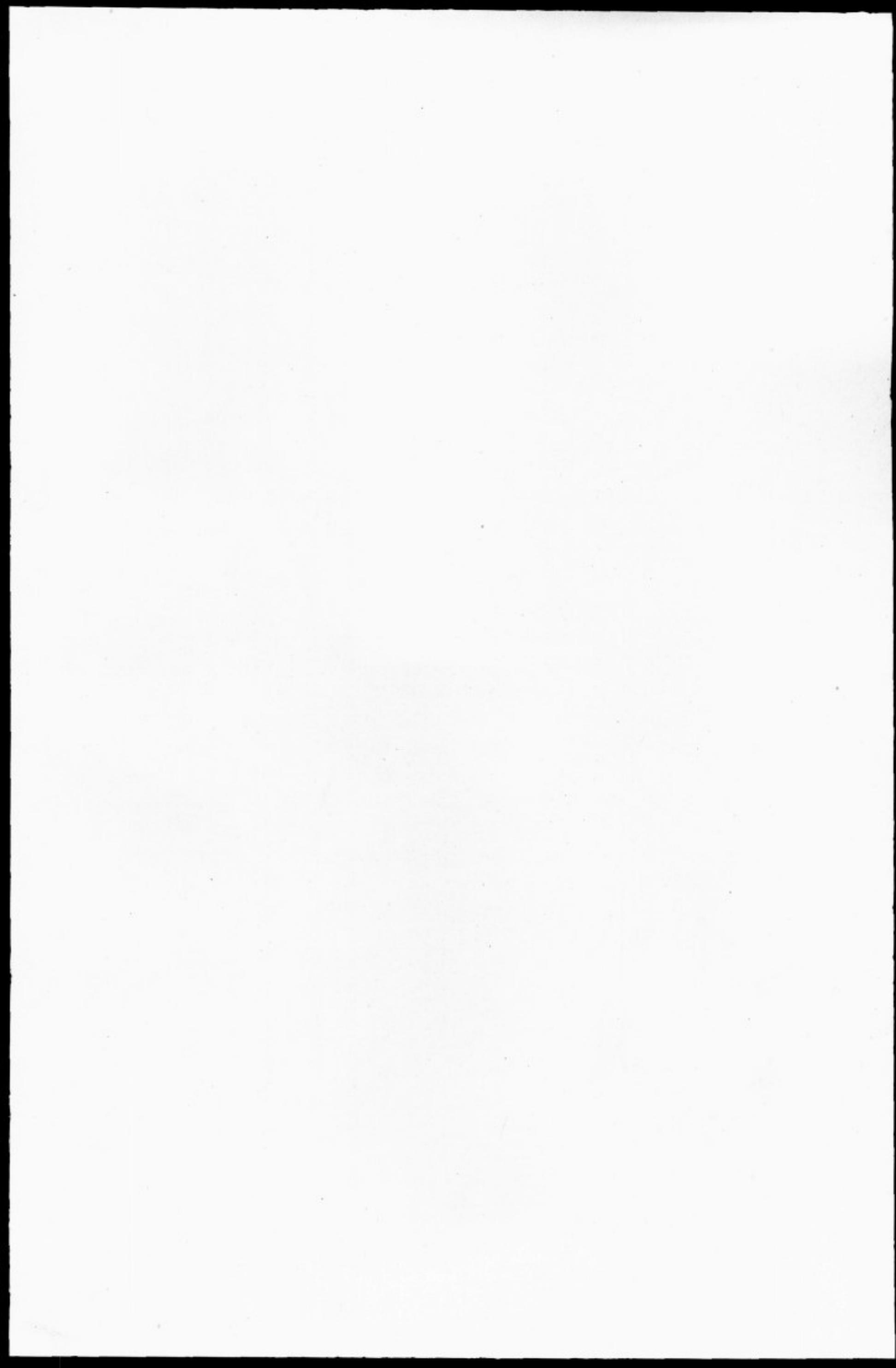
— Vou passar os últimos tempos da minha vida em doce *tête-à-tête* com a paisagem. Isto daqui é o autêntico e antigo Penedo, bem diferente do Penedo do turismo, de lápides com versalhada, grutas artificiais e bancos de cimento. Quando voltar, em Outubro, à sombra desta latada, hei-de lhe oferecer um rico almoço.

Nesta boa disposição de espírito, foram as últimas palavras que lhe ouvi. Despedi-me.

Precisamente um mês depois, contado dia a dia, já em férias, fora de Coimbra, recebi a triste notícia da sua morte.

AMADEU FERRAZ DE CARVALHO





EUGÉNIO DE CASTRO E O «DIAMANTE NEGRO»

I

NO ESPÓLIO DO «DIAMANTE NEGRO»

I

Eugénio de Castro é morto, e quase ou de todo morto o mundo literário dentro do qual se moveu e fulgiu. Do próprio mundo social em que, poeta, viveu e triunfou, são raríssimos os sobreviventes. A quem escreve estas linhas bastaria, se mais nada o denunciasse, dizer-se da geração cuja mocidade ainda sentiu com excepcional deslumbramento a magia da sua arte, para ser inscrito entre os homens de mais de meio século. Assim, falar dele, dos poemas que brilham nas páginas da sua obra, como da *Comédia humana* em que a sua existência participou, não é tarefa de cronista da vida contemporânea — antes de quem se compraz na contemplação do fluir da vida que não morre.

O seu nome, na verdade, encheu o primeiro quartel deste século e a sua obra tem irradiação que imensamente ultrapassará os limites da sua vida, como largamente ultrapassa, de há muito, as fronteiras da sua Pátria. Assim, terminada a sua existência terrena, começa a ser vivo prazer visitá-lo no mundo das sombras, ou melhor — conviver com ele naquela esfera onde sobrevivem os da sua estirpe mental, no fulgor inapagável da beleza que criaram.

Devo à gentileza do sr. Dinis Bordallo Pinheiro, digno director do *Jornal do Comércio*, poder hoje percorrer relíquias do Poeta e precisar o que vagamente sabia da sua vida amorosa, a que anda tão intimamente presa boa parte da obra que nos legou. É herança que lhe ficou de sua prima, D. Helena Bordallo Pinheiro, filha do grande Rafael Bordalo e irmã do artista Manuel Gustavo, que eu ainda pude conhecer nas Caldas da Rainha, alto, forte, musculoso, desportivo. À figurinha franzina

e morena da filha, dir-se-ia ter o pai transmitido o que na sua arte havia de delicado; reservou para o filho o destemido vigor que fez dela a arma mais receada na crítica política. Numa sua auto-caricatura, em que representava o pai a modelá-lo como uma estatueta, pôs Manuel Gustavo a legenda: *A pior obra de Bordalo Pinheiro*. Não o foi seguramente; e menos ainda na solidez e no equilíbrio físico, que já se notou faltar à célebre *Jarra Beethoven*, a obra mais famosa de Rafael.

D. Helena Bordalo Pinheiro foi noiva do Poeta. Noiva, não apenas *namorada*, como o asseveram as recordações de família e dos manuscritos se depreende. Mas não foi sem o ter forçado a percorrer longa fase de *suspirante*, como se dizia nos bons tempos trovadorescos, que ela um dia correspondeu às suas líricas ternuras. Assim o mostram dois poemas que julgo inéditos: pelo menos não foram recolhidos na obra do Poeta, e fazem parte do pequeno espólio que estou inventariando e comentando.

Consta este espólio de quanto um poeta pode oferecer: versos; quadradinhos de papel, um com sentença em prosa sobre o coração e a razão, outro com brasão fantasiado por ele: o escudo partido em pala, a primeira esquartelada, com os esmaltes dos Rebелos, Carvalhos, Pinheiros (de Aragão) e Vasconcelos, a segunda, em campo azul, de bordadura carregada de onze aspas de prata, uma flor de lis de ouro; elmo de perfil, aberto; o timbre, que deve ser correspondente a Rebelo, visto tratar-se dos morgados de Cata-Sol, de que o Poeta descendia, um leão rompante, de ouro, com uma flor de lis vermelha, em frente da boca⁽¹⁾.

Mas o que nos interessa muito mais do que esta fantasia (onde não faltam erros de heráldica), reveladora da preocupação do Poeta pela sua prosápia, são os poemas inéditos. Ei-los:

N. L. R.

*No sossegado azul, o moribundo sol
Descia rubro como uma redonda brasa ...*

(1) A leitura do brasão foi-me feita pelo Sr. M. de Melo Correia, por amável intermédio do Sr. Dr. Pedro Batalha Reis, a ambos os quais aqui exprimo o meu reconhecimento.

*Desfiava-se ao longe a voz dum rouxinol ...
Triste, eu ia a passar ao pé da tua casa,
Quando ouvi uma voz deliciosa e bela:
Eras tu, doce amor, que estavas à janela
E falavas ao teu amado.*

*Silencioso,
Envolto o coração nas mágoas mais sombrias,
Pus-me a escutar na sombra o diálogo amoroso,
O que ele te contava e o que tu lhe dizias,
Na linguagem do amor, puríssima e singela,
Onde cada palavra é uma grande estrela.*

*Uma ideia cruel passou-me pela cabeça:
Uma ideia cruel, bem cruel ...*

*Mas depressa
Senti-me sucumbido ao peso dessa mágoa.
Meus olhos funerais arrasaram-se de água,
E ali fiquei chorando a minha escura sorte,
E a deplorável, triste e desgraçada morte
Da minha mais doirada e mais doce ilusão,
Enquanto o meu sombrio e doido coração
Se estorcia a tremer como uma rola mansa
Que a espingarda brutal dum caçador alcança ...
E tristemente, ó meu franzino colibri,
Minha doce morena, ó meu doce arrebol,
Ao ver o teu amado olhando para ti,
Julgava ver um sapo olhando para o sol!*

O Poeta tinha então dezoito anos; ela a mesma idade, com diferença de meses. Não se poderia esperar dele a estesia que há-de ter sua expressão quatro anos depois, em *Oaristos e Horas*. O *franzino colibri*, a *doce morena*, imagens que logo nos identificam D. Helena Bordalo, parece não se ter comovido com emoção que assim se exasperava em ciúme injurioso para aquele a quem dava a sua preferência. O que é certo é que, dois anos depois, o estado moral do Poeta é ainda o de amante incorrespondido. É dessa data um outro poema, também composto com os ingredientes estéticos correntes, nele apenas palpitando, num frêmitozinho de novidade, a *melindrosa e pálida andorinha*, a mesma que o *franzino colibri* do poema anterior. A imaginação do Poeta ainda se não empenha na busca de raridades metafóricas

ou técnicas, mas sente-se maior o seu vigor no domínio do metro e da expressão. Eis o poema :

*Bendita sejas tu que me desprezas
Com teus desdens soberbos de Rainha,
Ó melindrosa e pálida andorinha,
Fonte das minhas íntimas tristezas.*

*Vim tarde. E um outro mais feliz do que eu,
Um outro cuja sorte eu tanto invejo,
No teu florido coração colheu
O teu amor — o meu maior desejo.*

*Vim muito tarde. No entretanto, quero,
Quero que saibas que há no mundo alguém
Que tem por ti um grande amor sincero,
Que te ama como adoras tua mãe.*

*E se um dia esse amor que hoje te alegra,
Ó minha pomba, se esse amor morrer,
Os meus braços, franzina criatura,
Abrir-se-ão para te receber.*

O esquema ritmático da última quadra destoa do adoptado nas anteriores. Eugénio de Castro não se sentia ainda obrigado pela arte poética parnasiana, articulada em preceitos por Teodoro de Banville, a levantar as dificuldades da rima pelo prazer orgulhoso de triunfar delas. Daí a fuga ao esforço de encontrar rima para *alegra* — e fuga pelo caminho mais trilhado que se lhe deparava: a expressão incolor «*franzina criatura*», que dissolve no termo genérico — *criatura* — a impressão concreta, individuante do epíteto *franzina*.

D. Helena Bordalo Pinheiro foi *noiva* e não apenas *namorada* de Eugénio de Castro — escrevemos. A dedicatória de um exemplar da primeira edição de *Oaristos*, que tenho presente, como tal a consagra, em bela caligrafia, que de longe deixa adivi-

Aquella cujas mãos me coroaram um dia
d'espinhos, mas que, volvidos annos, me coroa
de rosas;

à inspiradora d'este livro;

à minha Noiva;

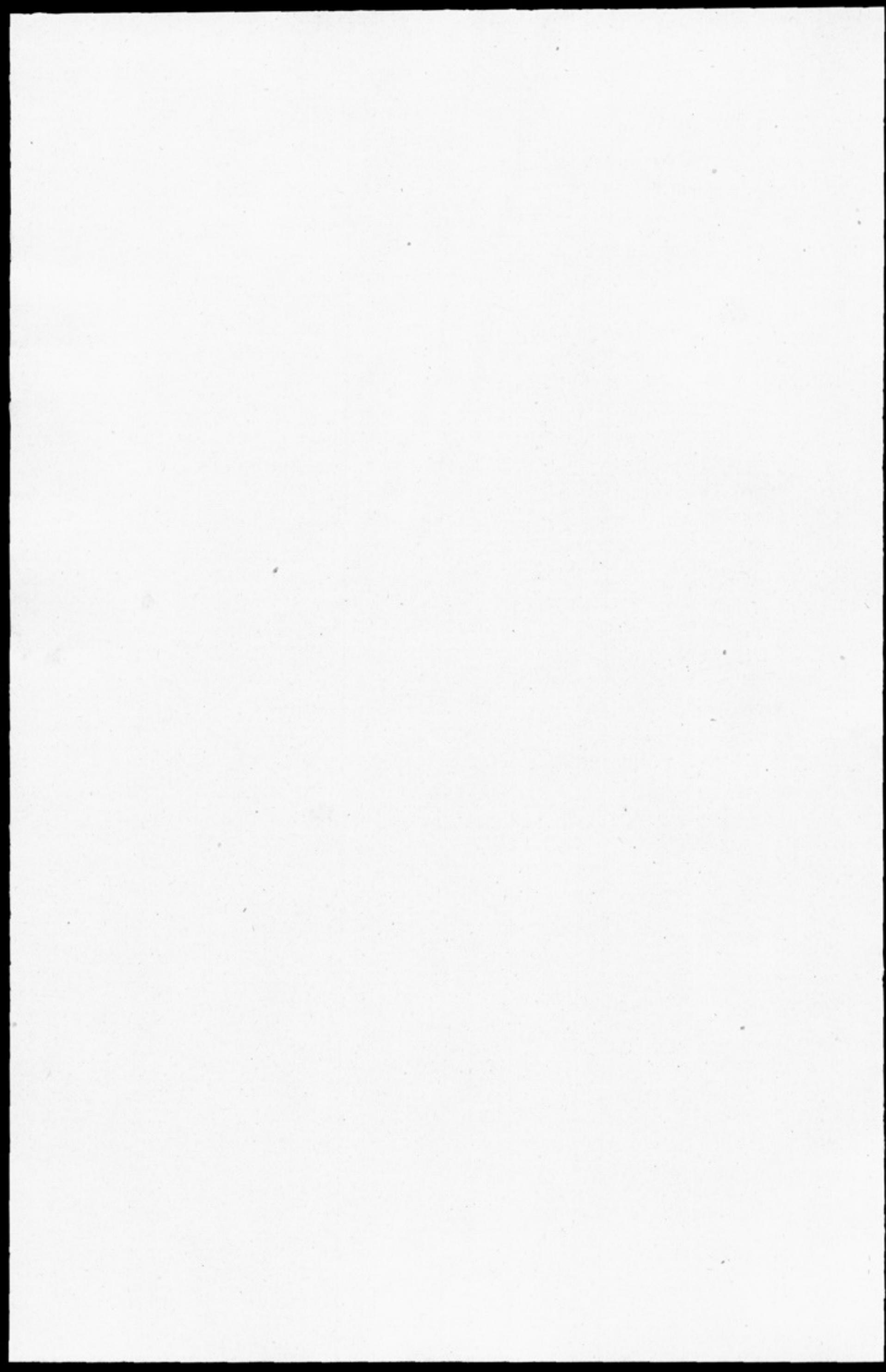
à Hilena;

offereço, humildemente, estes versos.

Lisboa, 11. IX. 91

Frederico de Sá

OARISTOS



nhar a que lhe conhecemos mais tarde, toda trémula do esforço de a singularizar :

*Aquela cujas mãos me coroaram um dia
de espinhos, mas que, volvidos anos me coroou
de rosas;
à inspiradora deste livro;
à Helena;*

ofereço, humildemente, estes versos

Eugénio de Castro

Lisboa 11/IX/91.

Outro volume da primeira edição de *Horas* também lhe é oferecido, mas com dedicatória mais simples: *Para a minha Helena — Lisboa — 11/IX/91*. Oferecidos no mesmo dia, adivinha-se a ansiedade com que a noiva os percorreu, a deliciosa comoção de orgulho com que, morena, se via cantada como o *diamante negro*, o *lírio tenebroso*, e seu corpo franzino, retocado pela imaginação escultórica do Poeta, surgindo graciosamente *flexível como um junco e esbelto como um fuso*, com a *finura do lírio e o garbo das serpentes* ... Havia, certamente, de decorar versos como estes :

*Flor bizarra que eu vi à hora vespertina,
Flor marcescente que eu constantemente sigo,
Flor que olho sem cessar, como um estilita antigo,
Olhando o flavo sol, de pé, numa coluna,
Flor de trigueiras mãos, de cabeleira bruna,
Em teu regaço ponho este livro imperfeito,
Mas que sobejamente e claramente mostra
Que vive um grande amor agarrado ao meu peito,
Como a pérola astral vive agarrada à ostra!*

Seria bem sincero este depor no regaço dela do livro encantador? Assim lho faria acreditar a dedicatória manuscrita e assim o havia de sentir em cada página, donde a sua figurinha emergia transfigurada, como jamais amada o fora por fantasia de poeta português, com tão coruscante cintilação de imagens novas e musical tilintar de rimas raras. O livro era novo até no

que, para o seu espírito fechado na pacatez provinciana da capital portuguesa, de misteriosa aventura trazia do Longe, todo salpicado de toponímia estrangeira — Salamanca, Biarritz, Bordeaux, Arcachon, Passac, Royan, Blanqueport, Paris ... Vinha o amado cheio de experiências do Mundo mais culto, da recordação de familiaridades ilustres, e como um peregrino da nova *Terra-Santa*, trazia para lhe oferecer, como *babylónica caçoila*, *balsamyrrando o manso ar*, a música inaudita e esplendor imprevisto do livro que havia de revolucionar a poesia e desconcertar a crítica — provocar o escândalo, entre nós, condição segura de celebridade. Que fulgurante orgulho sentir-se no livro — no coração de quem lho dedicava —

A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!

E ouvir-lhe o Avé magnífico:

*Como uma chama cérula entre brasas,
Como uma tília entre mal-me-queres,
Como uma torre entre pequenas casas,
Bendita sejas tu entre as mulheres!*

Mas, além dos livros por onde percorro os prováveis miradoiros dos seus olhos, a cada passo marejados de lágrimas agradecidas, outras relíquias a sua saudade guardou — e algumas de certo interesse para o conhecimento mais perfeito da obra do Poeta. Figura, entre elas, o retrato de Eugénio de Castro, oferecido em Outubro de 92, com esta dedicatória:

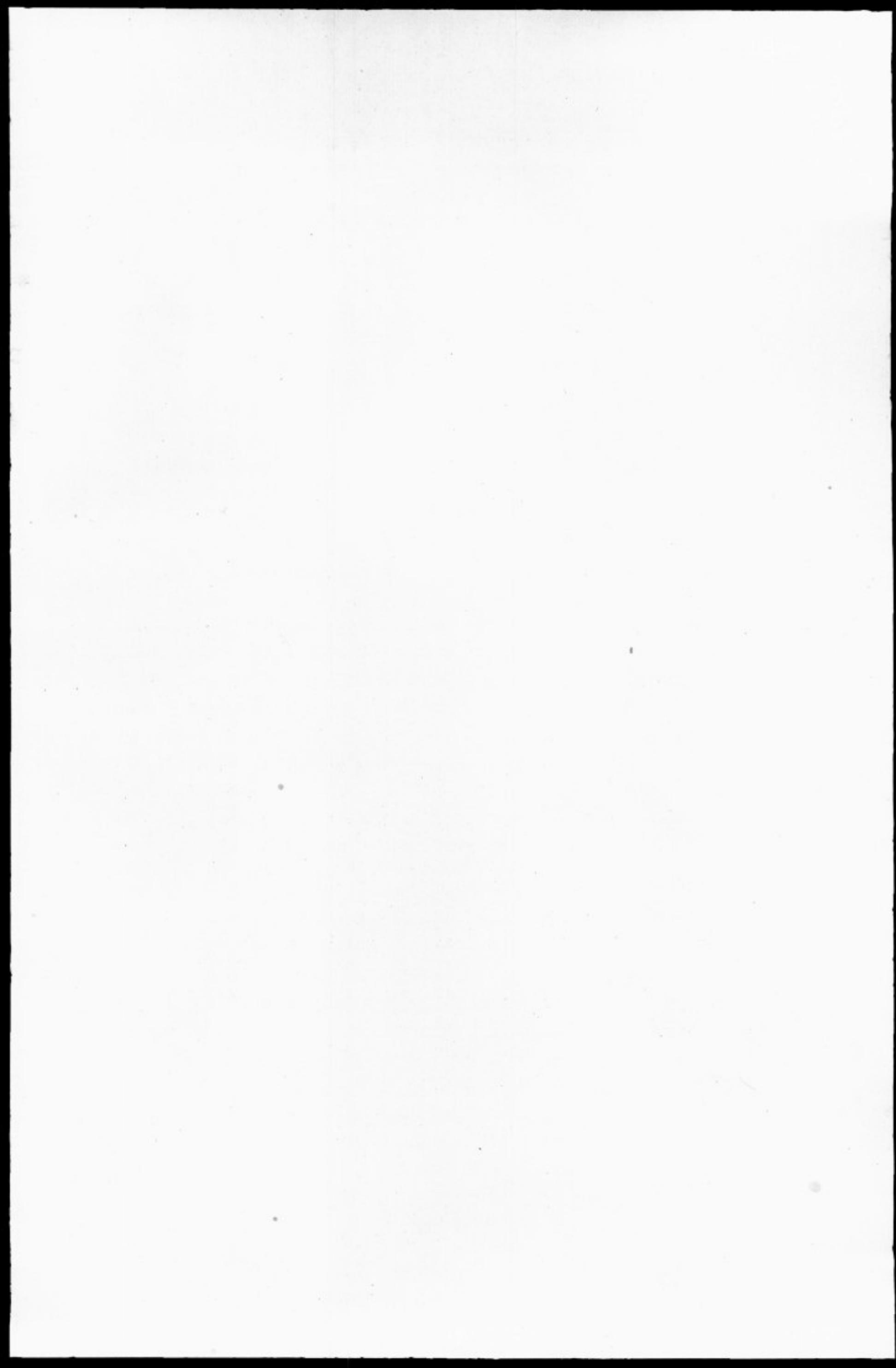
*Moreninha linda d'olhos cismadores,
Cuja alma é lua, mel doirado e flores;*

*Ó santa da minha maior devoção,
A que fiz um trono no meu coração;*

*Moreninha linda, como um lindo sonho,
Cujas mãos são lírios: — nas tuas mãos ponho*

*O retrato, doce luz que me consolas,
Deste pobrezinho a quem dás esmolas.*





Mas ... entre todos estes documentos de amor de tão cálida vibração, em tão rica florescência de imagens, anda igualmente um quadradinho de papel, com esta sentença risonha :

«O coração é um pequeno de calções, sempre a fazer travessuras; a razão, uma velha mestra, de óculos, sempre a rabujar, a dar sentenças».

A que travessuras do coração se referia o Poeta? Não sei. O que sei é que foi por virtude delas que, dentro de pouco, aquela cuja alma era *lua, mel doirado e flores* escutava os conselhos da *velha mestra, de óculos*, e renunciava à felicidade sonhada, pelo temor da intranquilidade certíssima.

O Poeta continuaria a aventura da mocidade amorosa, mas, pelo que deste episódio podemos depreender, bem parece que nem sempre por agrestes e tormentosos caminhos, como o quer fazer crer no soneto de que extraio esta quadra :

*A cem portas bati por noite agreste,
Em que o vento mugia como um touro,
Antes de, enfim, parar à porta de ouro
A cujo limiar me apareceste.*

3

O noivado, tão bem auspiciado, entre Eugénio de Castro e a filha de Rafael Bordalo Pinheiro, foi um dia bruscamente desfeito. Soube a noiva de certos amores do Poeta, destes que, pelo desvario que denunciavam, fazem reçar o desmoronamento fatal do lar que se projecta. Ele tinha nas veias sangue ardente de meridional e crepitavam-lhe nos nervos desejos de artista, acirrados por estesia que acrescentava aos excitantes que a Vida lhe oferecia os que a imaginação paganíssima lhe criava. Tinha pouco mais de vinte anos, já gloriosos, certissimamente cortejados, e tudo isso o estimulava à vária experiência amorosa que um dia há-de cantar, no mesmo poema, *Judite, de trança mole e doirada como azeite; Dulce, a doce; Lavínia, cor de leite; Violante,*

linda e maldosa como um jardim rodeado de silveiras; e Maria, e Lia, e Guiomar, a propósito das quais exclama:

*Todas elas, todas! eu quisera amar!
Todas elas, todas! eu quisera ter!
Amá-las de fugida,
Amá-las de partida,
Prendendo-as sem me prender ...*

O noivado foi, pois, desfeito e rompidas as antigas relações familiares. Manuel Gustavo rugiu indignadas ameaças, a que Eugénio de Castro, sem o arcaboço atlético do artista, evitou (?) facilitar o cumprimento ... A noiva, essa, entretanto, guardava, religiosamente, entre as ruínas da sua ilusão, as relíquias de que tenho falado. Apenas delas se separou quando, ainda solteira, se despediu da vida, levando consigo, de quanto ela lhe prometera, nada mais do que a grande saudade do seu malgrado amor.

Dos poemas que encontrámos no espólio estão dois insertos na colectânea *Silva*, publicada em 1894. É um deles o formoso vilancete — *Embora, Senhora, andeis* — que no livro se reproduz quase sem alterações. O outro tem no manuscrito o título — *As laranjeiras são cobertas de flores*: no volume — *Engrinalda-me com teus braços!*

Atentemos nas alterações por que este poema passou. São umas determinadas pelo empenho de, por meio da substituição dum epíteto moral, como «*virtuosos* linhos», pelo epíteto físico «*cheirosos* linhos», avivar no poema os traços concretos, que traduzem a tendência do Poeta para o *sensorial*, para quanto faz da sua poesia, exteriormente ao menos, uma festa pagã para os cinco sentidos, só de quando em quando perturbada por melancolias cristãs. Outras alterações explicam-se pelo anseio da perfeição artística. Assim, a substituição de *Os teus dedos são espargos* por *Os teus dedos, suavíssimos espargos...* Assim ainda:

*O meu olhar é doce e a minha voz macia;
Os meus braços feitos para enlear corpos de Rainha;
Minhas mãos, tuas escravas, são claras como o dia,
Minhas mãos que hão-de servir-te, vida minha;*

*E se na lira pego
E ao som da lira louvo os teus encantos,
Ninguém me vence, amor, com tal sossego
E suavidade fluem meus cantos.*

Todos estes versos, alguns fora das estruturas rítmicas tradicionais, são substituídos, na 1.^a edição, por este troço, métrica-mente mais perfeito e aformoseado de uma imagem nova :

*Meu olhar é doce e minha voz macia;
Meus braços feitos para enlear princesas,
E para que as colhas, minha boca sãdia,
Está carregada de framboesas.*

O que na 2.^a edição ainda se altera para :

*O meu peito é de jaspe, a minha voz macia,
Meus olhos ágeis e doirados como abelhas,
E, para que as colhas, minha boca sãdia
É um orvalhado cabazinho de groselhas.*

O 2.^o verso da 1.^a quadra julgou-o o Poeta destoando da delicadeza em que o conjunto se espiritualiza, e substituiu-o; como, por métricamente defeituoso, substituiu o último, e a quadra definitiva resultou, na verdade, mais perfeita, posto que de menor vigor expressivo.

Mas há alterações que bem parecem acima de tudo sugeridas pela reacção do pudor virginal da noiva. O poeta referia-se no manuscrito ao corpo dela, *aprilino prado*, por onde o seu desejo, *pastor brando*,

*Serenamente vai pastoreando
Meus dedos, desinquietyos cordeirinhos.*

Eugénio de Castro emenda na edição do livro este dístico, e resultou :

*Risonho há-de viver, pastoreando
Meus beijos, desinquietaos cordeirinhos ...*

O prazer do contacto pelos dedos pareceu menos respeitador do recato da amada. Mais tarde, quando a estola sacerdotal legitimasse e sagrasse a união dos dois corpos numa só alma, seria compensada a transitória renúncia imposta pelo sabor dos beijos dados e devolvidos sem pecado.

II

NO SEU ÁLBUM

I

Dona Helena Bordalo Pinheiro não fugiu à generalíssima tentação do álbum. Filha de artista admirado e querido como poucos, não lhe faltariam autógrafos ilustres a prestigiar-lhe as páginas, a comunicar-lhes a sua própria eternidade... Entretanto, pelo decorrer do tempo, iria sentindo, folheando-o, o enlevo, misturado de orgulho, daquela convivência espiritual com alguns dos escritores que encheram de glória o seu tempo — Camilo Castelo Branco, João de Deus, o seu próprio Eugénio de Castro, e ainda D. João da Câmara, António Feijó, Macedo Papança, João Saraiva, Abel Acácio (Botelho), Mariano Pina, Alfredo da Cunha e certo Luís Góis, de quem nada sei. Entre eles figurava igualmente seu tio, o pintor Columbano, com um retrato a lápis, datado de 1888, de Eugénio de Castro, o bem amado.

Dos livros de versos prestes a aparecer ou que acabavam de ser publicados, não faltam amostras autografadas que lhe satisfaziam, com a vaidade feminina, o apetite hereditário de artista... Todavia, o *Álbum*, de encadernação luxuosa, está quase vazio! Depois dos poemas mais tardiamente datados — os de Eugénio de Castro, em 1893 — não há mais colaboração. Adivinha-se por quê. A noiva infeliz guardava a bom recato, com as mais relíquias do noivo perdido, aquele vestígio do seu sonho desfeito — e da humilhação que sofrera. nenhuns olhos mais pousariam sobre aquelas páginas. Pudessem ela mesma separar-se de quanto lhe ficou do amor traído! Mas não era possível. Pois não é verdade que muito da infinita doçura de grande esperança que

morreu fica para sempre misturado ao amargor da desilusão que a matou?

Mas percorramos o *Álbum*. Eis como se abre a voz angustiada de Camilo:

AVÉ, SPES! (inédito)

*Aos vinte anos vi um anjo refulgente.
Diziam ser a Esperança. Tanto andei
A segui-lo e a fitar-lhe o rosto ardente,
— A deslumbrante luz que irradiava, —
Que, enfim, sendo já velho, inda o fitava
Com olhos juvenis. Louco, teimei
Em ver de frente a luz que me ofuscava,
Até deixar de a ver... porque ceguei.*

CAMILO CASTELO BRANCO

26 de Dez.º 1885

S. Miguel de Seide.

Por 1885 Camilo ainda não está cego, mas não tardará a cegar. A sua letra ainda é de perfeita regularidade, como de quem a modela sob a claridade do olhar. Mas já em 1882 se queixava a Silva Pinto: «A luz dos meus pobres olhos creio que se apaga». Bem se compreende, pois, tal obsessão lhe inspirasse estes versos, que assim, à falta de poesia, valem como documento da tragédia que o levou ao suicídio.

Eis agora dois poemazinhos que não consegui ver nas obras dos escritores que os inscreveram no *Álbum*. É o de António Feijó, não incluído no *Cancioneiro Chinês*:

CANÇÃO DO RIO

(Li-Taï-Pó)

*O meu batel é de ébano, e de jade
A minha flauta, com lavor doirado...
Como a planta que sem dificuldade
Limpa qualquer tecido ennodado,*

*Assim também o vinho generoso
Extingue e apaga em nosso coração
As contendas dum peito desditoso
E as mágoas de qualquer desilusão.*

*Tendo um batel no rio, óptimo vinho,
E da mulher as afeições leais,
O Homem, este ser, triste e mesquinho,
É semelhante aos génios imortais.*

Lisboa, 5-2-86.

E é o de D. João da Câmara :

SANTELMO

8 de Janeiro de 1890

*Vamos, coragem, vigia!
Que te importa a noite escura,
Se a noite nem sempre dura,
Se há-de nascer novo dia?*

*Sobre as ondas em folia
Ruge o vento com bravura,
E das ondas na espessura
O teu barco desafia.*

*Denso véu te encobre os astros.
A lua só, como um elmo,
Tem um brilho de aço fosco.*

*Mas olha acima dos mastros
Onde fulgura o Santelmo ...
S. Telmo seja convosco!*

Lisboa, 9 de Setembro de 1891

Mas eis o pequenino poema do autor que não conheço
— Luís Góis. Insiro-o por sua insinuantíssima ternura, que se

desprende de tanta simplicidade. Comovido enlevo assim tão directamente comunicado é, em verdade, de essência poética:

NO ESQUIFE DUMA CRIANÇA

*Dorme! Deixá-la dormir!
Na fita semi-aberta
Dos lábios descoraditos,
Anda-lhe o pai a sorrir ...
Cuidado se ela desperta
Desses mundos infinitos,
Onde se vive a sorrir!
Dorme? Deixá-la dormir!*

*Esconde a medo nas tranças
O sorriso que a embala ...
Dormem assim as crianças ...
Deixá-la dormir! Deixá-la!*

*Sonha! Deixá-la sonhar!
A meia luz entre-aberta
Dos olhos desmaiaditos
Anda-lhe a mãe a brincar ...
Cuidado se ela desperta
Desses mundos infinitos!
Os sonhos são tão bonitos!
É tão bonito o brincar!
Sonha? Deixá-la sonhar!*

*A boquinha enlanguescida
Finge falar ... e não fala!
Coitadinha! Adormecida!
Deixá-la dormir! Deixá-la!*

Lisboa 2 Junho 86 — Luís Góis.

Mariano Pina escreve:

Num álbum, onde apenas se reúnem as flores do ideal, o prosador desempenha o mesmo odioso papel do criado de restaurante, que, ao cabo duma ceia de amigos, entre as alegrias do champagne, apresenta estupidamente a conta ...

Prosador — sume-te!

O brilhante espírito que Eça tanto prezava foi vítima da inoportunaidade com que fados irónicos lhe puseram em frente o *Album*, porventura com instante recomendação de devolução. Alguns momentos antes ou alguns momentos depois, e teria saído certamente qualquer coisa de mais digno do Autor ...

2

Mas vejamos os poemas que ela acima de todos havia de ler e reler — até os decorar. Há dois que não me consta andarem na obra de Eugénio de Castro. Ei-los :

DONA AUSENDA

Para Helena
Põe aqui os teus olhos e
esses versos te dirão a
nossa história.

I

*Fiandeiras, fiandeiras,
Fusos de oiro ide buscar,
E com vossos fusos de oiro
Ide-vos pôr a fiar.
Fiai-me uns cordões de linho
Que neles quero eu armar
O leito puro onde, em breve,
Minha noiva hei-de abraçar.
Tecedeirinha mimosa,
Senta-te ao pé do tear,
Tece-me um véu para o rosto
Da minha noiva velar.
Jardineira de mãos brancas,
Ide-me flores buscar,
Flores puras para os cabelos
Da minha noiva enfeitar.
Pagem, meu trigueiro pagem,
Meu corcel ide selar ...
Vou-me à cata duma Noiva
Que tenho sede [de] amar.*

EUGÉNIO DE CASTRO

O penúltimo verso era, primeiramente:

Vou-me à cata da Princesa.

Bem se compreende que o Poeta não os tenha incluído na sua obra. Além de não serem de beleza por que valesse a pena conservá-los, ficaram truncados como o projecto de casamento de que tentavam dizer a *história*— e nem sequer disseram a *profecia* ...

O outro poema, igualmente excluído da sua obra, é o seguinte:

ADORAÇÃO

*Meu verde limãozinho,
Ó mais cortante que a acerada foice,
Sendo tão amarga, como tu és doce!*

*Altar mais claro do que o sete-estrela,
Onde, como círios, ardem minhas preces,
Fria como as pedras, fria como o gelo,
Sendo tão de gelo, como tu me aqueces!*

*Urna estilando espirituais perfumes,
Sol dos meus passos!
Quando há tal doçura nos teus azedumes,
Que doçura devem ter os teus abraços!*

*Fecha, que os não mereço, os teus lábios vermelhos,
Mas passa, passa na ensombrada alfombra,
Para que eu beije, doido, de joelhos,
O chão onde passar a tua sombra.*

*E pois que não mereço os divinos e amenos
Filtros das tuas labiais cerejas,
Pisa-me ao menos!
Que, se me pisas, cuido que me beijas...*

Lisboa, 11-X-93

O outro poema com que Eugénio de Castro contribuiu para o *Album* publicá-lo-ia na *Silva*, em 1894, um ano depois de ali o escrever.

É o que intitula *Mãos*. Aqui se dará na íntegra, pelas diferenças notáveis que o afastam da forma que lhe dariam as duas edições deste livro — a de 1894 e a de 1927.

Ei-lo:

*De nardo e mirra perfumei meus dedos,
Meu corpo revesti de brancas vestes;
De joelhos me pus, Pombal dos meus segredos,
Para cantar as tuas mãos espirituais, celestes.*

*Mãos veludosas, mãos de Mártir e de Santa,
O vosso gesto é como um baloiçar de palma,
O vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta,
Mãos, veludosas mãos de Mártir e de Santa,
Rolas voando em derredor da velha torre da minha Alma.*

*Pálidas mãos que sois dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minha Alma,
O vosso gesto é como um baloiçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes.*

*Mãos, afiladas mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.*

*Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Cujo contacto é como um afagar de arminhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mãos que depois me haveis coroado de rosas!*

*Mãos que hei-de constelar de beijos e de anéis
Como dois netinhos alegrais a Vida
Da minha Alma, velha avozinha combalida,
Mãos que depois me haveis coroado de rosas!*

Lisboa, 24-IX-1891

Como se pode ver, confrontando esta lição com a de 1894, o Poeta eliminou a primeira estrofe. A estesia decadentista nada teria que fazer, por exemplo, do último verso, onde os epítetos *espirituais, celestes*, eram demasiado abstractos, e fáceis, e velho-

tes, para que valesse a pena conservá-lo em poema todo cheio de imagens imprevistas de novidade, e plásticas, apenas como espiritualizadas na suavidade dos movimentos, na sugestão das visualidades melancolizantes, de feminina ternura doentia — *decadente*.

Na segunda estrofe, *mãos de veludo* substituem com vantagem *mãos veludas*, que pareceriam demasiado humedecidas de chiantes — *x, x, x*. E o 5.º verso também se me afigura ter ganho com a modificação: *velha torre da minha Alma*, e mais adiante — *minha Alma, velha avózinha combalida* — que obsessão de senectude, para estranhar mesmo nas ingénuas, lamentosas tristezas dos 20 anos! Assim, ficou *negra torre*, imagem ao mesmo tempo mais *sensível* e com sentido de diferente sugestão. O ritmo é que porventura perdeu no verso definitivo:

Rôlas à volta da negra torre da minha alma...

O 2.º verso da 5.ª estrofe fixou-se em:

Dos meus sonhos de amor quentes e brandos ninhos,

depois de ter passado, na ed. de -94, por

Cujo contacto é como uma geada d'arminhos

Não parece que a imagem definitiva é muito mais convergente com a impressão geral de doçura afagante, meigo calor comovido? Ao mesmo tempo, evita-se a expressão apoética e dura — *cujo contacto*.

A última estrofe foi assim transformada:

*Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai como dois netinhos o viver
Da minha Alma, velha avó entrèvadinha.*

Na edição de 1894 o segundo verso é apenas:

Perpétuo amanhecer.

*
* *
*

Eis o inventário do espólio amoroso e literário do *Diamante Negro*. Observar-se-á que não é rico — e a Literatura não perderia muito se não tivesse sido encontrado. Mas haveria direito a deixá-lo esquecido uma vez que se encontrou? Creio que não. A moda pode sujeitar o gosto e o interesse às mais imprevistas — e absurdas — preferências. Não me parece, todavia, que possa jamais enterrar para sempre a obra de Eugénio de Castro. Se assim sucedesse um dia, quanta coisa seria subvertida nessa convulsão moral, a que só encontraríamos analogia nos abalos cósmicos em que se afundaram continentes!

3

Continuou o Poeta ainda por algum tempo a aventura da sua mocidade, enamorada das festas que a Vida oferece aos sentidos, porventura como traiçoeiro cibo para melhor torturar as almas... Quanto ao *Diamante negro*, posto haja sobrevivido ao seu breve sonho de felicidade, permaneceu solteira, porventura na recordação sempre viva de quanto se prendia às relíquias de que fiz o inventário. Quantas vezes os seus olhos não atentariam naquela quadra que João de Deus extratara do poema — *A Vida* — para lha escrever no *Álbum*:

*Abre a flor à luz que a enleva
O cálix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Consigo perfume e flor!*

O grande Poeta do *Campo de Flores* estava em hora taciturna, quando assim oferecia a uma noiva toda exaltada em fé no Amado este *Memento* da caducidade da ventura e da efemeridade do amor. Fazia-lhe, sem querer, a profecia dum amor

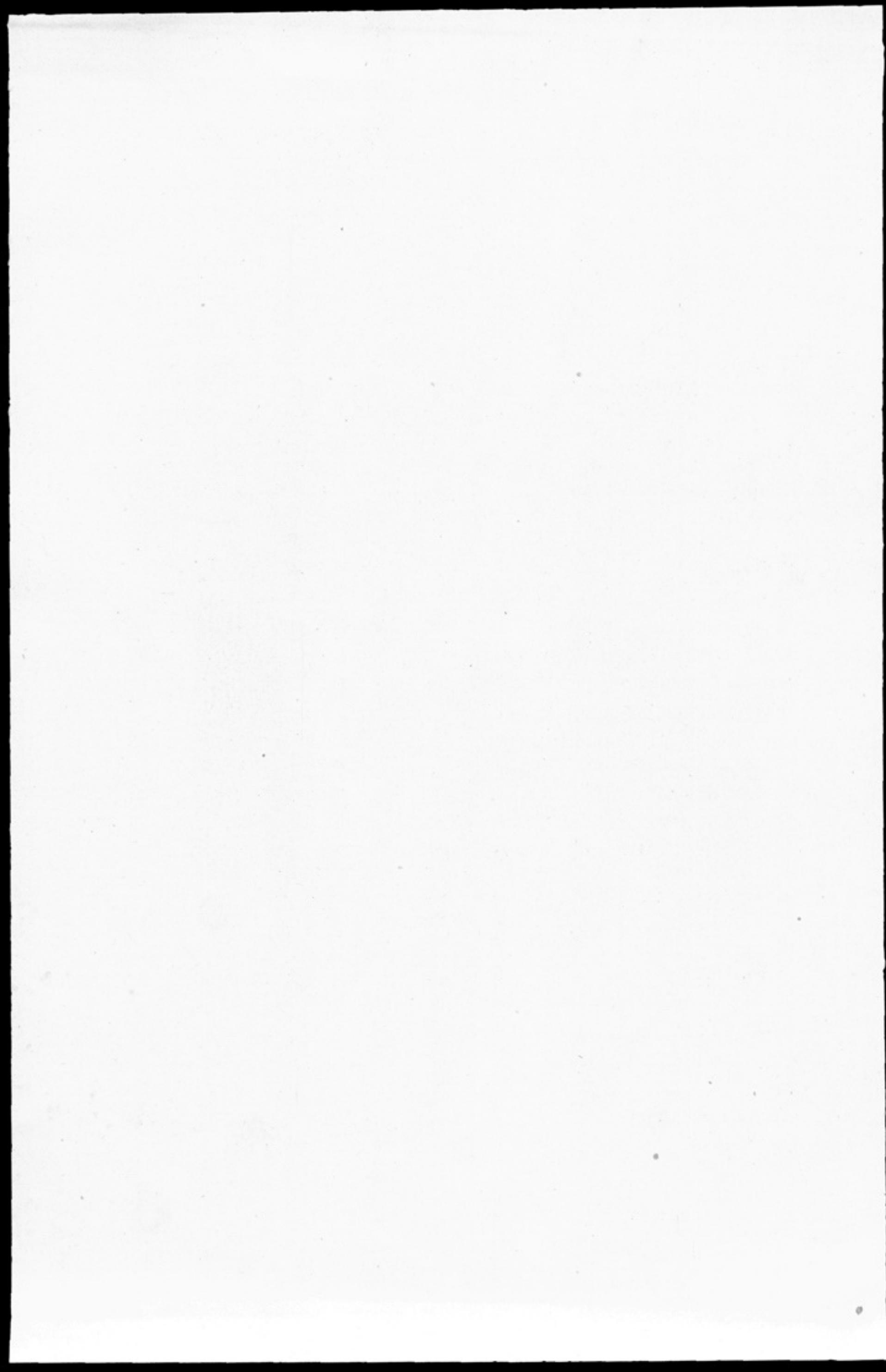
frustrado, que também, como o Sol pela flor, *passaria* por ela, deixando-lhe, intacta mas para sempre requeimada, a graça virginal.

Atentámos de perto na humanidade do Artista, vivo por sob a fulgurante magnificência das formas que criou e refez ou desfez. Surpreendemo-lo — dir-se-ia — de relance embora, no seu crescimento espiritual, tanto como no subjacente caminhar que em parte o determina, com suas hesitações e desvios, tropeções e quedas.

Mas bem merecia ser também lembrada a inspiradora de alguns dos mais belos versos do Poeta. Quem poderá dizer em que medida *colaborou* com ele, nos estímulos que o seu retraimento, primeiro, depois o seu amor, lhe haviam de dar à criação da beleza que nos legou? E ainda, pelo drama que teria vivido, em sua silenciosa resignação de noiva traída ou abandonada, merece uma lembrança de piedade a *pálida andorinha*, tão cedo abatida no mais alto e belo do seu sonhado voo nupcial.

HERNANI CIDADE





EUGÉNIO DE CASTRO

Completaram-se agora três anos sobre a data da morte de Eugénio de Castro, que foi, desaparecido D'Annunzio, o maior poeta das línguas novi-latinas. Se o Mundo não se encontrasse, então, ainda empenhado no mais lamentável acto de loucura colectiva da História, e se o nosso País possuísse a perfeita consciência do mérito dos seus homens insignes, o falecimento do poeta excelso das *Horas* e do *Interlúnio* teria sido motivo, não apenas de luto nacional, mas de consternação universal. Quem convencerá as nações (verdade tantas vezes proclamada e tantas vezes esquecida!) de que elas valem o que valerem os seus sábios, os seus artistas, os seus poetas, criadores de ciência, de beleza e de eternidade?

Quando o grande poeta morreu houve quem lhe chamasse, com menos exacto sentido das proporções, «notável figura coimbrã». Já não é pouco, com efeito, ser-se figura relevante de Coimbra, — a grande cidade universitária que, durante séculos, ensinou a pensar Portugal. Mas a individualidade poderosa de Eugénio de Castro teve outra amplitude e outra projecção. Figuras literárias coimbrãs foram, por exemplo, João Penha, que envelheceu estudante e bairrista da Alta; António Nobre, que, na sua mórbida sensibilidade e na riqueza da sua intuição poética, ficou, perpétuamente, uma glória de capa e batina; foi o pobre Vicente Arnoso; foram tantos outros, que toda a vida trouxeram a maravilhosa cidade do Mondego no espírito e no coração, que desconhecaram outros horizontes, e cuja musa permaneceu lírica e etnogràficamente tricana. Eugénio de Castro, não. Não tendo estudado em Coimbra, não possuía a

típica formação intelectual coimbrã; não se exerceu sobre ele a influência dos pequenos meios e dos conventículos locais; integrado, desde muito novo, nas correntes estéticas que subverteram por toda a parte a ordem parnasiana, o seu génio ultrapassou, nos motivos e na expressão, os restritos moldes nacionais; e, se exceptuarmos *Constança*, que marcou, na evolução do poeta, o início da simplificação neo-clássica, pode na verdade dizer-se que através da sua obra admirável, realizada no domínio da poesia pura, não se vêem, nem Coimbra, nem, quase, Portugal. Eugénio de Castro, o mais alto representante do movimento simbolista na poesia portuguesa; o mestre que, nos seus versos tecidos de ouro e de gemas como um estofado litúrgico medieval, renovou e enriqueceu o mundo dos ritmos e das imagens; o artista surpreendente de *Oaristos*, de *Salomé*, de *Sagramor*, que, reflectindo por momentos o bizantinismo de Moréas, a deliquescência de Verlaine, a audácia de Laforgue, a sonoridade orquestral de René Ghil, a graça arcaica de Stuart Merrill, de Mikhael, veio, afinal, a superá-los a todos, — Eugénio de Castro pode considerar-se, no esplendor da língua portuguesa e na universalidade do génio latino, um grande poeta europeu. E, como tal, foi mais lido, mais compreendido, mais admirado em França, em Espanha, na Bélgica, na Suíça, na Roménia, na Itália, do que no seu próprio País, — que há muito, inexplicável e injustamente, o esquecera.

Quando recebi a triste notícia do falecimento de Eugénio de Castro — há já três anos! — senti mais uma vez a necessidade de o ler. Lê-lo era, de certa maneira, permitir-me a ilusão de que ele estava vivo, ouvir o timbre da sua voz, viver alguns instantes na intimidade do seu espírito, sentir — pobre amigo! — pulsar ainda o seu coração fraterno e generoso. Tirei, da estante onde conservo a obra do mestre, o derradeiro livro que ele publicou: *Últimos versos*. Seriam, realmente, os últimos? — perguntara eu a mim próprio, ao receber do poeta a oferta primorosa desse volume. As fontes não secam quando querem, nem as roseiras anacreônticas podem, por sua vontade, deixar de dar rosas. Mas, na verdade, — foi o último. Abri o livro. Que limpidez cristalina! Como, no seu extremo lampejo, o poeta

já estava longe daquele deslumbramento de imagens que caracterizou a sua primeira forma, «rimas marteladas como escudos de ouro», versos abertos a cinzel «*dans le style archétype et complexe*» (palavras de Moréas no manifesto simbolista), «silva exotérica para raros apenas», — e em que murmúrio de água corrente se convertera a dança de pedras preciosas dos seus poemas, e, os sons da áurea harpa, em que vibração dilacerante das fibras mais íntimas de um coração de pai! Li, comovido, os nove sonetos em que o poeta chora a perda da filha Violante e da encantadora netinha que a seguiu no túmulo. Nada no Mundo há de eterno, senão a dor. Foi sentindo e escrevendo esses nove sonetos — vejo-o agora! — que Eugénio de Castro, há nove anos, começou a morrer. Peças de austera beleza, não há aparentemente neles, nem nas restantes poesias do livro — claras, lineares, naturais — o menor artifício literário. Nem sombra de eloquência lírica; vagos anseios, doces emoções, meios tons e meias tintas sentimentais, dadas, mais do que na forma «conversada» de Mallarmé, mais do que na maneira fluida de Verlaine («*rien que la nuance*»), — numa graça melancólica, familiar, quase negligente, que nos faz lembrar os epigramas gregos da decadência. No meio século que separa os *Oaristos* (1890) dos *Últimos versos* (1938), — que transformação profunda!

Fechei o livro. A evolução de todos os grandes poetas (e, de maneira geral, de todos os grandes escritores) faz-se, invariavelmente, do complexo para o simples. Eugénio de Castro, que, mais ou menos, produziu e publicou durante toda a sua longa e gloriosa vida, constitui mais uma confirmação impressionante da «lei de simplificação». A partir de *Constança*, os seus processos clarificaram-se progressivamente até à pureza, à nudez escultural das derradeiras poesias. Desapareceu o luxo prodigioso dos neologismos e dos arcaísmos, as labaredas verbais, a hipertrofia da personalidade, a tendência, a princípio invencível, para substituir pela planimetria das imagens refulgentes a realidade do sentimento e da vida; atenuou-se a ânsia das novas estruturas, dos novos ritmos, das instrumentações vocabulares delirantes preconizadas no *Traité du verbe*, de Vielé Griffin,

em que Eugénio de Castro atingira, aliás, efeitos magníficos; por gradação insensível, o poeta regressou às formas tradicionais, ao velho cânone, à música antiga da linguagem do verso, cingindo-se à lição dos clássicos, num movimento paralelo àquele que em França produzira o manifesto da chamada «escola romana»; a imaginação do artista passou a mover-se num ambiente de serenidade, de elegância majestosa; pouco a pouco, as suas composições foram-se desenhando em linhas simples, o seu léxico restringiu-se às formas claras e fáceis, a rima deixou de ser o «estridente címbalo de prata», de Merrill, para se converter numa notação musical discreta, e o poeta, depurando-se, empobrecendo-se voluntariamente, procurando a força na nitidez, a beleza na concisão, a graça na naturalidade, vestindo a ideia, não já com o manto de púrpura dos Doges, mas com a sóbria dignidade de uma túnica grega, integrando-se, enfim, na verdade universal do sentimento, atingiu, pela extrema simplicidade, a extrema perfeição.

Hoje, que Eugénio de Castro, príncipe das letras, repousa no silêncio do cemitério da Conchada (outra deverá ser, penso eu, a última jazida dos seus restos), alguém perguntará qual dos dois nos legou obra mais bela e mais duradoura, se o simbolista, se o neo-clássico; se o poeta da juventude, se o poeta da velhice. Não sei. São duas idades esplêndidas da vida do mesmo homem. Um, cantou; o outro, murmurou. Um foi o clarão da fogueira; o outro, a brasa tranquila que arde no lar. Um atraiu-nos, como um estandarte; outro dessedentou-nos, como uma fonte pura. Um é imortal, — porque é europeu. O outro será eterno, — porque é humano.

JÚLIO DANTAS

LES THÈMES SYMBOLISTES DANS L'OEUVRE D'EUGÉNIO DE CASTRO

L'oeuvre d'Eugénio de Castro se rattache au Symbolisme, non seulement par les réformes métriques et le style, mais aussi par les thèmes traités, par certains aspects de la sensibilité du poète, par sa philosophie. La conception qu'Eugénio de Castro semble avoir de la vie lorsqu'il affirme la supériorité du rêve sur la réalité et son pessimisme mêlé d'aspirations mystiques coïncident avec les tendances de l'époque. Les princesses qui errent dans ses poèmes, mystérieuses et parées, la recherche des sensations rares, l'importance attachée à la correspondance entre les couleurs, les sons et les parfums, toutes ces caractéristiques sont autant de points de contact avec le mouvement français contemporain.

On ne peut prétendre que le rêve soit l'apanage exclusif d'une école car les poètes y ont de tous temps été enclins. Les symbolistes l'ont cependant exalté encore plus que les romantiques et ils en ont fait un de leurs motifs favoris.

«Ils combattaient pour le triomphe du vers libre et pour la gloire du rêve comme d'autres combattent pour fonder une religion» (1) dit Adolphe Retté des symbolistes lorsqu'il cherche à définir ce mouvement dont il fut lui-même un des propagateurs les plus zélés.

Réagissant contre le naturalisme, les symbolistes se sont souvent détournés de la vie extérieure pour s'abandonner entièrement à leurs visions personnelles, pour poursuivre un idéal

(1) Adolphe Retté: *Le Symbolisme*; Paris, A. Messein, 1903, p. 2.

lointain. Ce n'était pas seulement la rêverie peuplée de souvenirs et de désirs personnels, mais un état où ils se plongeaient pour percevoir les échos mystérieux du monde qui sommeille au seuil de l'inconscient. Dès qu'on feuillette l'oeuvre d'un poète de cette époque, on est frappé par la fréquence du mot «rêve» qui s'étale presque à chaque page.

Chez Henri de Régnier il s'associe souvent à des décors imprécis, à des jardins abandonnés et s'infiltré entre les ors et le soleil :

«Je vis de la fenêtre ouverte sur le Rêve»...

«Un verger merveilleux de rosée et de sève
Apparaître à travers l'aurorale clarté» (1)

Gustave Kahn, dont la pensée ondoyante se complait dans les splendeurs subtiles de l'Orient écrit :

«Dans des rêves clos j'ai bâti mon rêve
rêve de brèves sèves au jardin magique
magie des fleurs closes aux rêves nostalgiques
aux jardins d'été j'ai bâti mon rêve» (2).

Le recueil *Au Jardin de l'Infant* de Samain où la barque du poète «glisse dans le rêve», est tout imprégné d'irréelles splendeurs. Moréas, Viélé-Griffin, Stuart Merrill, Charles Vignier, aucun de ces écrivains n'a échappé au prestige de ce thème. L'éloignement de la vie permet à Maeterlinck de mieux percevoir la richesse du monde intangible et à Villiers de l'Isle Adam de bâtir une philosophie à la fois orgueilleuse et mystique.

Cette préférence donnée au désir irréalisé, au souvenir

(1) Henri de Régnier : *Le Verger, Episodes*.

(2) Gustave Kahn : *Chansons d'Amants*.

embelli par l'imagination, apparaît dans l'oeuvre d'Eugénio de Castro dès les *Oaristos* où la Bien-Aimée s'écrie :

«Ah! Je crains l'amour comme je crains la mort!
Ne me réveille pas. Toi qui es agile et fort,
Ne me réveille pas, moi qui suis faible et lasse!»⁽¹⁾

Ce principe domine *Belkiss* où Zophesamin dit à la jeune princesse «Rêve... rêve... et ne te réveille pas»⁽²⁾. C'est l'idée qui rattache également *Tirésias*, de forme toute classique, aux oeuvres symbolistes, car le pâtre estime que sa vision intérieure est supérieure à toutes les réalités. Et dans la *Néréide de Harlem* que l'on qualifie volontiers de poème parnassien, le rêve joue aussi un rôle de premier plan. Tantôt le rêve sera, chez Eugénio de Castro, une fantaisie étrange où blondoit le blé et où frissonne la kermesse⁽³⁾, tantôt une évocation de richesses fabuleuses appartenant à un passé lointain comme dans l'*Épiphanie* des Licornes et dans la ballade *Filha de Rei guardando patos*.

Dans la mesure où ce goût du rêve ne dépend pas du plaisir éprouvé par le poète à se laisser entraîner par la fantaisie sans avoir à supporter le joug de la raison et les limitations des sens, il provient d'une conception pessimiste de l'univers. C'est parce que le monde lui paraît mauvais qu'il s'en détourne. Baudelaire avait été le grand maître du spleen, exprimant l'ennui qui s'abat sur l'âme, hantée de souvenirs mornes et privée d'espérance. Verlaine trouva, pour exprimer toutes les nuances de la tristesse,

(1) *Oaristos*, xv, p. 69 :

Ah! eu receio o amor, como receio a morte!
Não me despertes, não! Tu, que es agil e forte,
Não me despertes, não, a mim débil, cansada.

(2) *Belkiss*: «Sonha... sonha... e não despertes»..., p. 79.

(3) *Oaristos*, xl.

des rythmes subtils et obsédants et Mallarmé s'exclamait: «La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres» (1).

Le pessimisme est aussi un trait commun à beaucoup d'auteurs portugais. Antero de Quental que Schopenhauer et surtout Hartmann avaient fortement influencé a exprimé dans de nombreux poèmes son désespoir métaphysique et il finira d'ailleurs par se suicider. Dans le morceau *Os Captivos* qui sert de préface aux *Sonetos*, les captifs qui interrogent les oiseaux, le vent et les astres, reçoivent pour toute réponse :

«La nuit, les ténèbres, l'abîme, le néant» (2).

Antonio Nobre, l'auteur de *Só*, a plus qu'aucun autre éprouvé la tristesse et la nostalgie du passé, la solitude du présent. Sa sensibilité exacerbée de malade donne aux poèmes où il évoque son enfance et les visages de ceux qui l'ont entouré jadis, une mélancolie d'une acuité toute particulière.

Le pessimisme d'Eugénio de Castro qui ne l'a pas laissé pénétrer dans sa vie est plus impersonnel que celui d'Antonio Nobre, plus philosophique, plus théorique. Il se présente d'ailleurs sous des aspects différents et varie souvent d'un poème à l'autre par l'intensité et la tonalité.

L'épilogue d'*Horas* comporte une profession de foi qui découle du système de Schopenhauer pour lequel le monde doit tendre au nirvâna :

«Soyons chastes, ne perpétuons pas la douleur» (3) répète le poète à sa Bien-Aimée.

Schopenhauerienne également est la morale de Zophezamin qui est tout entière basée sur l'idée que «Le destin nous mène

(1) Mallarmé: *Brise Marine*.

(2) Antero de Quental: *Os Captivos, Sonetos*:

«A noite, a escuridão, o abismo, o nada!»

(3) *Horas: Epílogo*, p. 137: «Não perpetuemos a dor, sejamos castos».

par des chemins pleins de tristesse, nous préparant ainsi à des tristesses plus grandes encore» (1).

Si dans *Silva* et *Interlúnio* Eugénio de Castro lance parfois un appel à la jouissance, il ne le fait qu'en évoquant la fugacité des caresses, en voyant déjà s'effeuiller les roses dont il respire le parfum. Dans *Interlúnio* le pessimisme atteint d'ailleurs son apogée-pessimisme à la Rollinat où la vie lui apparaît comme la pourvoyeuse des hôpitaux et des cimetières. *Sagramor* démontre la vanité de l'amour, de la richesse, de la gloire, l'inutilité de la religion et l'inutilité de la science. L'attitude stoïcienne de Vigny qui juge dans la *Mort du Loup* la prière inutile et lâche, est aussi celle du Roi Galaor auquel notre indifférence devant le jeu des vagues qui viennent se briser contre les écueils rappelle celle de l'Éternel.

Dans certains poèmes, en particulier dans *Horas*, ce pessimisme est lié au mysticisme. Eugénio de Castro, qui, dans les *Oaristos*, faisait déjà apparaître une Vierge d'une grâce naïve et délicate, semble surtout s'être converti à ce mouvement en raison des possibilités esthétiques qu'il offrait.

Les romantiques allemands d'une part, les préraphaélites anglais de l'autre, ont beaucoup contribué à orienter la littérature dans cette direction. Dante Gabriele Rossetti, l'un des fondateurs de l'association «Preraphaelitic Brotherhood» qui avait pour but de faire renaître l'art des Giotto et des Cimabue, jouissait déjà d'une grande célébrité lors du séjour de Mallarmé en Angleterre. Les reproductions des tableaux des peintres préraphaélites ne furent pas étrangères aux allégories moyenâgeuses qui se répandirent dans la poésie française et Viélé-Griffin d'autre part traduisit Swinburne (2).

Dans la brochure que Vanor — de son vrai nom Van Orme-

(1) *Belkiss*, p. 170: «O destino traz-nos por caminhos cheios de tristeza, preparando-nos assim para as tristezas maiores que vão chegar...»

(2) Eugénio de Castro s'intéressa aux peintres préraphaélites, ainsi que le prouve ce passage d'une lettre inédite de Prestage, en date du 24 mars 1896, communiquée par M. Luís de Castro:

«Já recebeu o catálogo contendo as obras de pintura de Rosseti, etc.?»

lingen — écrivit pour définir l'art symboliste, il rattachait celui-ci au catholicisme, estimant que «c'est surtout la religion catholique qui offre une magnifique et poétique profusion de symboles».

L'oeuvre de Barbey d'Aurevilly déjà révélait un étrange mélange de catholicisme et de satanisme. Verlaine, toujours partagé entre des tendances contradictoires, trouva des accents inoubliables dans son poème «Mon Dieu vous m'avez blessé d'amour», et Huysmans, à qui la lecture de Ruysbroek l'admirable était familière, se convertit après une retraite à la Trappe. Le Cardonnell entra dans les ordres. Ce besoin de mysticisme, Verhaeren aussi l'a exprimé en des vers puissants :

«Je rêve une existence en un cloître de fer.
Brûlée au jeûne et sèche et râpée aux cilices,
Où l'on abolirait, en de muets supplices,
Par seule ardeur de l'âme, enfin toute la chair».

Quant à Moréas il s'exclame :

«Oh! qu'il vienne un autre Messie
Secouer l'antique inertie
Qu'il vienne en ses rédemptions
Détruire l'oeuvre de la Femme
Et te faucher, désir infâme
Des neuves générations» (1).

Plusieurs des poèmes que Laurent Tailhade réunira dans son recueil intitulé *Vitraux* (1892) avaient paru dans le *Décadent* dès 1888. Ses madones sont ruisselantes de pierreries, tout comme celles qui apparaîtront dans *Horas* et devant leurs statues les encensoirs font monter les parfums de nard et de cinnamome. Comme Eugénio de Castro, il semble surtout sensible au culte extérieur qui lui permet d'étaler la pourpre des chasubles et l'or des ciboires, objets liturgiques pour lesquels Moréas aussi avait une prédilection toute particulière.

(1) Jean Moréas: *Homo, fuge*, VIII, *Surtes* (1883-1884).

Eugénio de Castro a-t-il ressenti pour ces doctrines des affinités particulières en raison de son éducation et du fait qu'il appartenait à la race péninsulaire qui a fourni au mysticisme des représentants aussi illustres que San Juan de la Cruz? De toute façon, le mysticisme du futur traducteur d'Horace ne semble pas avoir été très durable et même dans *Horas* il subit des éclipses. Ainsi dans *Um Cacto no Polo*, il écrit :

«Et le lendemain, au lieu des livres sacrés auxquels d'habitude je prends plaisir, j'ai lu Schopenhauer et j'ai trouvé Schopenhauer sept cents fois supérieur à tous les Docteurs de l'Eglise» (1).

Parfois il mélange, assez étrangement, les épithètes empruntées à la liturgie catholique et celles fournies par l'Orient. Après avoir, dans *Vaso de Eleição*, qualifié de «Mecque rêvée, toute parfumée de frangipane» l'amour de la femme qui lui inspire ce poème, il compare ses yeux à un blanc alléluia et l'éclat de son regard à celui des reliques...

Nombreux furent d'ailleurs à cette époque les livres d'inspiration mystique qui parurent au Portugal. Alberto de Oliveira évoque en un tableau fort suggestif l'atmosphère qui régnait à ce moment à Coïmbre :

«Il y a vingt ans, toute la jeunesse littéraire portugaise, subissant comme toujours l'influence de la France, se sentait imprégnée de mysticisme et cherchait fréquemment son inspiration et ses épithètes dans les formules et les symboles de la liturgie catholique.

«Nos livres s'appelaient bibles et livres d'heures, nos poèmes d'amour avaient le ton et les modes d'expression des litanies, l'hostie et l'encens avaient leur place marquée dans nos offices lyriques et panthéïstes.

«C'est de cette époque que datent les coiffures en bandeaux,

(1) *Um Cacto no polo, Horas*, p. 129: «E no dia seguinte, em vez dos sacros livros, que de ordinário me deleitam, li Schopenhauer, e achei Artur Schopenhauer setecentas vezes superior a todos os Doutores da Igreja».

les profils ascétiques, les chapeaux mous en forme de beurrier, qui, encore aujourd'hui — du moins je le suppose — ne sont pas entièrement abandonnés. Eugénio de Castro avait l'air d'un cardinal laïque. Tout Coïmbre a pu le voir, revêtu de la robe d'une confrérie, aidant à porter le dais lors de la procession de la Reine Sainte, je crois.» (1).

Il est curieux de rapprocher ce passage du journal d'Edmond de Goncourt qui, en date du 8 mai 1892, note :

«La toquade mystique dont la France est atteinte, s'est révélée, cette année, jusque dans les coiffures des modèles et des maîtresses des peintres, apparaissant aux vernissages, avec des bandeaux botticelliens, et des têtes imitant les têtes des tableaux primitifs» (2).

Cette vague de mysticisme n'était d'ailleurs pas sans rencontrer une certaine résistance aussi bien au Portugal qu'en France. Selon Gustave Kahn le symbolisme n'est pas nécessairement synonyme de mysticisme (3) et quand René Ghil écrit à Eugénio de Castro pour lui demander un poème pour les *Écrits pour l'Art*, il précise :

«Rien de mysticisme, je vous prie; car nous allons mener une campagne nouvelle, cette fois contre l'Idéalisme-Mysticisme

(1) Alberto de Oliveira: *Pombos Correios*, ed. França Amado, Coimbra, LXXI, p. 256 :

«Ha vinte annos toda a mocidade litteraria portugueza, como sempre sob a influencia da franceza, se sentia impregnada de mysticismo e buscava frequentemente a sua inspiração e os seus epithethos nas formulas e symbolos da liturgia catholica. — Os nossos livros chamavam-se biblias ou livros de horas, os nossos poemas de amor soavam e exprimiam-se como ladainhas, a hostia e o incenso tinham o seu lugar marcado nos nossos officios liricos e pantheistas. — Datam de então os penteados em bandós, os perfis asceticos, os chapeus molles em forma de manteigueira, que ainda hoje — suponho — não estão inteiramente abandonados.

Eugénio de Castro parecia um cardeal laico. Toda Coimbra pode vel-o, envolto na opa de uma confraria, segurando uma das varas do pallio, creio que na procissão da Rainha Santa.»

(2) Ed. de Goncourt: *Journal des Goncourts*, Tome VIII, p. 37.

(3) Gustave Kahn: *Décadents et Symbolistes*.

traces dans son oeuvre. Dans *Belkiss*, par exemple, il y a une apparition spectrale mais elle est toute shakespearienne et fait partie du décor encore plus que de l'intrigue. Il se plaît aussi à y évoquer, à la manière de Flaubert, des plantes aux vertus magiques : feuilles de cnyza qui chassent de l'esprit les pensées impures et dont usait Appoloniux, anacampsérotés qui réveillent les amours défuntes... Dans *Sagramor* apparaît le frère Gil de Santarem, émule de Faust qui, selon la légende populaire, avait vendu son âme au diable et auquel il fait dire :

«A Tolède, j'ai rencontré de sinistres magiciennes,
Qui m'ont appris l'art des évocations, la théurgie ;
La porte de mon laboratoire est toujours ouverte
Au Diable qui y a installé sa succursale» (1).

nécessaires pour former le Prieuré du Portugal en conformité avec les Constitutions de Notre Ordre.

«Outre que sa qualité de Chevalier lui attribue les prérogatives attachées à ce titre il est élu Consul de Coïmbre et possède la puissance de réunir & grouper les intellectuels qui l'accepteront pour Chef. Il devra les faire répondre aux XI questions & après la thèse (sur les XI questions) les créer écuyers.

«Les dites écuyers auront droit aux Salons, places à toute manifestation Rosicrucienne & participeront à toute la protection que l'Ordre prépare incessamment à ses membres.

«Il enverra un rapport trimestriel auquel il lui sera répondu sous forme d'instruction.

«S'il peut avoir une salle affectée aux réunions des R + C portugais, il créera des séances de poésies, de musique, des conférences.

«Donné sur papier sans armes, au cours d'un voyage mais entièrement de notre main.»

Sar Peladan Grand Maître de la
Rose + Croix et du Graal»

(1) *Sagramor*, p. 213 :

«Em Toledo, encontrei sinistras feiticeiras,
Com as quais aprendi evocações, teurgias ;
Do meu laboratório é sempre aberta a porta
Ao Diabo, que tem nele a sua sucursal...»

Influencé sans doute par Maeterlinck, dont il se proposait d'ailleurs de traduire les *Sept Princesses* (1), il a fait peser sur ses drames une atmosphère lourde de présages et, ainsi que nous l'avons vu, en particulier pour *Belkiss*, a associé la nature aux tragédies humaines. Les éléments sortent de leur léthargie apparente pour s'animer d'une vie mystérieuse. La reine de Saba se demande si les émeraudes ont une âme (2) et ce n'est peut-être pas seulement à un artifice de style que sont dues les nombreuses comparaisons qui personnifient les choses inanimées.

Ce procédé est particulièrement fréquent dans *Silva*. Tantôt la lune peigne ses cheveux blancs et veille au chevet des étangs malades (3), tantôt apparaît comme l'Abbesse du couvent des étoiles (4). Dans *Sagramor* aussi les arbres cherchent à retinir le jeune pâtre en agitant leurs mains vertes !

Nous trouvons la même tendance chez plusieurs auteurs français de cette époque. Aloysius Bertrand, dans *Gaspard de la Nuit*, livre qu'aimait tout particulièrement Eugénio de Castro, a souvent recours à ces images et Laforgue avait déjà interpellé la lune :

«Très Révérende Supérieure
Du cloître où l'on ne sait plus l'heure» (5).

Verlaine, pour exprimer la tristesse d'un soir de neige écrit :

«Et l'air a l'air d'être un soupir d'automne» (6).

(1) «Mon cher Poète: Je vous remercie mille fois de l'honneur que vous me feriez en traduisant en Portugais mon petit Drame «les sept Princesses» et il va sans dire que je vous y autorise avec le plus grand plaisir». (Lettre inédite de Maeterlinck à Eugénio de Castro (décembre 1895), communiquée par M. Luís de Castro). Ce projet n'eut d'ailleurs pas de suite.

(2) *Belkiss*, p. 147: «Como será a alma das esmeraldas?»

(3) *Silva: Nocturno*, p. 168.

(4) *Ibid.*: *De Toledo para o Mar*, p. 182.

(5) Laforgue: *L'imitation de Notre Dame de la Lune, Guitare*, p. 215. Oeuvres complètes, Mercure de France.

(6) Verlaine: *Sagesse*, Ed. Mercure de France, p. 17.

Un des plus gracieux vers d'Henri de Régnier qui a fréquemment employé ces tournures se trouve dans *Tel qu'en Songe* où «les pieds nus d'avril courent par les vergers» (1).

Dans *l'Oiseau bleu* (1911) Maeterlinck mettra sur scène l'Eau, le Feu, le Pain, donnant un développement artistique à la conception de l'univers de Saint-François d'Assises...

Les princesses qui hantent les oeuvres symbolistes, tantôt pâles et irréelles, tantôt rutilantes de pierreries, apparaissent aussi dans les poèmes d'Eugénio de Castro. Errant dans les forêts, attendant le Chevalier, personnifiant un espoir ou une illusion, ces apparitions poétiques, venues en grande partie des ballades préraphaélites, avaient envahi la littérature française.

Des «Princesses fabuleuses aux yeux doux» (2) glissent dans les *Episodes* d'Henri de Régnier, pâles et liliales, elles sont légion dans les oeuvres de Ferdinand Herold (3). La reine d'*Interlúnio*, attirée hors de son palais par les rêves que lui murmurent les pins de la forêt voisine rentre tout à fait dans cette tradition et la «Dame»), chargée de jouer le rôle de la Lorelei auprès du Pèlerin est également semblable à ses soeurs françaises, avec ses «flaves tresses» et sa voix qui est une «rose pâle»...

Il faut reconnaître cependant que le talent d'Eugénio de Castro devient beaucoup plus personnel lorsqu'il évoque des visions plus colorées. Dans la ballade de *Silva*, «*Filha de rei guardando patos*» Eugénio de Castro puise dans le patrimoine littéraire portugais et cette fille de roi qui, tout en gardant des canards, se laisse bercer par les charmes de son âme et se complait à évoquer le souvenir des fastes d'antan mérite une place spéciale par son originalité.

Entourées de tout l'éclat de l'Orient, les figures bibliques tenteront aussi l'auteur des *Oaristos*. En plaçant l'amante du roi Salomon au centre d'un poème dramatique aussi vaste que

(1) Id.

(2) Henri de Régnier : *Episodes, La Galère*.

(3) V. Paul Fort : *Le Roman de Louis XI*, p. 179 : «Ci-gisent les liliales princesses de Herold, en veux-tu cent, deux-cents, trois-cents», dit le poète en offrant les oeuvres de Ferdinand Herold à Chronos.

Belkiss, il lui a conféré une importance qu'elle n'avait pas encore eue dans la littérature française. Par contre la fille du Tétrarque, l'héroïne d'un de ses plus longs poèmes, avait exercé une grande fascination sur toute cette époque, aussi bien en littérature qu'en peinture et en musique.

En 1881, sur le texte de Milliet et Gremont, Massenet compose *Herodias* et, en 1895, Loïe Fuller danse à Paris une pantomime orchestrée par Gabriel Pierné⁽¹⁾. En peinture elle inspire Regnault et Gustave Moreau dont le tableau plonge dans l'extase le héros d'*A Rebours*.

Dans les *Princesses* de Théodore de Banville, Hérodiade apparaît, portant entre ses mains ornées de bagues, un plat d'or sur lequel repose «le chef sanglant de Jean Baptiste»⁽²⁾. Ce poème a pour épigraphe les vers que Heine avait consacrés à la jeune princesse dans *Atta Troll*.

Flaubert dans les *Trois Contes*, donne de cet épisode une version objective et précise, ne négligeant aucun détail pour rehausser le coloris du décor.

Si chez Eugénio de Castro Saint Jean Baptiste garde avec amour la bague que lui a donnée Salomé, il est à noter que chez Laforgue⁽³⁾ le prophète paraît également épris de la fille du Tétrarque qui, par ailleurs, parle d'inconscient et de Nirvâna avec un anachronisme des plus charmants et des plus inattendus.

Mallarmé avait chargé Hérodiade d'incarner le narcissisme du poète et, répondant à l'appel de Samain, Salomé vient, dans les soirs fiévreux :

«Secouer le péché touffu de sa toison»⁽⁴⁾.

(1) V. *Journal des Débats*, 5 mars 1895: *Salomé*, pantomime de M. Armand Silvestre dansée par Loïe Fuller, musique de Gabriel Pierné.

(2) Banville: *Les Princesses*, Hérodiade, XII, Paris, Lemerre 1890.

(3) Laforgue: *Moralités Légendaires*, *Salomé*, Ed. Mercure de France, p. 155: «Et soudain on le vit (Iaokanann) se hausser sur ses pieds nus, les mains tendues à une apparition à qui il hoqueta les plus doux diminutifs de sa langue maternelle».

(4) Albert Samain: *Au Jardin de l'Infante*, «Des soirs fiévreux et forts comme une venaison», p. 159, Ed. Mercure de France.

En 1893 Oscar Wilde écrit directement en français un poème dramatique, d'inspiration décadente, dans lequel, éclairée par la lune mystérieuse, Salomé, éprise de Saint Jean-Baptiste, danse pour pouvoir se venger de son indifférence.

Nombreux ont donc été les poètes qui se sont laissé séduire par la figure de Salomé et, en traitant ce thème, Eugénio de Castro a suivi à la fois ses tendances personnelles et celles de ses contemporains.

Dans *Sagramor*, Eugénio de Castro évoque aussi Cléopâtre, l'impératrice Théodora qui lui inspirera plus tard un de ses plus beaux sonnets, Héliogabale et Sardanapale que Verlaine déjà aimait :

«Tout enfant, j'allais rêvant Ko-Hinnor,
Somptuosité persane et papale
Héliogabale et Sardanapale» (1).

N'échappant pas au prestige exercé sur cette époque par le protecteur de Wagner, Eugénio de Castro fait aussi apparaître dans ce poème Louis II qui vient y dire son spleen. Toutes ces figures aimées des poètes symbolistes pour leur étrangeté, leur auréole de sensualité orientale, le faste qui les entourait, prennent sous la plume d'Eugénio de Castro un éclat particulier, il interprète leur légende, évoque des décors auxquels il donne une tonalité propre, les charge de représenter une idée philosophique comme dans *Belkiss* et *Sagramor* ou d'incarner un idéal de beauté comme dans *Salomé*. La littérature française a pu lui donner la première impulsion, mais son talent transforme ces personnages en créations originales.

Dans les paysages symbolistes où se promenaient les princesses, une faune assez spéciale, en grande partie d'origine pré-raphaélite, avait pris naissance... Ces vers d'Henri de Régnier sont caractéristiques à ce point de vue :

«Et tandis que des toits, des tours et des tourelles
Les colombes ont pris essor et qu'infidèles
Les paons mystérieux ont fui vers la forêt,

(1) Verlaine: *Poèmes Saturniens, Prologue, Résignation.*

Couchée auprès de la Dormeuse, la Licorne
 Attend l'heure et là-bas guette si reparait
 L'annonciateur vol blanchir l'aurore morne» (1).

Eugénio de Castro, dans ses parcs abandonnés, laisse aussi errer des paons et les licornes apparaissent dès la première partie d'*Horas*, tandis que la colombe est chargée d'annoncer la fin du déluge. Il n'a cependant jamais abusé de ces symboles.

Pour retirer à la vie ce qu'elle avait de trop «quotidien», selon l'expression de Laforgue, les symbolistes recherchaient les sensations rares, se détournaient de la réalité morne pour créer un univers que remplissaient souvent le scintillement des pierres précieuses et les fragrances les plus subtiles.

«Il faut que je me réjouisse au-dessus du temps... Quoique le monde ait horreur de ma joie et que sa grossièreté ne sache pas ce que je veux dire» — telle est l'épigraphe empruntée à Ruysbroek l'Admirable que Huysmans met en tête de son roman «*A Rebours*». Et son héros qui trouve les émeraudes et les rubis trop communs pour en incruster la tortue chargée de mettre une note claire sur les tapis de ses appartements, jongle avec les chrysobérils, les péridots, les olivines, les cymophanes... Flaubert, fort apprécié par des Esseintes, amoncelait autour de Salammbô des pierreries aux noms étranges qu'il allait chercher dans Théophraste ou dans Pline. A en juger par une lettre que lui a adressée Villiers de l'Isle Adam, Mallarmé se proposait d'écrire un *Traité des Pierres précieuses* (2). En 1893 le *Mercur de France* publie la *Merveilleuse Doxologie du Lapidaire* par Louis Denise où chaque pierre est donnée, accompagnée de sa légende et des vertus théologiques qu'elle symbolise.

(1) Henri de Régnier : *La Licorne*, dans *La Wallonie*, 1889.

(2) V. Henri Mondor : *Vie de Mallarmé*, Ed. Gallimard, p. 222 : «Maintenant vous avez du faire de beaux vers et de bien belles choses ! Quand paraître le «Traité des Pierres précieuses» ? J'ai plus de confiance en votre alchimie qu'en celle d'Auriole Théophraste Bombaste, dit le devin Paracelse. Toutefois je vous indiquerai les Dogmes et Rituels de Haute Magie d'Eliphas Lévy s'ils se trouvent à la Bibliothèque de votre ville. Ils sont l'étonnement même.»

Sardoines, jaspes, émeraudes et améthystes jonchent les poèmes de Moréas qui s'exclame :

«Assez de chrysolithe terne :
Que l'on me montre la caverne
Des kohinors-soleils,
Et des saphirs plus bleus que l'onde,
Et des clairs rubis de Golconde
Au sang des Dieux pareils» (1).

Laurent Tailhade orne ses madones de pierres précieuses et le mot *or* revient constamment sous la plume d'Henri de Régnier.

Dans *Horas* en particulier, Eugénio de Castro déverse à flot les jaspes, les diaspes, les sardoines, les opales, les émeraudes, les rubis de Dgiamschid et les turquoises de Macédoine. Auréoles de leurs légendes, les pierres rares scintillent dans *Belkiss* et l'art du poète en tire des effets fort suggestifs. Ses tendances personnelles l'entraînaient déjà dans cette voie car il a de tous temps aimé les bijoux et Granmer Bing qui connaissait ses goûts savait qu'une bague était le cadeau qu'il apprécierait le plus...

Eugénio de Castro était également très sensible aux sensations olfactives. C'est ainsi que dans les *Oaristos* des fragrances de peau d'Espagne et de chypre entourent la Bien-Aimée. Parfois elle choisit la frangipane comme parfum et dans sa chambre le cinamome, l'héliotrope et l'encens appesantissent l'atmosphère. Il n'y manque même pas l'opoponax que Marie Kryszynska, dans sa *Symphonie des Parfums*, compare à une «phrase de Chopin». Si dans *Horas* il compose un électuaire de nard, de benjoin, de vetyver et de sarcanthus, dans *Belkiss*, tout comme dans *Salammbô*, des cassolettes remplissent l'air de leur fumée odoriférante.

(1) Jean Moréas: *Syrtes, Assez d'abstinences moroses*, Ed. Mercure de France, p. 35.

Les *Fleurs du Mal* sont sans doute à l'origine de ce déferlement d'arômes sur la poésie :

«Il est des parfums frais comme des chairs d'enfants,
Doux comme les haubois, verts comme les prairies,
Et d'autres, corrompus, riches et triomphants

Ayant l'expansion des choses infinies,
Comme l'ambre, le musc, le benjoin et l'encens,
Qui chantent les transports de l'esprit et des sens» (1).

Des Esseintes, qu'obsédait l'odeur de la frangipane et qui se plaisait à évoquer des décors d'usine en roulant entre ses doigts une boulette de styrax, estimait que «l'odorat pouvait éprouver des jouissances égales à celles de l'ouïe et de la vue» (2).

Si Baudelaire a sans doute influencé des Esseintes en ce qui concerne les sensations de l'odorat, l'auteur des *Fleurs du Mal*, grand admirateur de Delacroix, a vraisemblablement aussi contribué à développer en lui le sens des couleurs. A plusieurs reprises Baudelaire a en effet cherché à analyser leur signification dans le domaine affectif :

«Tout le monde sait que le jaune orangé, le rouge inspirent et représentent des idées de joie, de richesse, de gloire et d'amour».

Et dans le même ouvrage, il précise que le rose révèle «une idée d'extase dans la frivolité» (3).

Dans *Belkiss* nous trouvons l'application directe de cette théorie selon laquelle chaque teinte de l'arc-en-ciel suggère et symbolise un sentiment. Chez les Astomos, les vierges, les mystiques et les poètes, se promènent dans des jardins où fleurissent seulement des fleurs blanches, des lys, et des jasmins. Les Astomos lascifs et orgueilleux affectionnent au contraire des

(1) Baudelaire: *Les Fleurs du Mal, Correspondances*.

(2) Huysmans: *A Rebours*, p. 149, chap. x, Paris, 1889.

(3) Baudelaire: *Art Romantique*, p. 9 et p. 84.

fleurs rouges, des amaranthes, des euphorbes et des roses écarlates. Eugénio de Castro esquisse dans ce passage un tableau interprétatif de la valeur des couleurs, le vert étant selon lui une teinte sereine, le symbole de la vie, alors que le bleu, reflet du ciel convient aux personnes âgées qui songent au repos éternel.

Déjà dans les *Oaristos* il aimait à associer la nuance du décor à l'état d'esprit de la Bien-Aimée, tantôt plongeant la chambre dans une lumière grise, tantôt l'éclairant de vert et de violet. Cette préoccupation était d'ailleurs très caractéristique d'une époque où les peintres impressionnistes approfondissaient l'étude des couleurs complémentaires et où les écrivains intitulaient leurs poèmes *Symphonie en blanc* ou *Baiser rose, baiser bleu*, comme Théophile Gautier, et *Symphonie en gris*, comme Marie Krynska. C'est pour railler cette tendance que Vicaire et Boucaire faisaient figurer dans les *Déliquescences* d'Adoré Floupette un poème portant pour titre *Symphonie en vert mineur* (Variations sur un thème vert pomme)...

Ce n'est plus le coloris romantique simplement, avec sa gamme éblouissante, mais un essai plus subtil de percevoir et de rendre non seulement la couleur elle-même mais ses rapports avec la pensée, les sentiments et les sens. Wagner avait préconisé la synthèse des arts, et la poésie avait de plus en plus tendance de se rapprocher de la musique. «Les parfums, les couleurs et les sons se répondent», avait écrit Baudelaire dans le sonnet *Correspondances*...

Rimbaud établit la couleur des voyelles et Ghil fonde l'École évolutive-instrumentiste. L'auteur du *Traité du Verbe* apporte quelques modifications aux correspondances déterminées par le *Sonnet des Voyelles* et constate ensuite que le son des instruments de l'orchestre évoque des couleurs dans l'âme de l'auditeur. Partant du postulat géométrique que deux quantités égales à une troisième sont égales entre elles, Ghil cherche à découvrir la correspondance des voyelles avec le son des instruments.

Lorsque Antero de Quental et Teófilo Braga attaquaient en António Feliciano de Castilho le représentant de l'académie et lui reprochaient de paralyser l'élan des jeunes, ils ne se doutaient

sans doute pas qu'il pourrait un jour être considéré comme le précurseur d'une théorie aussi audacieuse que la théorie instrumentiste. Or le fait est là. Plus de vingt ans avant René Ghil, Castilho a pressenti cette correspondance des voyelles avec les sons des instruments de musique. En effet, dans son *Tratado de Metrificação portuguesa* (1850), il s'exprime de la façon suivante :

« Si nous avons le courage de ne pas craindre le ridicule, nous comparerions le son du A à celui de la harpe, celui du E à la viole, celui du I à la flûte, celui du O au cor, celui du U (ou) à la grosse caisse » (1).

Ghil lui, n'a pas craint ridicule et il a développé avec une précision scientifique cette théorie si timidement ébauchée par le poète aveugle. Qu'un certain courage ait été nécessaire pour la transformer en doctrine, les attaques dont Ghil a été l'objet le prouvent. S'il n'était pas d'accord avec Rimbaud sur la couleur des voyelles, il n'arrive d'ailleurs pas non plus aux mêmes conclusions que Castilho et pose :

« A les orgues, E les harpes, I les violons, O les cuivres, U les flûtes » (2).

Les théories de l'audition colorée donnèrent lieu à des réalisations assez curieuses. C'est ainsi que le 10 décembre 1891, le théâtre de l'Art que dirigeait Paul Fort, représenta le *Cantique des Cantiques* de Roinard, avec une mise en scène particulièrement raffinée. L'auteur, en effet, avait écrit sa pièce selon les préceptes de Ghil, donnant dans chaque scène la prédominance à certains sons, considérés comme suggérant des sentiments et des sensations déterminées. La couleur du décor, la musique que l'on jouait dans les coulisses et les parfums que l'on pulvérisait près du trou du souffleur variaient selon l'orchestration verbale du texte. Paul Fort, évoquant le souvenir de cette soirée mémo-

(1) António Feliciano de Castilho: *Tratado de Metrificação portuguesa*, 5.ème Ed. Lisboa, 1908, vol. 1, p. 106: « Se ousassemos não temer o ridiculo, compararíamos o tom do A à harpa; o do E ao machete; o do I ao pífaro; o do O à trompa; o do U ao zabumba ».

(2) René Ghil: *Traité du Verbe*, p. 28, Paris, Giraud, 1886.

rable, cite, à titre d'exemple, quelques indications scéniques : «Orchestration de la première Scène : du Verbe : en i bleu luminé de o blanc, de la musique : en do, de la couleur : en pourpre clair, du parfum : encens» (1).

Cette correspondance et cette synthèse des sensations se sont d'ailleurs traduites chez la plupart des poètes symbolistes par les images qu'ils choisissent pour caractériser un état d'âme, par la préférence qu'ils donnaient à certaines comparaisons. Les parfums deviennent violets (2), et les chansons bleues (3), les séraphins tirent de leurs violets «de blancs sanglots glissant sur l'azur des corolles» (4) et les désirs s'éteignent dans un «horizon vermeil» (5).

C'est dans le recueil *Horas* que l'on peut relever le plus grand nombre d'images semblables. On y trouve des Mélancolies violacées, des voix bleues, les pourpres de la Luxure et toute la gamme des blancs pour exprimer la pureté. Dans *Belkiss* les poètes du pays des Astomos font retentir sur leurs cithares des «sons pâles» et Sagramor parle de «baisers musicaux de velours rouge».

Les symbolistes n'ont cependant pas emprunté exclusivement leurs comparaisons et leurs décors à cet univers coloré et prestigieux. Ils ont aussi été obsédés — certains d'entre eux du moins — par l'idée de la mort, la grisaille des canaux, les relents d'hôpital... Rollinat a poussé beaucoup plus loin que Baudelaire les incursions dans ce domaine et *Interlúnio* révèle parfois son influence.

(1) Paul Fort : *Mes Mémoires, Le Symbolisme et le Théâtre d'Art*, p. 35, Ed. Clammarion, 1844.

(2) A. Retté : *Cloches dans la Nuit, Sillages*, III, 1889 :

«Et les parfums violets
De nos coeurs en fleurs.»

(3) Gustave Kahn : *Livre d'Images, Paysage*.

(4) Mallarmé : *Poésies, Apparition*.

(5) Moréas : *Syrtes, Accalmie*.

Dans ses grandes lignes cependant l'oeuvre d'Eugénio de Castro, évoque surtout des visions de Beauté, des images à la fois subtiles et éclatantes. S'il a traité de nombreux thèmes répandus dans la littérature française de l'époque, grâce à son imagination créatrice et à sa sensibilité, il a su leur donner un coloris personnel.

DENYSE CHAST

EUGÉNIO DE CASTRO

Eu não conheci Eugénio de Castro desde os seus inícios literários. Conheci-o mais tarde, porque o grande poeta foi evolutivo, até que deu a lume, muito cedo e já ilustre, o seu primeiro grito de nefelibata, aquele volume *Oaristos*, a que um ano mais tarde juntava outro — *Horas* — batendo a mesma incude revolucionária.

Foi com estes dois livros que em 1890 e 1891 veio à arena das Letras, declarando-se absolutamente «simbolista», sem repudiá-lo, contudo, as suas primeiras estrofes parnasianas.

É desde essa época, já distante, que travamos conhecimento — ficando desde então amigos para sempre. Ela foi para o grande poeta de iniciação e defesa: de iniciação, nos moldes decadentistas, e defesa de teorias de cânones poéticos de artistas, que em França especialmente, e editados pelo *Mercur*, tinham chamado à barra com nóbéis fórmulas poéticas, que, hábilmente combinadas, deram em resultado novos bardos e menestres românticos.

Eu possuo ainda os primeiros livros publicados por Leão Vanier. Faz-lhes os estudos o grande espírito de Remy de Gourmont — e é belo, esplêndidamente belo, o grupo de poetas que apareceram nobilitando a poesia latina.

O nosso Eugénio de Castro apareceu então com os primeiros novos poetas, e os seus livros de estreia (a que ele provavelmente, não ligou mais importância que a melodias estróficas *dernier-cri*) despertaram o interesse e a leitura da gente de Portugal, que foi saboreando com delícia os versos do

novo poeta, «rutilantes de inauditismo», plenos de bizarras formais.

O intuito de essas estrofes adivinhava-se, visto que o poeta apenas pretendeu, com grande êxito, alvoroçar os paladinos de formas novas, que iam despertando. E assim aconteceu.

Pouco a pouco, com independência, as teorbas apareceram, as líras foram surgindo, enramadas de loiros novos, e uma nova camada de poetas cantou magnificamente, dizendo coisas novas, estreando ritmos desaparecidos, empregando imagens raras, dando às formas poéticas ritmos balouçados ou dormentes, adoçando as tintas, embebendo as almas no aroma de flores exóticas, de brandos perfumes, que faziam reflorir as saudades... Os ritmos eram diferentes. Iam aparecendo os bardos de ritmos livres — os E. Verhaeram, Maeterlinck, Henri de Regnier, Francis Vielé — Griffin... A tonalidade dos poetas adoçou-se vagamente; os ritmos variaram-se com crescente esplendor, e nos poetas de vida íntima mais rara, foram florindo à maravilha os novos *aedos*, os nostálgicos evocadores dos lagos mortos e das florescências divinas, que uma aragem de sonho ia agitando e embrumando de tristeza vaga e de inquietante saudade... Os poetas tornaram-se naturalmente mais melancólicos. Aos gritos de Cesário Verde correspondiam agora, vagamente, elegiacamente, os acordes lentos dos que, voltando a estética do avesso, preferiam, na natureza inteira, as rezas, os soluços, o ressoar das folhas que caíam languemente das árvores... A Estética, nos novos poetas, era muito outra: a alma entrava agora mais nas estrofes, e em todo esse reflorir de Poesia, sentia-se um cansaço vago, a lentidão de preces, a voz dos ermos desvendando outra vida, como se o sonho andasse remexendo a terra, fazendo reflorir outra gleba sonâmbula... E a Poesia de Portugal transformou-se, inquestionavelmente. À parte certos exageros, que vêm com todas as escolas, na sua essência a nossa poesia autorizou-se mais, começou a interpretar melhor o sonho e a nuance, e a alma, pouco a pouco, foi marcando sempre, e fazendo florir a sua essência antiga...

*

Então vieram os novos acordes da lira de Eugénio de Castro. Pôs em evidência o exagero e a graça lírica dos poetas que combatiam por uma nova dama — e os seus versos, antes de chegarem à pureza dos seus últimos poemas, começaram a ganhar, na sua sonoridade olímpica, os reflexos de luar e de sonho que só têm os grandes poetas. A sua imagem, como flor que era, foi-nos encantando sempre, abrindo e aliciando-nos na sua graça de flor nostálgica... Depois de combater belamente pela sua Estética, foi arredando pouco a pouco as silvas que ela tinha, e os seus versos coaram-se na alma com os fulgores de luar, com a graça eterna de flores, com os murmúrios de água fluindo, correndo e cantando até *Constança*...

Que admiráveis poemas ele não foi escrevendo e cantando! Que longa série de versos admiráveis o poeta não nos foi tecendo, à maneira de Penélope, enquanto esperava Ulysses, que ia sempre fiando na roca de marfim e de ouro... Depois veio *Constança*, que marca em 1900 uma nova idade do autor admirável, e a seguir a *Sombra do Quadrante*, *O anel de Polícrates* e *A Fonte do Sátiro*, *O filho pródigo*. *A tentação de S. Macário*, *O cavaleiro das mãos irresistíveis*...

*

O grande poeta havia chegado então à expressão suprema da sua arte inimitável. As suas tendências revolucionárias tinham caído em parte, como flores dum perfume vago e disperso, algumas a redolência que nunca se apagava, como ao passar por sebes de madre-silvas, ao cruzar com elas nos campos, nós paramos extasiados para sorver no ar puro as emanações divinas dessas flores antigas... E então reparamos mais uma vez que o aroma, quando é puro, é o que mais encanta, desde que ele traga o perfume sem mescla das flores que eternamente nos prendem o olfato — aromas que andam há tanto na natureza, e que nos instilam sempre o mesmo sonho, eternamente antigo e eternamente novo!

O grande poeta Eugénio de Castro cria então maravilhosos poemas. Já não procura a excentricidade das suas novas rimas; mas é sempre o criador divino de estrofes, dum sabor novo e dum aroma eterno, ao passarem pelas suas mãos divinas, afeitas a poemas excelsos, de sugestões longínquas...

A partir de *Constança* temos a lira do Poeta em toda a sua pureza: leremos *Depois da ceifa*, *Poesias escolhidas*, *Sombra do Quadrante*, o *Anel de Polícrates*, *A Fonte do Sátiro*, *O filho pródigo*, *Poesias de Goethe*, *O cavaleiro das mãos irresistíveis*, *Camafeus romanos*, *A tentação de S. Macário*, *Canções desta negra vida*, *Cravos de papel*, *A mantilha de medronhos*, *A caixinha das cem conchas*, *Descendo a encosta*, *Chama duma candeia velha*...

Neste brilho intenso de inúmeros poemas, encontramos o divino artista na plena posse da sua arte, tendo nos derradeiros versos, *Chama duma candeia velha*, a sua última maneira, clarificada e simples. Sente-se nesta derradeira fase o grande poeta pessoal e forte, procurando nos termos, aparentemente mais simples, a sua inspiração mais pura.

Vemos hoje que é tempo de lhe levantar uma estátua. A sua lira chegou aos acordes mais raros, que são os da simplicidade. Não quer dizer que as suas poesias anteriores carecessem de melodia e de graça, de originalidade e de carácter. Eram por vezes admiráveis pedaços de arte, originais na verdade, e na verdade muito belos. A partir de *Constança*, a sua grande lira transforma-se: e o grande poeta, que foi sempre original, bate uma simplicidade de lirismo, uma infinita graça inspiradora. Em termos que, olhando para a sua figura poética — excelsa figura a sua, já grande certamente nos primeiros versos anteriores aos *Oaristos* — reconhecemos na sua voz a de alguém que nos encanta e subjuga. Devemos-lhe certamente uma estátua, em cujo pedestal se enlacem alusões à sua lira, e se escutem pedaços do seu estro incomparável. Vamos levantar-lha, no esplendor do seu mármore e das suas folhagens de bronze? Os poetas, os grandes cantores das coisas eternas — têm direito à veneração dos tempos, porque a sua lira, ainda que falasse algumas vezes de coisas efémeras, deu-lhes a graça e a esbelteza que não mur-

cha, como se a juventude ficasse gravada para todo o sempre nas suas endeixas mais belas e resplandescentes.

Eugénio de Castro foi um grande poeta delicado e pessoal. Ele entoa as cantigas mais simples, como ascende às mais altas fulgurações estróficas — naturalmente, por tendências nativas, por inclinações muito suas. É um poeta sincero, que engrinalda o mundo, e por ele se deixa engrinaldar. Vamos erguer-lhe a estátua que o espera e que lhe devemos, porque a sua voz é linda, é doce e é pura. Ele soube cantar em formas simples a Beleza que é eterna como os deuses. Por isso é que ele foi um grande Poeta.

Eugénio de Castro foi um bardo descontente e insubmisso, cuja lira cantou mais belamente nos montes do Parnaso. Soube aproveitar-se do momento oportuno — e veio com os seus livros *Oaristos e Horas*, pôr a sua lira ao lado da nova escola poética. Era evidentemente um grande poeta, um tanto exagerado pelas novas teorias — e, pouco a pouco, aproveitando da nova escola o que lhe era essencial, pôs de lado os exageros e as insubmissões, ficando, admiravelmente, um grande poeta novo.

A sua lira soube cantar, em versos imortais, a beleza e os esplendores da vida. Ela merece, incontestavelmente, as homenagens dos que souberam e puderam amar!

Agora teremos apenas de celebrar o grande poeta, para quem a vida foi uma corrente meiga e propícia, ou, de quando em quando, um rumor de água despenhando-se, para cair em flores...

Saudemo-la, portanto, a sua lira augusta! Demos-lhe todas as canções, toda a energia da nossa vida, toda a homérica voz da nossa alma atribulada — mas que, junto da sua canção, fica a sonhar divinamente...

Que as nossas palavras sejam o brado duma estátua, a erguer ao grande e querido Poeta. Lembrem-nos sempre as palavras do grande e infeliz Remy de Gourmont:

«Le crime capital pour un écrivain c'est le conformisme, l'imitativité, la soumission aux règles et aux enseignements. L'oeuvre d'art d'un écrivain doit être non seulement le reflet,

mais le reflet grossi de sa personnalité. La seule excuse qu'un homme ait d'écrire, c'est de s'écrire lui même, de dévoiler aux autres la sorte de monde qui se mire en son miroir individuel; sa seule excuse est d'être original; il doit dire des choses non encore dites et les dire en une forme non encore formulée. Il doit se créer sa propre esthétique, — et nous devons admettre autant d'esthétiques qu'il y a d'esprits originaux et les juger d'après ce qu'elles sont et non d'après ce qu'elles ne sont pas.»

Estas palavras do eminente crítico quadram bem ao nosso grande poeta. Ele apareceu muito novo com as teorias de arte, que depois em grande parte abandonou. Devemos perdoar-lhe os excessos juvenis: os combatentes trazem quase sempre entre as suas armas flores que murcham mais tarde, quando lhes toca o ar puro da vida... Eugénio de Castro foi um grande poeta e já o era, risonho e combatente, quando ergueu a voz aclamando a nova estética de *Oaristos* e das *Horas*. Depois dos gritos de rapaz foi purificando as formas — para acabar nas inúmeras páginas de antologia que são os seus últimos versos. Aos volumes um tanto arrevesados, seguiram-se novos poemas, já tocados de graça e equilíbrio, que foram modificando a sua estética admirável.

E por isso nós desejaríamos ver erguida a estátua do grande Poeta, e os seus excessos anteriores perdoados, — tanto mais que foi deles que nasceu, resplandecente e eterna, a estética dum portentoso poeta, por vezes com o sabor dum grande clássico, fecundo, original, de magia admirável!

Ergamos-lhe a estátua, que ele tanto mereceu, cantando e amando. Num quarteirão florido, ergam-lha todos os que ainda se recordam da sua figura excelsa — e todos os que lhe deveram a homenagem dos seus versos de oiro, de viva originalidade e sabor!

Nós vivemos numa terra de poetas; eles são certamente os que nos embalam os sonhos... Não será nunca demais que aos mestres se levantem estátuas. Eles merecem-nas imensamente: lembrá-los, é esmaltar a existência com a atitude das grandes figuras — e quantos estão esquecidos ou apenas lembrados nos sepúlcros silenciosos... A homenagem a Eugénio de

Castro é das grandes, das imortais, das inconfundíveis. Não esperemos por decênios, que nos envergonham, erigindo-lhe uma estátua. É fazê-la sem demora, enquanto as almas sensíveis, um momento embaladas na doçura e na originalidade dos seus poemas, lhes estendem as mãos entusiásticas, a festejar e a abençoar o grande poeta!

JÚLIO BRANDÃO

IN MEMORIAM

Tocador de Harpa: sem vergeis nem hortas
De Vergílio a avena em tuas mãos quebrou,
Teu sonho de beleza em ti parou
E nas Princesas que cantaste, mortas.

Nem o luar como um mendigo às portas,
Quieto o lago, não o assustou.
Distante como um rei, Lídia o tocou
E Inês... Quieto o lago, e as horas mortas.

A iluminar o rútilo cristal,
Lá como os deuses, só matéria de astros
E não o barro vil. — Chão de alabastros,

Na *Torre de marfim* diziam mal
A herva rasteirinha, a verde salsa,
A feia plebe, ou *Leonor descalça*...

AFONSO DUARTE

ARTE POÉTICA

Coral das rimas, lúcidas e belas,
fiéis ao jogo e, todavia, esquivas,
que tanto me tentais — virgens furtivas —
no meu palácio irreal de cem janelas!

Canções do mar aos olhos das estrelas;
brando e casto murmúrio de águas vivas,
ou regougo de vozes primitivas,
na noite desgrenhada das procelas!

Amo-vos com amor alto e violento,
ou debruo de vós a solidão
onde afio os meus sonhos ao momento.

Por vós sou como um Deus feito mendigo
da fundura do próprio coração,
e morro às minhas mãos — meu inimigo!

ANTÓNIO DE SOUSA

SONETO

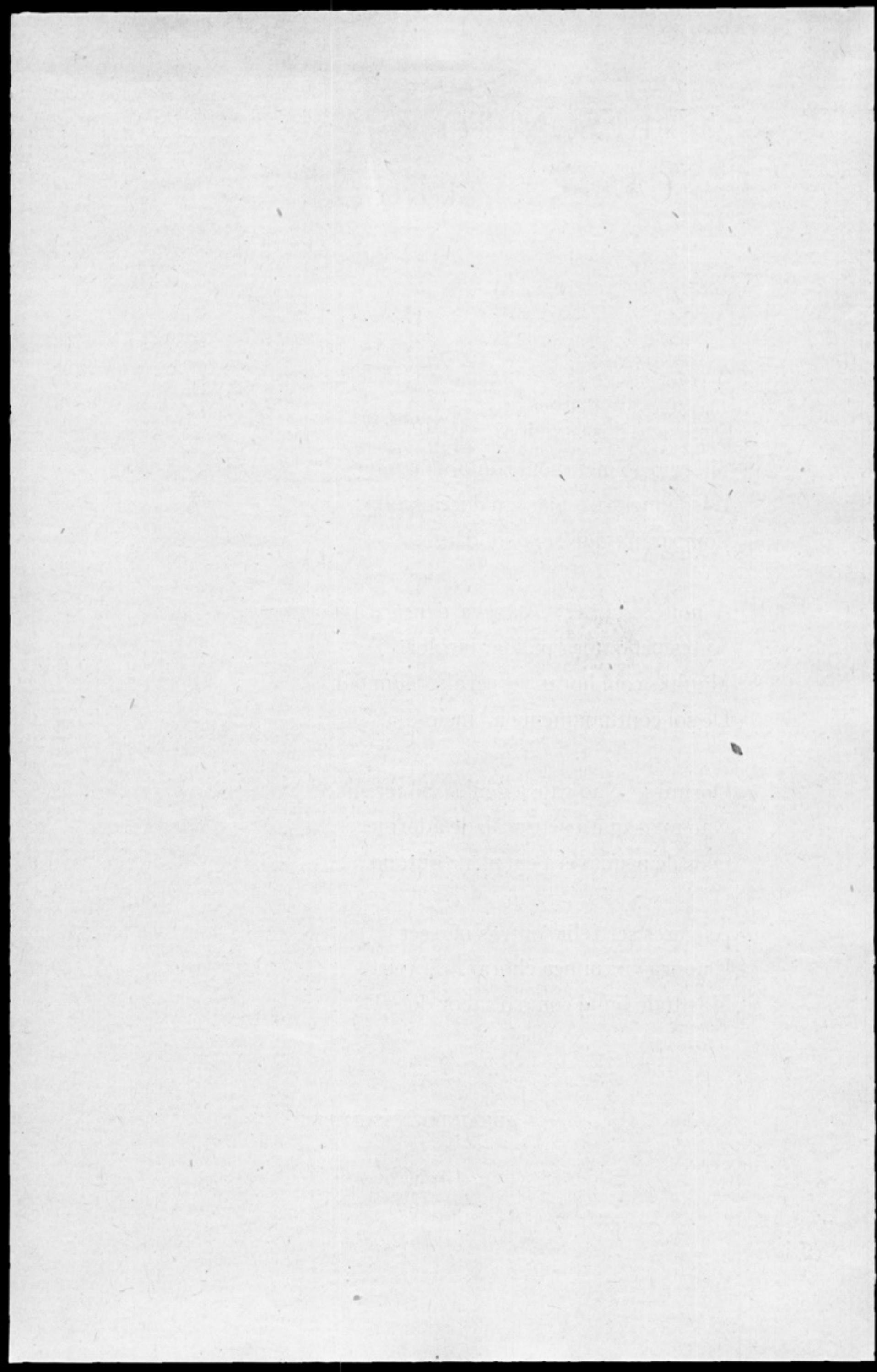
O silêncio dos túmulos? Ah, não!
Silêncio ao meio com rumor em volta.
E isolamento... mas em doce escolta,
Companhia que seja solidão.

A noite escura? A treva densa e fria?
Antes penumbra pálida, incolor.
Manhãs com horas vesperais. Um pôr
De sol continuamente ao meio-dia.

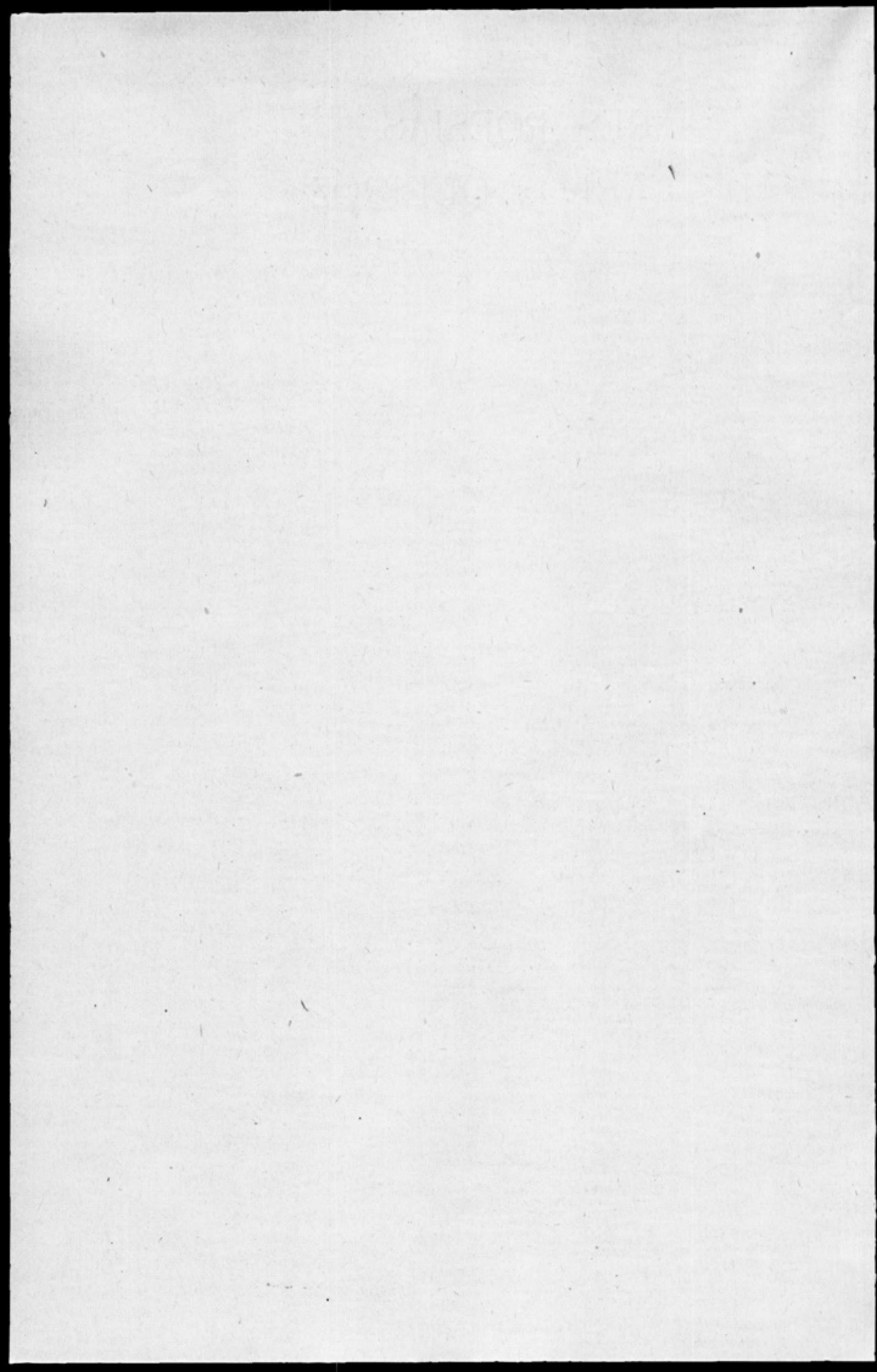
Dormir? Não vale a pena. Só ter sono:
Não mais que a sensação de adormecer.
Olor de primavera em pleno outono.

Às vezes ser feliz, outras não ser
E nunca rir, nunca chorar. Sorrir.
Mas tudo igual como o sabor do sal!

CABRAL DO NASCIMENTO



TRÊS POESIAS
DE CARLOS QUEIROZ



ESTÍMULO

Assim o poeta clama, no seu horto
Contíguo à ilusão do Paraíso:
— De tão pequeno estímulo preciso
Para gerar um Canto, em vez de aborto!

Não mendigo benesses nem conforto
Que recubram de flores o chão que piso;
Bastam-me um claro olhar e um bom sorriso
Para compreender que não estou morto...

Anda o Povo, em tumulto, procurando
Quem dê sentido, consistência e graça
Aos caminhos que trilha, à cruz que abraça;

E espera esse milagre desde quando
Ignora que o poeta desprezando,
Não tem, na Terra, mais ninguém que o faça.

CICLO DE REDONDILHAS

I

Redondilha, redondilha,
No teu ritmo circular
Pode a alma viajar
Como à roda duma ilha.
Cruzeiro de maravilha
Com música a bordo (e bar!)
Quase terra, quase mar,
Como à roda duma ilha.
Há em ti uma escotilha
Entre o sentir e o pensar,
Que ao esquecimento vai dar...
Redondilha, redondilha!

Ai, que o triste fundamento
 Da nossa atitude irónica
 É sentir que o sofrimento
 Nos sabe a coisa anacrónica!
 Pois que é este vago e langue
 Sofrer por coisa nenhuma,
 Senão um lago de espuma
 Junto de um rio de sangue?!
 Por mim, cá ponho em relevo
 Um sorriso, quando canto
 — E dou largas ao meu pranto
 Em versos que já não escrevo.

No capricho do meu sonho
 Um anjo ri dos políticos.
 (Entre esquerdas e direitas
 Sinto os membros paralíticos).
 Lá vai, aos saltos, p'lo meio
 Das duas filas armadas.
 E o anjo diz: — Ai que cócegas!
 Mas são balas de espingardas.
 Dos dois lados alvejado
 (Eh! fusilado inocente!)
 O anjo do meu capricho
 Vai a rir perdidamente.

Ainda que para tanto
Aprenda Teosofia
E perca de todo o siso
Nos domínios da Cabala,
Uma das coisas que o homem
Há-de entender algum dia,
É a fala do silêncio
Quando a cidade se cala.
O que não faz mais sentido
E ofende as almas honestas,
É ser um barra em ciências
E ignorar coisas destas.

No topo da escada estava
Sentado, a ver trabalhar;
Tanta gente trabalhava
Que fazia falta d'ar.
Era mesmo um dó de ver
Esse humano formigueiro,
Sem ter nada que fazer
Trabalhando o dia inteiro.
Mas o ritmo desse nada
É tal a força que tem,
Que até eu descí a escada
E fui trabalhar também.

Ao nosso espírito aflora
 Às vezes a consciência
 Dè que a Arte está agora
 Em crise de adolescência.
 Até aqui, foi infância:
 — Classicismo, romantismo,
 Com rasgos e voos d'ânsia
 Em criador paroxismo.
 Porém, adulta e normal,
 A Arte, um dia, há-de ser
 O que diga o principal:
 — Tudo o que está por dizer.

Sonhei que estava sonhando
 (Este verso é do Bandarra)
 Que o público abandonou
 A grande sala do circo
 E que eu fiquei, solitário,
 Olhando a pista vazia
 Onde os focos luminosos
 Incidiam sobre o nada
 Que trabalha em nossas almas
 Quando o espectáculo acaba.
 — E sonhei que este meu sonho
 Era um aviso de Deus.

A Morte apanhou um susto
Por causa do suicida :
Cuidou que a Morte era ele
E que ela seria a Vida.
E que ela seria a Vida
(Como havia de fazer) ?!
A Morte até recuou,
Não lhe queria estar na pele.
Não lhe queria estar na pele,
Pobre Morte distraída !
Mas também não queria estar
Ai ! na pele do suicida...

LIBERA ME

Livrai-me, Senhor,
De tudo o que for
Vazio de amor.

Que nunca me espere
Quem bem me não quer
(Homem ou mulher).

Livrai-me também
De quem me detém
E graça não tem,

E mais de quem não
Possui nem um grão
De imaginação.

CARLOS QUEIROZ

SONETO

Shelley sem versos e sem pureza,
aqui estou à tua espera nesta praça,
onde não há pombos mansos mas tristeza,
e uma fonte por onde a água já não passa.

Das árvores não te falo pois estão nuas,
das casas não vale a pena, porque estão
gastas pelo relógio e pelas luas
e pelos olhos de quem espera em vão.

De mim podia falar-te, mas não sei
o que dizer-te desta história, de maneira
que te pareça natural a minha voz.

Só sei que passo aqui a tarde inteira
tecendo estes versos e a noite
que te há-de trazer e nos há-de deixar sós.

EUGÉNIO DE ANDRADE

CANTAR DE AMIGO

Foi neste dia três do mês de Junho,
Tão formoso e sereno,
Como um algoz que veio disfarçado
Lançar na taça a gota de veneno...

Foi neste dia três do mês de Junho,
Que me estava marcado
Como uma maldição, como um castigo,
Que não posso esquecer
Por uns anos que eu haja de viver,
O dia em que morreu o meu amigo!

FAUSTO JOSÉ

HORAS DE COIMBRA

Na hora luminosa, o silêncio vivia.
— Rua da Alta com erva nas valetas! —
Era como se, em ti, naquele dia,
Encarnasse a poesia
De Coimbra e de todos os seus poetas...

Porque ali, nas paredes caiadas,
Ao dormir das horas mortas,
Parecia que ficavam agarradas
E desgarradas, pelos vãos das portas,
As vozes não ouvidas,
Os sonhos e a saudade
De tanta mocidade;
De tantas mocidades já passadas...
— Passadas e perdidas!...

Que o feminino encanto
Em que a cidade,
Com brando jeito,
Revela, tão discreta, fina e leve,
A sua graça,
Nas horas de silêncio e de quebranto,

— Como a candura de um cristal de neve,
Ou um murmúrio de águas numa taça —
É feito
De tudo quanto a vida tem de breve;
Do mais puro que tem quem por lá passa.

FRANCISCO BUGALHO

CHANSON DU MENUISIER

— «Jeune encore, je fis un jour
Un charmant petit berceau;
Lorsque je l'eus achevé,
Je m'assis ...et me mis à pleurer...

«Bien après je fis un lit,
Pour y coucher des fiancés;
Lorsque je l'eus achevé,
Je m'assis et me mis à songer...

«Hier, je fis un cercueil
Pour enterrer un défunt;
Lorsque je l'eus achevé,
Je m'assis ...et me mis à chanter...

Traduit de :

Canções desta negra vida

CHANSON DE L'ÉPÉE DE TOLÈDE

Au Dr. Joaquim de Carvalho

— «Fait de l'acier le plus pur,
Je fus forgée à Tolède,
Où j'adoptai cette devise :
— *Ni injustice ni peur.*

«Mon pommeau d'or ouvragé
Exhibait une verte émeraude :
Le jeune homme qui m'acheta
M'aimait plus que sa fiancée.

«Il me portait à la ceinture,
Capitaine et amoureux ;
Et la nuit, dans son château,
Il dormait à mon côté.

«Et le soir où son amante,
Enfin, cédant, l'embrassa,
Après lui avoir tendu ses lèvres,
Elle me donna un baiser ;

«Et j'étais si élastique
Qu'en m'enroulant en peloton,
Elle me rendit plus petite
Que les boucles de ses cheveux

«Mais les heures, en ce temps-là,
Étaient de paix, bien tranquilles,
Et dans les passe-temps futiles,
Je songeais à de hauts faits!

«Enfin, à force de prier,
Je fus comblée par le Destin :
Le jour de la Saint Laurent
Je fulgurai à Saint-Quentin!

«Ho! Quelle douce ivresse
Dans ce combat insensé!
Je vécus en tuant, car l'épée
Ne vit que pour tuer!

«Mille fois je donnai aux visages
L'épouvante exsangue de la Mort :
Je transperçai des coeurs,
Je fis couler des flots de sang!

«Dans la fine main de mon maître
J'étais une flamme, je brillais,
Incendiant le courage
Du lâche qui fuyait!

«Mais ensuite... hélas! ensuite
Que de tristes moments je passai!
Mon maître mourut bien jeune,
Et, veuve, je me rouillai!

«Après avoir porté ma gloire
Plus haut que le soleil et le ciel,
Je suis une épée toute rouillée
Dans cette armoire de musée...

«Ma chère émeraude verte
Par un larron fut volée,
Et maintenant, hélas!
Je parais, en outre, édentée.

«Regarde-moi, visiteur,
Regarde-moi bien attentif :
Comme toi, j'eus des songes dorés,
Comme moi, tu seras rouillé!

«Dans cet étui de velours,
Au duvet luisant et haut,
Je suis l'impur du lazaret,
Avec la lèpre de la rouille!

«O mortel, ne ris point
De ton rire dédaigneux :
Car la rouille ronge tout,
L'âme, le corps et les épées!»

Traduit de :

Canções desta negra vida

JEAN ROUSÉ

PARA O ANIVERSÁRIO DO POETA

Ao Ruy Cinatti

Não passam, Poeta, os anos sobre ti,
embora sejas mais mortal que os mais:
no tempo, viverás longe daqui,
no espaço, apenas deixarás sinais.

E quando, pelos campos silenciosos,
lá te encontrar's nas ondas dos trigais,
repara como fogem receosos,
para o poente, os ventos luminosos —
— antes que os homens nasçam teus iguais.

Porto, 7-3-44.

JORGE DE SENA

TESE E ANTÍTESE

«Procuraremos sòmente a Beleza» . . .

.

EUGÉNIO DE CASTRO

Procurar só a Beleza,
— De antemão
Fora um achado perdido:
Ser grande... e pouca a grandeza!
Ir atrás duma abstracção
Que além si tem seu sentido...

Mas se em verdade a procura
Quem só a ela se rende,
(Ou assim pensa)
— Já traz em si uma altura
Que transcende,
Por imensa,
Qualquer mera formosura!

JOSÉ RÉGIO

MATER DOLOROSA

A mãe do Poeta chora.
E a sua canção inquieta
Parece pedir perdão
Aos homens sem coração,
Por o filho ser Poeta...

— Na praia, em pequeno, um dia,
Meteu-se à onda bravia
Que à flor da espuma trazia
Um peixe cor de luar...
Mas a onda fez-se mansa.
Teve dó dessa criança
Cujo crime era sonhar!

Certa noite, à sua porta
Vieram cantar os Reis.
Ai! a de branco! a de branco!
Cabelo fulvo aos anéis,
Flor entre os dedos, singela...
E ele, então, logo perdido,
Foi pela rua atrás dela,
No rastro do seu vestido...

Aos vinte anos cismador,
Esqueceu que havia as sortes.
Magrinho, falho de cor.
Por isso os mais que eram fortes
(Os que tinham ido às sortes!)
Lhe chamaram desertor.

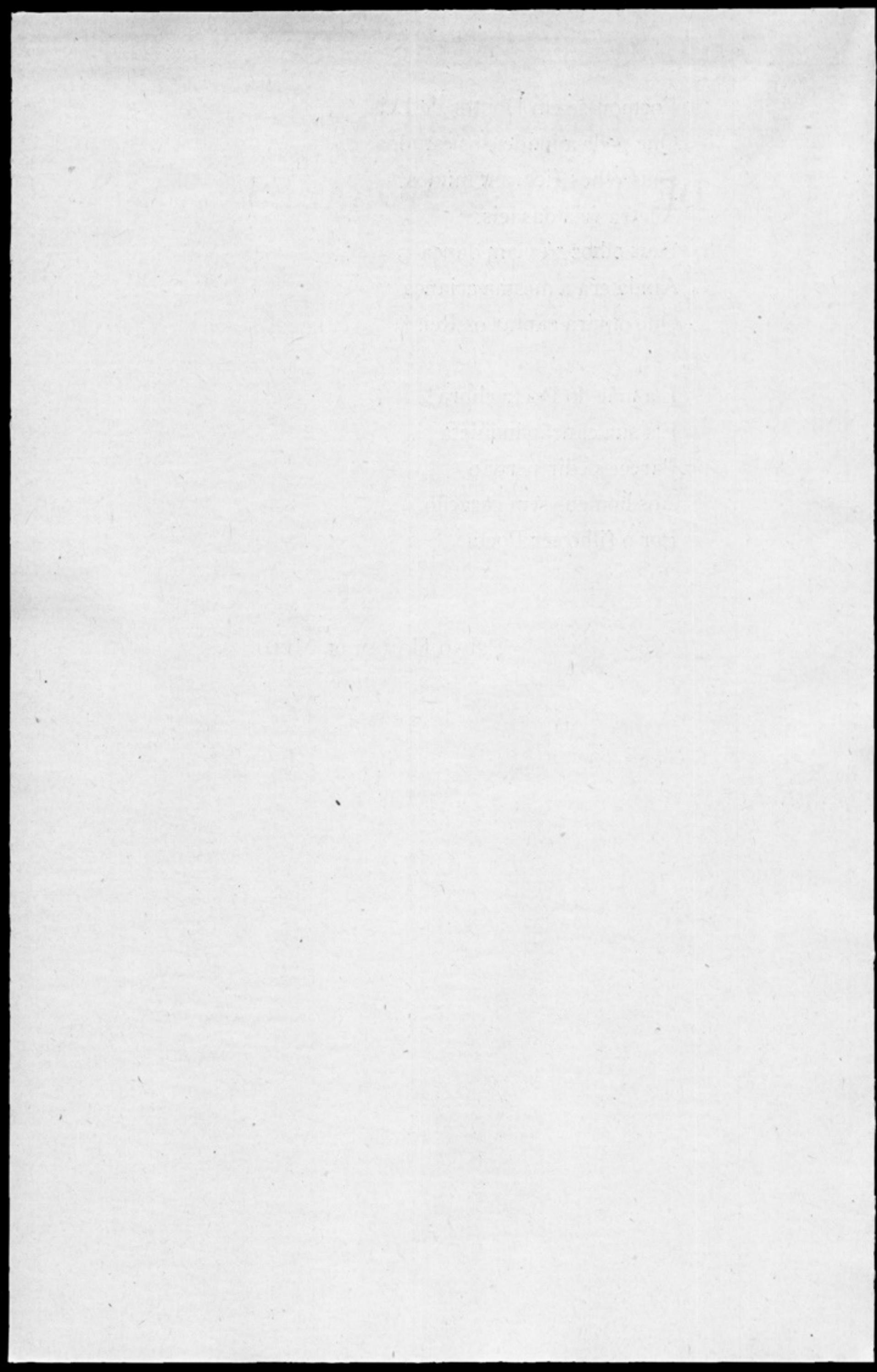
Em tardes de romaria,
Todo o mundo o viu bailar!
Quando o seu corpo bulia
Subiam torres no ar...
Por fim, calava-se a dança.

E ele, de novo sòzinho,
Era, de novo, a criança
Que a onda brava, depois mansa,
Recolhera no caminho...

Formou-se em Doutor de Leis.
Que pode a idade e os estudos?
Seus olhos ficaram mudos
À letra fria das leis.
Seus olhos só viam dança...
Ainda era a mesma criança
Que ouvira cantar os Reis!

E a mãe do Poeta chora!
E a sua canção inquieta
Parece pedir perdão
Aos homens sem coração,
Por o filho ser Poeta...

PEDRO HOMEM DE MELO



DUAS POESIAS
DE RAFAEL MORALES

THE HISTORY OF THE
ROYAL SOCIETY OF LONDON

IN TWO VOLUMES.
BY JOHN HENRY MADDISON.
LONDON: PRINTED BY RICHARD CLAY AND COMPANY, LTD., BUNGAY, SUFFOLK.

VOLUME I.
THE FOUNDATION OF THE SOCIETY.
1660-1680.

THE SOCIETY'S EARLY WORK.
1680-1700.

THE SOCIETY'S GROWTH.
1700-1750.

A UN ESQUELETO DE MUCHACHA

Homenaje a Lope de Vega

En esta frente, Dios, en esta frente
hubo un clamor de sangre rumorosa
y aquí en esta oquedad se abrió la rosa
de una fugaz mejilla adolescente.

Aquí el pecho sutil dio su naciente
gozo de flor incierta y venturosa
y aquí surgió la mano, deliciosa
primicia de este brazo inexistente.

Aquí el cuello de garza sostenía
la alada soledad de la cabeza
y aquí el cabello undoso se vertía.

Y aquí en redonda y cálida pereza
el cauce de la pierna se extendía
para hallar por el pie la ligereza

Del libro inédito: *El corazón y la Tierra*

PRIMAVERA

Era una noche azul; la primavera
inundaba mis sienes y mis manos
y era el mundo, muchacha, un fruto inmenso
cálido, abierto, mudo y entregado.

Sentí mi carne desprenderse, irse
por el paisaje misterioso y claro,
mi sangre fué con los arroyos lentos,
mi corazón perdióse en el espacio.

Era hermoso en la piel sentir el roce
hecho leve suspiro, de los astros
y tener en la mano, dulcemente
un murmullo de nubes y de pájaros.

Me fundí con el aire, con las cosas,
sentí el fondo del mundo entre los labios
y palpité en la noche inmensa, grande,
como un tremendo arcángel derramado.

Mas de repente, amor, volví a mi pena,
creció la realidad en mi costado:
Me faltabas, muchacha, me faltabas!
¡Iba yo solo, loco, delirando!...

RAFAEL MORALES

Del libro inédito: *El corazón y la Tierra*

CANCIONES

I

Que densidad ardorosa
la de este aire dormido!
El viento es pájaro preso,
que está en su celda callado
como un corazón rendido.

2

Palacio de nubes
que habita la ausencia.
Voy por sus estancias
escuchando siempre
voces que no suenan.

3

Bogar sin vela ni ancla,
como nube.
Agua flotante y desnuda,
alma bogando en el alma.

4

Las sombras tienen un puente
de luna a luna tendido.
Por la música lo busco
y por ese cielo frío
de altas nubes silenciosas
en esta noche de vidrio.

5

Solo, mi amor de la tierra
parece fuego.
Solo, mi amor de lo alto,
nube parece de hielo.
¡Ruge hoguera y crece ciega!
¡Y tu, quieto, amor del cielo!
Déjale subir a ti,
Dorada nube a lo eterno...

6

Palomas del espíritu
que se van por los cielos,
en donde el tuyo irradia
— astro-iman — su secreto.
Les aguardo en el vértice
mas alto del anhelo
que las quiere cegadas
del resplandor supremo.

7

En plena inundacion de soledad
donde flotan nostálgicos recuerdos,
es tónica la luna del cantar,
de la brisa el silencio y el enzueño.

8

Luna : tú que abres
los capullos del sueño;
ven a mirarte a mi arroyo
para que yo hunda
mis manos en el cielo.

Se me ha empañado el espejo
de este día
con el vaho del mal sueño,
y no sabré de los oros
ni del ritmo
de los pájaros en vuelo.

10

Toda la luz madurada
y todo el celeste ardor
de este claro mediodía
quiero retener, amor.
Para ir ciñendo luego
como con caliente túnica
la desnudez del recuerdo.

11

Sobre las rutas pálidas del viento
caminan las estelas desprendidas
de los soñados besos.
Bajo las tierras cálidas germinan
— ciego temblor de sangres ignoradas —
inéditas caricias.

POEIRA

— Árvores, amigas árvores do parque silencioso
não vistes, à tardinha, passar a minha amada?
Ela usa um vestidinho simples, gracioso,
e a sua expressão é ingénua, delicada...
Não a conheceis, árvores do parque silencioso?

Pequenino regato, diz-me, em teu espelho verde
não veio remirar-se a minha amada linda?
A essa hora em que o sol lá nos longes se perde
não esperas também, ansioso, a sua vinda?
Pequenino regato, que diz o teu espelho verde?

Ervas humildes, ervas rasteiras do caminho,
a minha amada não passou por aqui?
Mal vos deve tocar seu fino sapatinho,
que um andar assim tão leve eu nunca vi...
Que me contaís, ervas rasteiras do caminho?

— Essa que dizes passou por aqui há muito tempo,
há muitos anos... Invernos que lá vão!
Deve agora habitar algum velho convento,
perdido em longínqua e fria região...
Agora por aqui há só a poeira e o vento...

SAÚL DIAS

FLUXO REFLUXO

Se de novo alguém anda a moldar o barro,
Ou se as trevas desabarão qual novo dilúvio,
Não sei.

Que a vida não é só para viver,
No que o teu ventre promete
Como fruto maduro num dia de sol,
Sei.

Se vale a pena
O resto de poesia
Que da vida se evola.
Não sei.

Tudo o mais
Que nos sentidos é eco
De nada,
Sei.

TOMAZ KIM

QUATRO SONETOS DA
IMAGEM DA NOITE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

SONETO VIII

FOI SÓ ERGUER A MÃO, COMO QUEM CORTA
DA ROSEIRA DA NOITE, DUAS ROSAS,
E NO JARDIM SEM FIM DA TREVA MORTA,
COLHER DUAS ESTRELAS MAIS FORMOSAS.
UMA ELEVEI-A, EM FACHO, NOS MEUS DEDOS,
E VOLTEI-A, SORRINDO, AO CÉU DO NORTE.
METI OUTRA NA CAIXA DOS SEGREDOS,
QUE GUARDAVA O CLARÃO DA MINHA MORTE!
AGORA VOU, DE ESTRELA ERGUIDA EM FACHO,
CAVALGANDO, NO ESPAÇO, UM CORCEL MORTO,
A OLHAR, DE CIMA, A VIDA LÁ DE BAIXO,
E O MAR DO CHÃO, SEM ONDAS E SEM PORTO.
AGORA VOU! MAS VOU ONDE ME LEVA
A ESTRELA EM QUE FECHEI A MINHA TREVA.

SONETO XVI

O DIABO LÁ ESTAVA, DE MÃOS POSTAS!...
UM PÉ NO RIO, O OUTRO NA MONTANHA.
DEPOIS, JÁ NÃO SEI BEM POR QUE ARTIMANHA
CUSPIU, E PÔS A LUA E O SOL AS COSTAS.
DA LUA FEZ A LIRA QUE HOJE TANJO;
DO SOL, A PAUTA DAS VERDADES NUAS.
OLHAVA, ALTIVO, O AÇO DAS CHARRUAS,
E RUFLAVA NO ESPAÇO AS ASAS DE ANJO.
MAS O RIO SECOU AOS PÉS DO DIABO!
VESTIU-SE O CHÃO DE MORTE E O CÉU DE LUTO!
ENTÃO PÔS-SE A ROER O PRÓPRIO RABO,
À ESPERA DE QUE AS PEDRAS DESSEM FRUTO.
DEIXA QUE O RIO CORRA PARA O MAR!
VAI PÔR A LUA E O SOL NO SEU LUGAR!

SONETO XXXVIII

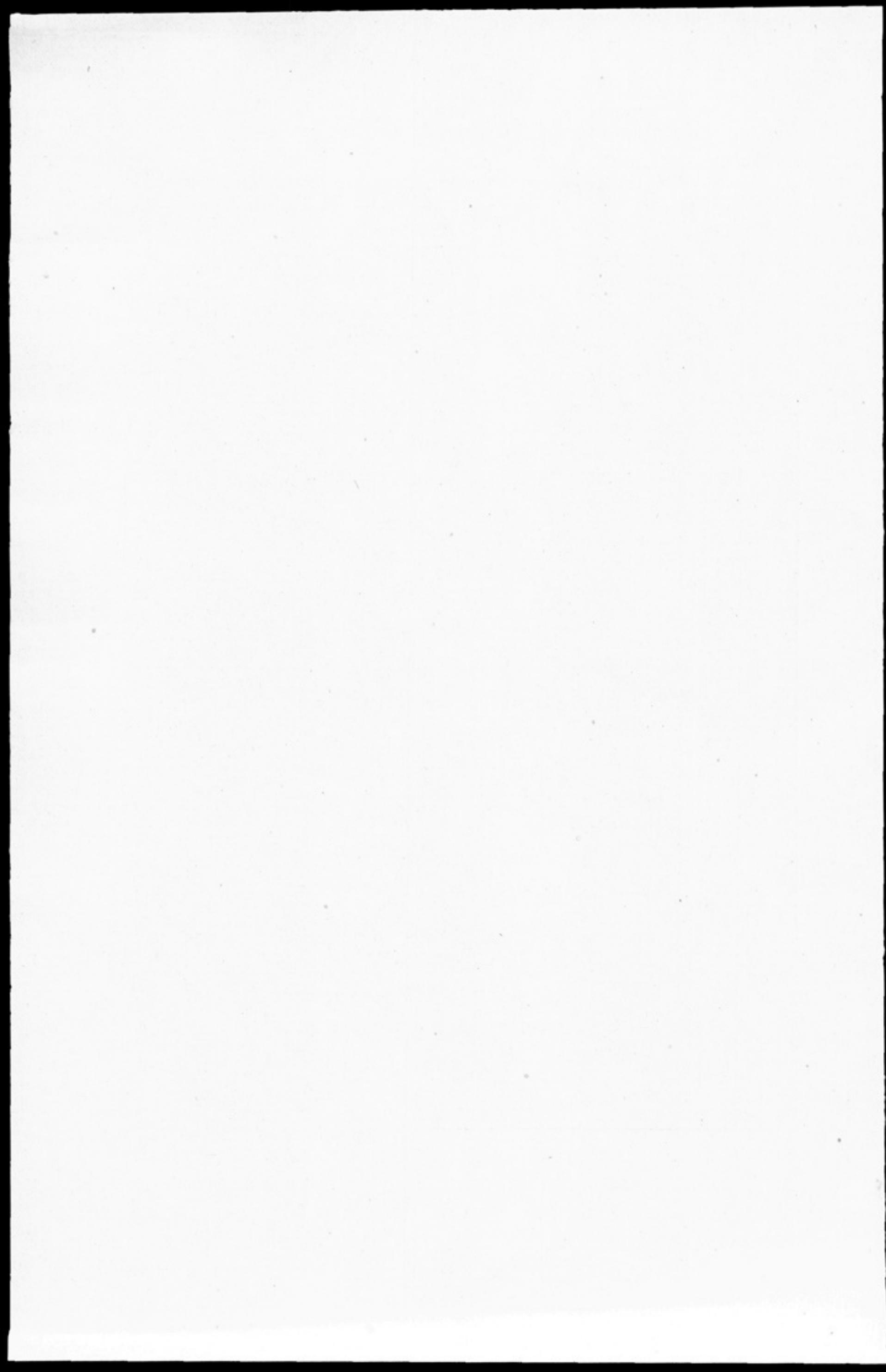
*ERA ALI O PRINCIPIO DA MANHÃ.
AVES NO CÉU DAS ÁRVORES CANTAVAM
SOBRE A MACIEIRA VERDE SEM MAÇA
E A INOCÊNCIA DAS MÃOS QUE A DESEJAVAM.
NUS, SENTADOS A SOMBRA DA MACIEIRA,
ERAM AINDA OS CORPOS LUZ DA ALTURA,
— SOMBRA NO CHÃO, ALMA TÃO CLARA E PURA,
QUE CORPO E ALMA ERAM A LUZ INTEIRA.
NADA NOS SEPARAVA DO QUE VÍAMOS.
OLHÁVAMOS APENAS EM REDOR.
E, SENDO NÓS AS COISAS, EXISTÍAMOS
COMO O FRUTO NO PÓLEN DUMA FLOR.
MAS DUMA FLOR EM SEU PUDOR FECHADA,
DE ONDE ROMPESSSE A LUZ DA MADRUGADA.*

SONETO XXXIX

*E VESTIMOS A GRAÇA DE INOCENTES,
QUANDO O FRUTO NASCEU, E DE SEUS RAMOS
NOS DESCEU, COMO FOGO, AOS LABIOS QUENTES,
E CONSCIENTES DE AMOR NOS ABRAÇAMOS.
JÁ NO CORO DO CÉU SILVAVA O RISO
DO DEMÓNIO FELIZ DA SUA OBRA,
QUANDO O ANJO DESCEU AO PARAISO
PARA VENCER OS ÍMPETOS DA COBRA.
DEUS BEM SABIA TUDO... E NEM SEQUER
PERGUNTOU ONDE ESTAVAMOS, POIS ELE
ERA EM NÓS CÉU E TERRA A QUERER, E A SER
SANGUE ETERNO DA VIDA EM NOSSA PELE.
POR ISSO O ANJO, AO VER-NOS, QUEBROU LOGO
SUA ESPADA VERSÁTIL E DE FOGO!*

CAMPOS DE FIGUEIREDO





Quis o Ex.^{mo} Senhor Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, Presidente do Instituto de Coimbra, confiar-me a organização do presente número consagrado à memória do Poeta Eugénio de Castro. Em vez de me esquivar, alegando incompetência para o desempenho de tão delicada missão, aceitei-a, sem falsa modéstia e idealizei imediatamente uma espécie de IN-MEMORIAM à altura do Poeta. Para que a homenagem correspondesse ao meu desejo, fiz algumas diligências que se malograram.

O volume, por isso, ficou relativamente pequeno. Poderia engrossar-se, inserindo nele temas sem qualquer relação com a vida e a obra do Poeta. Preferi convidar os poetas a afirmarem a sua presença que significa, implicitamente, a homenagem de cada um à memória do Camarada morto.

Desejaria, também, que os poetas estivessem mais largamente representados. Mas nem todos os convidados, quer directa quer indirectamente, puderam colaborar.

Apesar-de contrariedades e dificuldades mais ou menos vencidas, o volume aí fica a testemunhar a admiração dos que se dignaram colaborar nele.

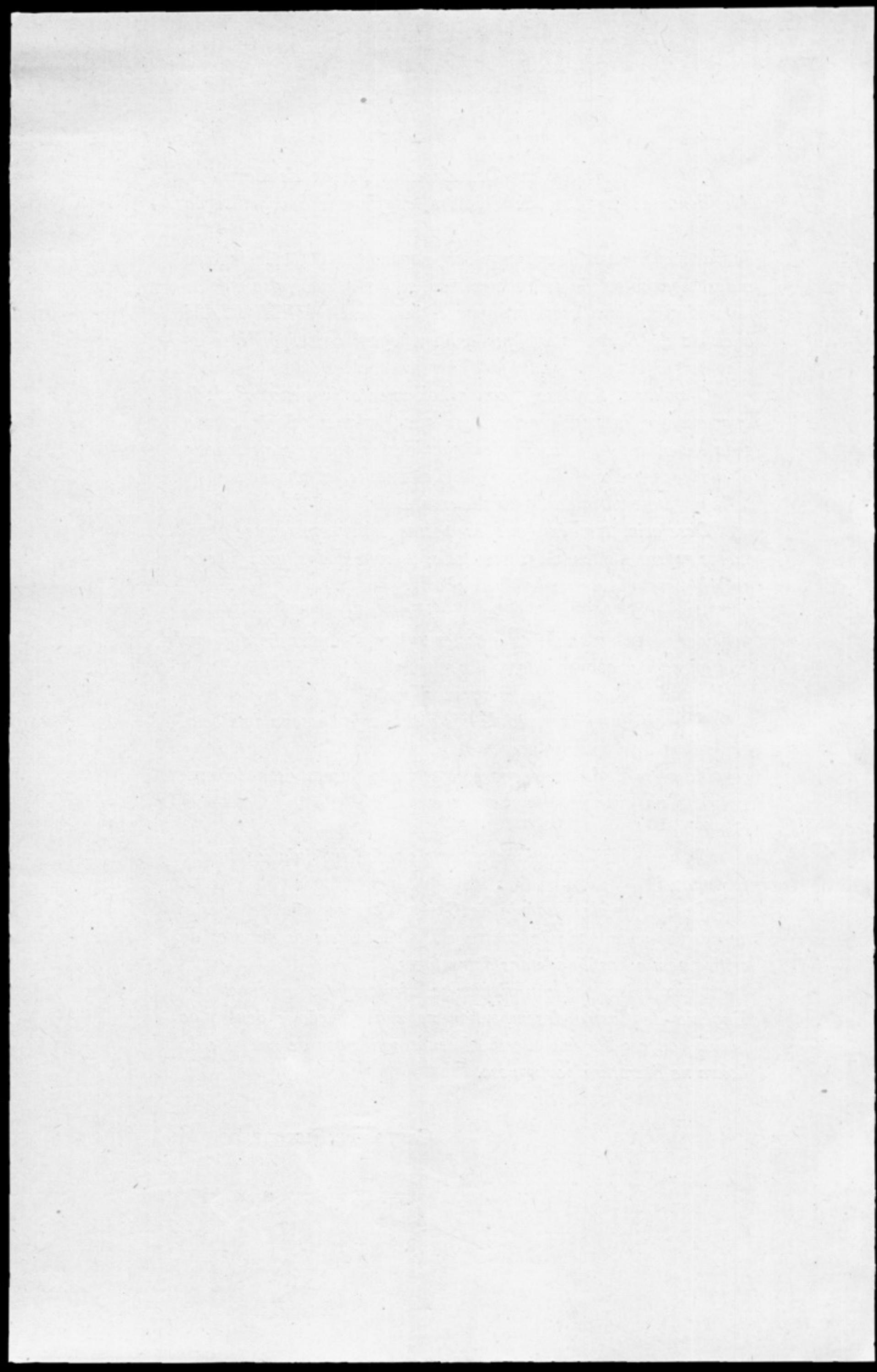
A todos, o nosso sincero agradecimento.

Está ainda muito perto de nós a presença humana do Poeta. Os juízos dos homens acerca da sua Obra talvez não possam considerar-se definitivos agora, como não foram os de alguns seus contemporâneos, quando appareceu o Nefelibata e o revolucionário.

O tempo foi e continua a ser o verdadeiro juiz infalível e respeitável.

Se a Obra de Eugénio de Castro tiver ou não de resistir ao tempo, nada poderão contra ela e contra ele os favores da crítica nem a hostilidade dos detractores.

Uma coisa poderá afirmar-se afoitamente: o papel que Eugénio de Castro desempenhou na sua geração e dentro da poesia confere-lhe, incontestavelmente, um lugar de relevo e de honra na literatura portuguesa.



SONETO

Que pensamento o foi alguma vez,
de puro pensamento só nutrido?
Os sons não os trazemos no ouvido.
Olhar, que olhar és tu quando não vês?
Porque há-de ser pensar um vão revés
em que o homem concreto é o vencido?
Melhor que em ilusões andar perdido
é no chão firme assentar bem os pés.
Duvidar que o que existe exista ou não
não é forma de dúvida sequer,
mas apenas temor e fingimento.
A dúvida é o espelho da razão.
Não crer, porém, na vida, é já morrer.
E é na vida que vive o pensamento.

ARMINDO RODRIGUES

NOCTURNO

Céleres somem-se as horas:
sôfregos delas quem sofre?
Jóias metidas num cofre
princesa-Vida não choras?

*Chegou-nos querida o outono.
E estamos na primavera
Outono na primavera
Já neva nos meus cabelos
E as rosas das tuas faces
Murcharam amor murcharam*

Longa distância da infância
vai a vida percorrida
prenhe de ânsia, de inconstância
sem saída merecida...

*Nesta noite sem luar
Conceberemos o filho
Que nos pode prolongar*

Quando? a onda que liberta
da diária luta incerta
oh penitentes dum inferno,
gotas do oceano eterno?!...

Coimbra -- 1945

ARQUIMEDES DA SILVA SANTOS

SONETO

Quero a morte da fome e da nudez,
não do amor, mas da inútil grandeza :
meu firme coração de gandarês
é fogo posto às palhas da pobreza !

Quero a morte das lágrimas escuras,
a dor inútil redimida em fogo,
quero a paga do pó das sepulturas.
— Acorda, mundo, em teu humano logro !

Como ao sopro dum vento que nascesse
na rasa solidão de cada alma,
já meus versos retomam seu destino :

já de novo em meus olhos se conhece
a certeza da terra indescoberta
que, além de nós, aguarda e amanhece !

CARLOS DE OLIVEIRA

VIVIAMOS?

Viviamos?

Pois sobre nós pesava, sufocante, enorme,
O ar fechado dos sepulcros,
Sem que tivéssemos morrido;
Era um vibrar ausente do Amor,
Sem frio e sem calor,
Onde o sol de tanto ser lembrado ia sendo esquecido...
Movimento larvar onde parava o tempo
E a luta morria na memória em eco surdo;
Onde de tanto no sono nos movermos
E nele, à quem do sonho, palpitaríamos,
A negação da Vida e a da Morte vinham
Compor um mundo absurdo!

Mas não tínhamos morrido,
Porque um dia,
À prisão da baça luz em que jazíamos,
Chegava uma réstea da luz que a venceria
Alguém seguindo-a já forçara portas
Assim como um dia adormeceramos
Despertávamos um dia;
E em nosso tactear de encegueirados
O latejar de esperanças que seriam mortas
Era o sinal de estarmos acordados.

Do fundo de uma noite paralítica,
Com o rosto dos dias mascarada,
Agora sabíamos que vínhamos,
Como era lenta enchendo o espaço a madrugada!
Mas a agonia dum relâmpago no ar,
Anunciadora de trovões que mal se ouviam,
Galvanizando nossas forças esvaídas,
Era bastante para alumiar
O começo das coisas definidas.

Agora podia ser o dia com a sua noite,
A noite com o seu dia.
Podia ser a Vida que não é sem Morte,
E a Dor raiz imensa que sacode a Terra,
Onde abre a flor imensa da Alegria!

Podia ser de novo o Sol,
O da luta de tudo animador,
A revolver as águas e o ar,
Trazendo o vento,
Com sua luz, seu fogo e seu calor.
Seria em breve o Sol,
Destino mais verdadeiro e mais erguido,
A todos nós e a cada um, abrindo.
Sim,
Despertávamos, por fim:
O lema, traiçoeiro,
Da ressurreição dos mortos, desmentindo!

Lisboa.

EDMUNDO DE BETTENCOURT

BUCÓLICA

Cresce até no monturo a flor da esperança!
— Pudesse eu ver um povo devorar a sina
aos seios do amor e da abastança!

Ser outra a vastidão dos horizontes
onde vogue liberta uma canção que trina
igualada ao riso bom das fontes.

Sem serpentes enroscadas na voz
ouvir gritar na terra a fanfarra do sonho
apenas murmurado entre nós.
Já encerrada a arca-de-aliança
— troféu de guerra que em tuas mãos deponho
e craves no porvir como uma lança!

JOÃO JOSÉ COCHOFEL

NOTAS FINAIS

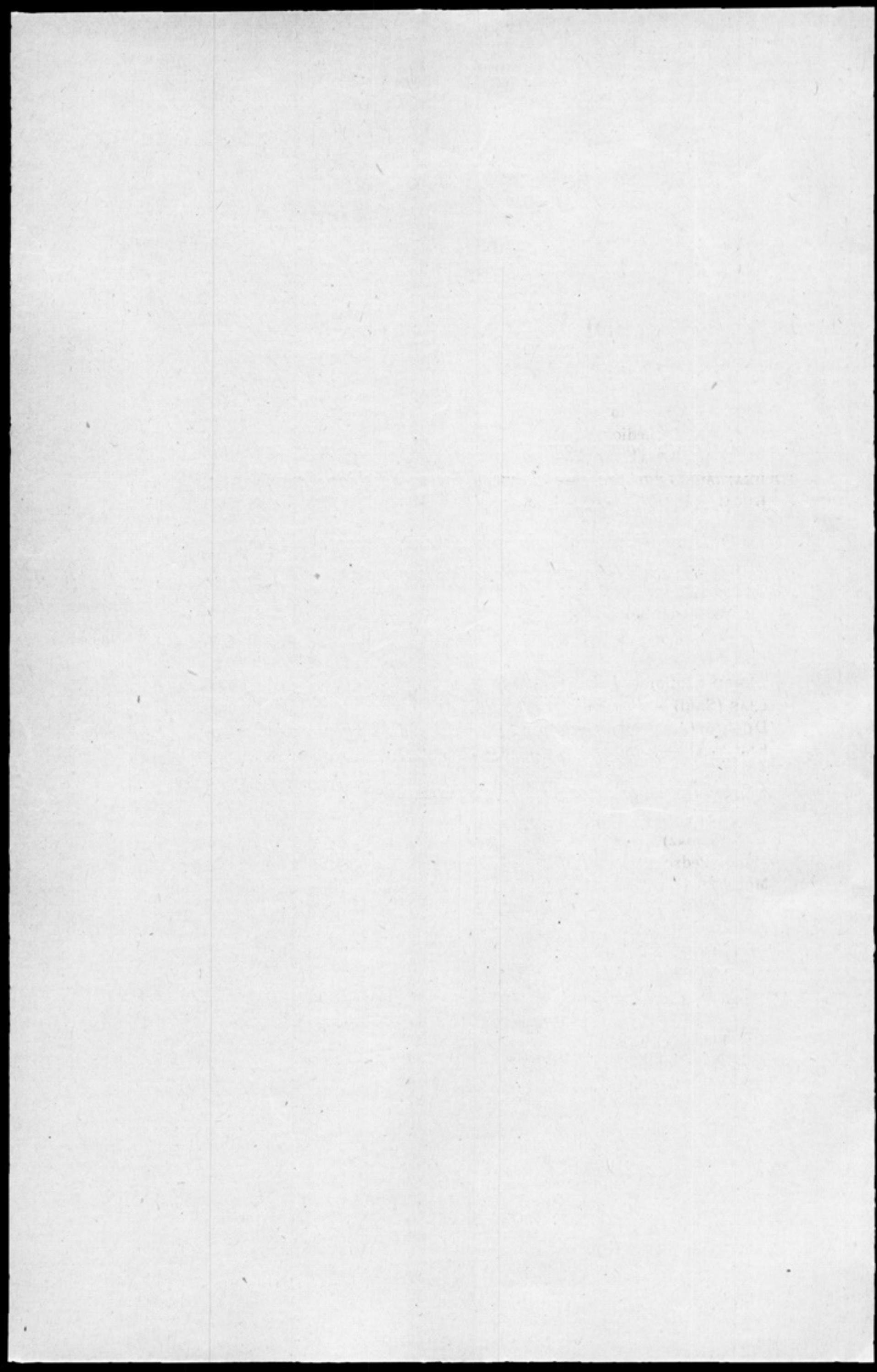
Os cinco poemas aqui publicados depois da nota com que encerrávamos o presente volume, foram recebidos quando ele estava pronto para brochar.

O leitor ficará sabendo que só essa circunstância evitou que eles não seguissem a ordem que lhes competia.

*

Rafael Morales e Remédios de La Bárcena, colaboradores deste número, acompanharam o cadáver de Eugénio de Castro ao Cemitério, entre o grupo lamentavelmente pequeno das pessoas de Coimbra que se encorporaram no féretro.

C. de F.



ÍNDICE POR AUTORES

	Págs.
ANDRADE (Eugénio de) — <i>Soneto</i>	126
BARCENA (Remédios de la) — <i>Canciones</i>	146
BETTENCOURT (Edmundo de) — <i>Viviamos?</i>	165
BRANDÃO (Júlio) — <i>Eugénio de Castro</i>	106
BUGALHO (Francisco) — <i>Horas de Coimbra</i>	128
CARVALHO (Amadeu Ferraz) de) — <i>Eugénio de Castro visto por um filistino</i>	29
CARVALHO (Anselmo Ferraz de) — <i>31 de Janeiro de 1946</i> ...	1
CIDADE (Hernani) — <i>Eugénio de Castro e o «Diamante negro»</i>	61
CHASTE (Denyse) — <i>Les thèmes symbolistes dans l'oeuvre d'Eugénio de Castro</i>	85
COCHFEL (João José) — <i>Bucólica</i>	168
DANTAS (Júlio) — <i>Eugénio de Castro</i>	81
DIAS (Saúl) — <i>Poesia</i>	151
DUARTE (Afonso) — <i>In memoriam</i>	113
FIGUEIREDO (Campos de) — <i>Quatro sonetos da imagem da noite</i>	153
FIGUEIREDO (Campos de) — <i>Notas finais</i>	169
JOSÉ (Fausto) — <i>Cantar de amigo</i>	127
KIM (Tomaz) — <i>Fluxo refluxo</i>	152
MELO (Pedro Homem de) — <i>Mater dolorosa</i>	137
MORALES (Rafael) — <i>Duas poesias</i>	141
NASCIMENTO (Cabral do) — <i>Soneto</i>	115
NEMÉSIO (Vitorino) — <i>Perfil de Eugénio de Castro</i>	5
OLIVEIRA (Carlos de) — <i>Soneto</i>	164
QUEIROZ (Carlos) — <i>Três poesias</i>	117
RÉGIO (José) — <i>Tese e antítese</i>	136
RODRIGUES (Armindo) — <i>Soneto</i>	161
ROUSÉ (Jean) — <i>Chanson du menuisier</i>	130
SANTOS (Arquimedes da Silva) — <i>Noturno</i>	163
SENA (Jorge de) — <i>Para o aniversário do poeta</i>	135

ÍNDICE POR ARTIGOS

	Págs.
<i>Bucólica</i> — JOÃO JOSÉ COCHFEL	168
<i>Canciones</i> — REMÉDIOS DE LA BARCENA	146
<i>Cantar de amigo</i> — FAUSTO JOSÉ	127
<i>Chanson du menuisier</i> — JEAN ROUSÉ	130
<i>Duas poesias</i> — RAFAEL MORALES	141
<i>Eugénio de Castro visto por um filistino</i> — AMADEU FERRAZ DE CARVALHO	29
<i>Eugénio de Castro</i> — JÚLIO DANTAS	81
<i>Eugénio de Castro</i> — JÚLIO BRANDÃO	106
<i>Eugénio de Castro e o «Diamante negro»</i> — HERNANI CIDADE	61
<i>Fluxo e refluxo</i> — TOMAZ KIM	152
<i>Horqs de Coimbra</i> — FRANCISCO BUGALHO	128
<i>In memoriam</i> — AFONSO DUARTE	113
<i>Mater dolorosa</i> — PEDRO HOMEM DE MELO	137
<i>Notas finais</i> — CAMPOS DE FIGUEIREDO	169
<i>Noturno</i> — ARQUIMEDES DA SILVA SANTOS	163
<i>Para o aniversário do poeta</i> — JORGE DE SENA	135
<i>Perfil de Eugénio de Castro</i> — VITORINO NEMÉSIO	5
<i>Poesia</i> — SAÚL DIAS	151
<i>Quatro sonetos da imagem da noite</i> — CAMPOS DE FIGUEI- REDO	153
<i>Soneto</i> — ARMINDO RODRIGUES	161
<i>Soneto</i> — CARLOS DE OLIVEIRA	164
<i>Soneto</i> — EUGÉNIO DE ANDRADE	126
<i>Soneto</i> — CABRAL DO NASCIMENTO	115
<i>Tese e antítese</i> — JOSÉ RÉGIO	136
<i>Thèmes (Les) symbolistes dans l'oeuvre d'Eugénio de Castro</i> — DENYSE CHASTE	85
<i>Três poesias</i> — CARLOS QUEIROZ	117
<i>Viviamos?</i> — EDMUNDO DE BETTENCOURT	165
<i>31 de Janeiro de 1946</i> — ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO ...	1

